



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**QUEM SOU EU (S)EM TI?
A TÁCITA ALTERIDADE NA AUTO-MUTILAÇÃO**

JAMIE JOSÉ BRAZ LOPES

Orientadora de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA EMÍLIA DA SILVA MARQUES

Coordenadora do Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA EMÍLIA DA SILVA MARQUES

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília da Silva Marques, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria Emília Marques, minha orientadora e mentora, por todo o apoio, críticas e profissionalismo; pela disponibilidade, paciência e premência para a excelência. Por me iluminar o caminho, sem o revelar. Lembrar-me-ei que “*cadelas apressadas parem cachorros cegos*”. Um muito obrigado!

Às participantes no estudo. Sem vocês este trabalho não seria possível.

Ao Professor Doutor Luís Silva Pereira, pelo seu apoio com fontes de informação de natureza antropológica.

Ao Professor Doutor Luís Delgado e à Professora Marta Gomes por me deliciarem com um *amuse-bouche* das provas projectivas.

À Professora Doutora Maria Antónia Carreiras, por me ter navegado pelo mar da prática Clínica.

À Professora Doutora Paula Ponce de Leão, por acreditar e exigir mais de mim com um carinho e apoio especial.

Aos meus pais e irmã, por todo o apoio que me deram, incentivando sempre a persistir mais além. A eles devo a minha resiliência.

Aos amigos que me acompanharam pelo meu percurso – Carolina Borges, Catarina Cristóvão, Débora Lucindo, Diogo Antunes, Eva Duarte, Filipa Fonseca, Filipa Jardim, Francis Teplitzky, Francisco Marcus, Isabelle Malleroni, Joana Fialho, Luís Silva, Rita Costa, Rita Teodoro, Sara Caeiro, Tatiana Soares, Telma Martins –, pelos bons momentos, entusiasmo, encorajamento, companheirismo e bom humor. Cada um tem um lugar especial para mim.

Aos que ousaram partir e aos que obstinam prevalecer.

«Because every pleasure or pain has a sort of rivet with which it fastens the soul to the body and pins it down and makes it corporeal, accepting as true whatever the body certifies.»

- Platão, in *Phaedo*

RESUMO

Comportamentos auto-mutilatórios – escoriação deliberada do corpo sem ideação suicida – têm, desde há muitos anos, sido tratados como tentativas de suicídio. Estas manifestações consideradas patológicas, que não obedecem a motivos socialmente sancionados, têm apresentado uma crescente incidência nos últimos anos, tanto pelo adoecimento psicossomático quer pelo *agir*.

Neste estudo, procura-se estudar a dinâmica dos processos de identidade a nível da alteridade enquanto processo intrínseco à formação do *eu* em duas participantes – de 21 e 24 anos, do sexo feminino – com comportamentos de auto-mutilação.

Os instrumentos utilizados foram o Rorschach e a Entrevista Narrativa em Associação Livre. No Rorschach construiu-se uma grelha de procedimentos de análise específica à problemática da alteridade: a *dependência do sujeito face ao outro*; a *indistinção eu-outro, interno-externo*; a *fragilidade na função continente e na função de pára-excitação*; a *dificuldade na separação e individuação* e a *problemática na identidade e representação de si*; na Entrevista Narrativa em Associação Livre foi feita uma desconstrução com base nas elaborações, movimentos e transformações que o sujeito faz de *si* e do *outro*.

Os resultados evidenciam uma falha nos processos de alteridade em ambas as participantes, indicando uma fragilidade na representação do *eu* e uma dependência anaclítica em relação ao *outro* enquanto co-construtor da identidade. O comportamento auto-mutilatório é considerado como um *acto continente transitivo* que, perante a incapacidade do sujeito conter inscrições psíquicas, actua como potenciador de conforto e mediação entre o *eu* e o *outro*, interno e externo, permitindo uma contenção temporária de conteúdos invasivos ao espaço psíquico.

Palavras-chave: Auto-mutilação; identidade; alteridade; Rorschach; Entrevista Narrativa em Associação Livre.

ABSTRACT

Self-mutilative behaviours – a deliberate excoriation of the body without suicidal intent – have been treated as suicide attempts for many years. These manifestations, which are considered as pathological and that do not obey socially sanctioned motives, have shown an increasing incidence in recent years, whether through psychosomatic illness or via *acting out*.

In this study, we attempt to understand the dynamics of identity processes at the level of alterity as a process which is intrinsic to the formation of the self in two participants – 21 and 24 years old, both female – with self-injurious behaviours.

The instruments used were the Rorschach and the Free Association Narrative Interview. On the Rorschach, a grid was constructed with analysis procedures specific to the problem of alterity: the *dependence of the oneself to the other, oneself-other, internal-external indistinctness, fragility in the continent function and para-excitement function, separation and individuation difficulty and identity and oneself representation problematic*, in the Free Association Narrative Interview a deconstruction based on elaborations, movements and transformations – that the subject makes between *oneself* and *others* – was made.

Results show a failure in the alterity processes in both participants, which indicates a weakness in the representation of oneself and an anaclitic dependence with the other as co-constructor of identity. Self-mutilation is regarded as a *transitional containing act* that, before the inability to contain psychic inscriptions, acts as an enhancer for comfort and mediation between oneself and other, internal and external, allowing a temporary containment of invasive contents to the psychic space.

Key-words: Self-harm; identity; alterity; Rorschach; Free Association Narrative Interview.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	X
REVISÃO DA LITERATURA	1
OBJECTIVO	21
MÉTODO	23
PARTICIPANTES	23
INSTRUMENTOS	23
Teste de Rorschach	23
Entrevista Narrativa em Associação Livre	27
PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE NO RORSCHACH	29
PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE NA ENTREVISTA NARRATIVA EM ASSOCIAÇÃO LIVRE	32
ANÁLISE DOS DADOS	33
ANÁLISE DO RORSCHACH	33
Dependência do sujeito face ao outro	41
Indistinação eu-outro, interno-externo	41
Fragilidade na função continente e na função de pára-excitação	43
Dificuldade na separação e individuação	44
Problemática na identidade e representação de si	44
ANÁLISE DA ENTREVISTA NARRATIVA EM ASSOCIAÇÃO LIVRE	46
Decomposição da Entrevista	46
Fragilidade do Eu	49
O Eu (s)em o Outro	51
DISCUSSÃO	54
CONCLUSÃO	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

ANEXOS	73
ANEXO A – PROTOCOLO RORSCHACH, SANDRA 21 ANOS	74
ANEXO B – PSICOGRAMA RORSCHACH, SANDRA 21 ANOS	83
ANEXO C – PROTOCOLO RORSCHACH, OLÍVIA 24 ANOS	85
ANEXO D – PSICOGRAMA RORSCHACH, OLÍVIA 24 ANOS	88
ANEXO E – ENTREVISTA NARRATIVA EM ASSOCIAÇÃO LIVRE, SANDRA 21 ANOS	89
ANEXO F – ENTREVISTA NARRATIVA EM ASSOCIAÇÃO LIVRE, OLÍVIA 24 ANOS	91
ANEXO G – VALORES NORMATIVOS NA PROVA RORSCHACH	93
NOTAS DE RODAPÉ	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Parâmetros de análise dos protocolos Rorschach	31
Tabela 2. Parâmetros de Análise do Rorschach da Sandra	38
Tabela 3. Parâmetros de Análise do Rorschach da Olívia	40
Tabela 4. Decomposição da Entrevista Narrativa em Associação Livre da Sandra	47
Tabela 5. Decomposição da Entrevista Narrativa em Associação Livre da Olívia	48

INTRODUÇÃO

«O que há de mais profundo é a pele.»

Paul Valéry, in *L'Ideé Fixe*

De acordo com Le Breton (2004), o mundo contemporâneo apresenta um testemunho do desenraizamento das matrizes de sentido outrora predominantes na sociedade (e.g. marxismo, socialismo, etc.), assim como uma fragmentação de valores associada à dispersão das próprias referências da vida quotidiana. Com esta contextualização da perturbação do sentido social da vida e, conseqüentemente, do próprio sentido individual deste, o próprio sujeito procura traçar os seus limites, de forma pessoal, erguendo as suas próprias fronteiras de identidade de modo instável e deliberado (Featherstone, 1999; Le Breton, 2004; Wohlrab, Stahl, & Kappeler, 2007). O indivíduo procura, assim, orientar o seu caminho e reconhecer-se enquanto sujeito através da sua própria trama de sentido, transversal às suas limitações demarcadas pelas condições sociais e culturais, assim como o próprio ambiente e história da época em que se insere (Featherstone, 1999; Le Breton, 2004).

A modificação corporal é uma prática exclusivamente humana. O termo abarca uma longa lista de práticas que vão desde os *piercings* e tatuagens, a marcas e mutilações, que levam a uma alteração evidente da aparência ou forma do corpo (Featherstone, 1999). Estas práticas ocorrem em diversas culturas através da história da humanidade, em que homens e mulheres decoravam a sua pele e alteravam os seus corpos por muitas das mesmas razões que levam à sua prática hoje em dia: uma procura de maior desejabilidade sexual, apaziguar ou procurar favores ao(s) seu(s) Deus(es), manifestar um estatuto social ou filiação tribal, colocar a sua resistência à prova, intimidar inimigos, ou mesmo afastar maus presságios ou a própria doença (Babiker & Arnold, 1997; Demarest, 2005; Eliade, 1995; Favazza, 2011; Featherstone, 1999; Gardner, 2001; Le Breton, 2004; Leeming, 1994; Mavundla, Netswera, Bottoman, & Toth, 2009; McCarthy, 1969; Menninger, 1935; Otto, 1981; Straker, 2006; Strong, 2009; Wohlrab, Stahl, & Kappeler, 2007; van Gennepe, 1909). Deste modo, uma vez que o corpo é a matéria-prima da ligação do sujeito ao mundo, a sua soberania na construção de sentido diante a sua relação com o mundo (Le Breton, 2004), as práticas de modificação corporal são uma procura do indivíduo para ganhar controlo sobre o seu corpo, criando um gesto contra o seu próprio corpo e a opressão do seu *habitus*¹ de formação de identidade (Featherstone, 1999), ou seja, ao ter um controlo sobre o próprio corpo, possuindo-o para a transformação, o sujeito é capaz de fomentar a sua própria procura de identidade. O corpo do indivíduo torna-se uma tela onde se expressa enquanto sujeito

presente no mundo, único e particular, exclusivo para si e perante os outros; o corpo deixa de ser uma versão irreduzível de si, passando a ser elaborado como uma construção pessoal, transformada, um objecto transitório e manipulável (Le Breton, 1999, 2004). Actualmente, estas marcas corporais são consideradas como um meio de alcançar autonomia através de uma gravação figurativa de controlo e posse de si, um libertar de limites que visa uma despedida simbólica do corpo que outrora se conhecia como incompleto e insuficiente (Le Breton, 1999).

Uma prática que tem foco essencial no presente estudo é a da mortificação corporal. As manifestações patológicas articuladas ao corpo biológico têm apresentado uma crescente incidência nos últimos anos, tanto pela via do adoecimento psicossomático, quer pela via do agir (Fuks, 2000, cit. in Ferraz, 2007). Apesar da relativa (in)frequência dos comportamentos auto-destrutivos, estas práticas merecem um destaque especial na clínica psicológica, não só devido à sua natureza ameaçadora, mas também por apresentar-se como uma barreira que se impõe ao desenvolvimento social e intelectual (Carr, 1977).

O presente estudo aborda o comportamento auto-mutilatório de duas jovens (21 e 24 anos de idade), para quem o ataque ao próprio corpo compreende não só uma forma de expressão afectiva contida, mas também uma forma de comunicação das suas experiências e afirmação de controlo sobre as suas esferas pessoais de influência – o seu próprio corpo (Motz, 2008; Strong, 2009). Esta expressão de raiva, desdém, vergonha, entre outros, através de escoriação corporal, simboliza esta dor psicológica numa forma concreta de experiência pessoal. De modo manifesto, a auto-mutilação torna a sua dor psíquica conhecida através do mundo externo, expressa o impensável, tornando o corte como simbolismo da sua dor e impedindo esta angústia do pensamento (Gardner, 2001; Motz, 2008).

O panorama actual do estudo destas práticas dirigidas ao próprio encontra-se desprovida de uma compreensão dos conflitos internos e do universo objectal e fantasmático subjacentes ao sujeito auto-mutilador (Kochinski, Smith, Baity, & Hilsenroth, 2008; Nock, 2009; Menninger, 1935; Straker, 2006; Suyemoto, 1998; Warm, Murray, & Fox, 2003; White Kress, 2003). Deste modo, o presente estudo revela a sua pertinência diante da escassa existência de trabalhos referentes ao fenómeno da auto-mutilação como parte de um espólio cultural bem estabelecido, adjunto às suas manifestações contemporâneas patológicas e subjectivamente conformadas, alicerçados numa perspectiva psicodinâmica ao procurar compreender as problemáticas da alteridade enquanto produto de uma construção identitária e reconhecimento da criação e definição de si através de objectos externos. Este último aspecto será aprendido através do estudo de conteúdo projectivo recolhido através do teste de Rorschach e das Entrevistas

Narrativas em Associação Livre de duas jovens participantes do sexo feminino com comportamentos auto-mutilatórios.

“Não pretendemos que uma construção individual seja algo mais do que uma conjectura que aguarda exame, confirmação ou rejeição. Não reivindicamos autoridade para ela, não exigimos uma concordância direta do paciente, não discutimos com ele, caso a princípio a negue. Em suma, conduzimo-nos segundo modelo de conhecida figura de uma das farsas de Nestroy — o criado que tem nos lábios uma só resposta para qualquer questão ou objeção: «Tudo se tornará claro no decorrer dos desenvolvimentos futuros».” (Freud, 1937/1981, p. 265).

O objectivo de estudo fora criado como se de um *Grounded Hypothesis* se tratasse: ao invés de começarmos com uma hipótese de investigação, procurou-se, em primeira instância, recolher dados através de instrumentos privilegiados na investigação psicanalítica; de seguida, foi feita uma análise comparativa entre os dados obtidos, procurando encontrar semelhanças nas expressões dinâmicas das participantes. Após este levantamento, e com base numa revisão de literatura referente à auto-mutilação, levantou-se o presente objectivo do estudo – compreender a dinâmica de alteridade nas participantes com comportamentos de auto-mutilação.

Em primeira instância aborda-se a revisão da literatura sobre este fenómeno considerado patológico, procurando defini-lo terminológica e funcionalmente, contextualiza-lo como prática diferenciada com raízes pertencentes a um espólio cultural e antropológico, e compreender esta prática auto-punitiva com base em teorias psicodinâmicas.

Seguidamente, foram estabelecidas as matrizes compreensivas adjacentes aos instrumentos utilizados. Após esta abordagem, segue-se um levantamento de propostas para a leitura compreensiva dos processos de alteridade com base em procedimentos de análise específicos para o Rorschach, assim como uma decomposição das Entrevistas Narrativas em Associação Livre nesta mesma linha.

Num terceiro momento é realizado um levantamento destes procedimentos existentes em ambas as provas, seguido de uma reflexão e discussão destes pontos em conjunto com uma apreciação dos referenciais teóricos abordados na revisão de literatura.

Por último, são realizadas considerações finais do presente trabalho, não só a sua contribuição para a Psicologia Clínica, mas também para um aprofundamento da área referente aos comportamentos auto-mutilatórios, assim como para as provas projectivas e para a, ainda, emergente área de aplicação das Entrevistas Narrativas em Associação Livre.

REVISÃO DA LITERATURA

«Exteriorizei-me de tal maneira dentro de mim que já só existo exteriormente.»

- Fernando Pessoa, in *O Livro do Desassossego*

Na sua natureza, o ser humano é dotado de uma pulsão intrínseca direcionada para a sobrevivência, no entanto por vezes existem comportamentos que atalham e entram este impulso, sendo o suicídio um dos casos mais extremos. Em casos menos extremos, mas igualmente preocupantes, é implícita a concepção que o corpo será utilizado de forma habitual e deliberada como alvo de escoriação invés de destruído ou morto, ou seja, os sujeitos infligem estropiação deliberada sem intenção de morrer.

Nas sociedades industrializadas, a auto-mutilação trata-se de uma conduta auto-destrutiva que suporta um carácter consciente, intencional e directo, produzindo danos físicos ao corpo do próprio, isto é, existe destruição deliberada ou alteração directa do tecido corporal, sem intenção suicida consciente ou procura de estimulação, alicerçado a uma operacionalização do agir patológico, que obedece a motivos não sancionados socialmente (Favazza, 2011; Hibbard, 1994; Hicks & Hinck, 2008; Klonsky, 2007; Menninger, 1935; Nock, 2009; Walsh & Rosen, 1988). Tal compreende um sintoma de angústia interna, que apresenta tanto uma mensagem privada para o sujeito como para os outros (Adshead, 1997). Deste modo, trata-se de uma agressividade auto-dirigida, transformada num ataque físico ao corpo que pode ser traduzido sob a forma de cortar ou alterar uma parte essencial do corpo através da sua escoriação (Favazza, 2011; Kochinski, Smith, Baity, & Hilsenroth, 2008; Pattison & Kahan, 1983; Sim, Adrian, Zeman, Cassano, & Friedrich, 2009), sugerindo um comportamento auto-destrutivo sediado no agir patológico, associado à existência de um mundo interno de natureza frágil e primitiva (Baity, Blais, Hilsenroth, Fowler, & Padawer, 2009). Este comportamento tem um carácter repetitivo e resulta em danos ligeiros ou moderados, diferenciando-se da auto-mutilação grave que é caracterizado por danos maiores, tais como auto-castração ou enucleação ocular, sem existir repetição do comportamento e geralmente associado a psicose (Favazza & Rosenthal, 1990; Oumaya, Friedman, Pham, Abou Abdallah, Guelfi, Rouillon, 2008; Simpson, 1980). Ademais, a auto-mutilação não se encontra associada a um comprometimento cognitivo geral e é diferenciada de comportamentos de auto-injúria estereotipados relacionadas com atraso mental ou com o autismo (Favazza & Rosenthal, 1990; Feldman, 1988; Suyemoto, 1998). Assim, os comportamentos de auto-mutilação patológica constituem um objecto de estudo clínico rico, não

só devido à sua natureza potencialmente fatal, mas pelos vários significados que pode acarretar devido ao seu domínio multifuncional, transversal e de difícil predição clínica (Carr, 1977; Hicks & Hinck, 2008).

Os comportamentos auto-mutilatórios, especialmente cortes deliberados na pele, têm sido tratados tanto como uma conduta suicida ou como um pedido de ajuda, sendo muitas vezes rotulados como manipulativos ou impulsivos (i.e. *acting-out*) (Hibbard, 1994). Ambas as perspectivas têm bases que as fundamentam no entanto é necessário apresentar um olhar clínico enfatizado nas problemáticas primitivas inerentes a este comportamento (Doctors, 1999; Hibbard, 1994). Tendo em conta esta organização interna, em torno de uma natureza caótica do mundo psíquico do sujeito, marcado por reacções terapêuticas negativas e impasses masoquistas, podem existir agravantes significativas para a compreensão e tratamento dos distúrbios psíquicos e das estruturas internas destes indivíduos (Fowler & Hilsenroth, 1999). Assim, a auto-mutilação é diferenciada da ideação suicida pela percepção do sujeito sobre o acto em si, a sua função atribuída à prática e as características associadas (Adshead, 1997; Doctors, 1981; Pao, 1969; Podvoll, 1969; Simpson, 1976; Suyemoto, 1998).

Este ataque dirigido ao próprio tanto pode ocorrer na presença de pensamentos suicidas, como ocorrer com ou sem a intenção de morrer, ou mesmo independentemente de pensamentos suicidas (Fortune, Seymour, & Lambie, 2005). Ao contrário da abordagem de Campbell e Hale (1991), que procuraram descrever um modelo da auto-mutilação que identifica motivações suicidas inconscientes inerentes a este comportamento, incluindo a fantasia da “eliminação”, no qual aspectos negativos do *self* podem ser evacuadas através de ataques ao próprio corpo, Pattison e Kahan (1983), que consideram a ideação suicida como um aspecto independente da auto-mutilação, e Simpson (1976), Ross e McKay (1979) afirmam que a auto-mutilação trata-se de um acto contraintensional ao suicídio, pois o corte na pele apresenta-se como uma fonte de alívio rápido e eficaz a um estado disfórico anterior, não podendo ser compreendido no panorama do suicídio. Apesar da maioria dos sujeitos com comportamentos de auto-mutilação apresentarem alguma forma de ideação suicida em alguma parte da sua vida e, assim, apresentarem finalidades internamente distintas, Menninger (1985) afirma que estas práticas são uma procura de uma forma de cura própria e de preservação do *self*. Tendo como base os conceitos Freudianos das duas pulsões primárias humanas opostas a si – a pulsão de vida e a pulsão de morte – o autor considera a auto-mutilação como um compromisso fascinante de uma batalha incessante entre os impulsos agressivos e o instinto de sobrevivência. Deste modo, a auto-mutilação representa um sacrifício a uma parte do corpo em prol da protecção do seu todo. Em suma, enquanto sujeitos com ideação suicida desejam morrer e encontram na morte uma fuga e um desejo de cessar todos

os sentimentos, os indivíduos que se auto-mutilam não procuram morrer, mas sim viver livre de pensamentos, comportamentos e sentimentos disfóricos, através de uma prática mórbida de regeneração, de retorno a um estado de normalidade, sendo uma forma de apaziguar conflitos internos (Favazza, 2011).

Perante esta conduta auto-destrutiva, os métodos mais comuns são: cortar-se (auto-mutilação), queimar-se, arranhar-se, morder-se beliscar-se, bater-se no corpo, etc. (Favazza, 2011; Feldman, 1988; Simpson & Porter, 1981; Simpson, 1980). A auto-mutilação (i.e. o corte na pele) apresenta-se como a forma mais comum de auto-destruição, em que as principais zonas corporais atacadas são, geralmente, os braços, os pulsos, os tornozelos, o ventre, as axilas, os pés e as pernas (Klonsky, Oltmanns, & Turkheimer, 2003; Hicks & Hinck, 2008; Walsh, 2005). Mais ainda, estas práticas apresentam um carácter auto-lesivo directo, distinto dos demais comportamentos aparentemente auto-destrutivos como as perturbações de alimentação, o abuso de drogas, perturbações factícias, comportamentos sexuais de risco ou as cirurgias escolhidas repetidas (Babiker & Arnold, 1997). É, também, fundamental esclarecer a existência de modificações corporais que são socialmente sancionados e aceites dentro da comunidade e que, apesar de provocarem alterações directas e deliberadas ao corpo, não são considerados como práticas de auto-mutilação ou sequer considerados como problemáticos (Favazza, 2011; Featherstone, 1999; Le Breton, 2004). Mencionam-se, assim, as formas de modificação corporal com fins artísticos, como *piercings* e as tatuagens, na medida que apresentam propósitos sociais ou espirituais/religiosos, que por sua vez constituem uma forma de expressão cultural ou artística culturalmente promulgada (Babiker & Arnold, 1997; Bolognini, Plancherel, Laget, Stéphan, & Halfon, 2003; Favazza, 2011; Le Breton, 2004; Simpson, 1980; Walsh & Rosen, 1988). Desta mesma forma, as práticas do domínio do BDSM – *Bondage*, Dominação, Sadismo e Masoquismo –, em especial o masoquismo, uma vez que se baseiam em infligir dor que, por sua vez, constitui uma fonte de prazer e estimulação, não são consideradas como práticas de auto-mutilação (Clarke & Whittaker, 1998). Todavia, os limites que se estabelecem entre estas práticas de modificação corporal e as de auto-mutilação são ténues e pouco claros, uma vez que a modificação corporal pode expressar liberdade pessoal e autenticidade, mas também dismorfia corporal e desejos auto-destrutivos (Hicinbothem, Gonsalves, & Lester, 2006).

Esta conduta patológica do agir é raramente considerada isoladamente, sendo um indicador de patologia de personalidade severa, e geralmente associada a um diagnóstico de *perturbação de personalidade borderline* (Favazza, 2011; Feldman, 1988; Kernberg, 1988; Leibenluft, Gardner, & Cowdry, 1987; Walsh & Rosen, 1988), e até encarada como uma “marca registada dos distúrbios *borderline*” (Cukier, 1998, p. 76) devido a estes comportamentos encontrarem maior

prevalência neste tipo de perturbações de personalidade (50% a 80%) (Allen, 2003; Claes, Van den Eynde, Guillaume, Vogels, & Audenaert, 2012; Oumaya, et al., 2008). No entanto, a maioria dos estudos referentes à auto-mutilação são realizados com pacientes internados, com algum grau de severidade quanto ao seu sofrimento psicológico e psicopatologia, o que torna enviesada a prevalência acima indicada (Kahan & Pattison, 1984; Pao, 1969; Podvoll, 1969; Suyemoto, 1998), e dificulta um diagnóstico preciso no momento em que um paciente apresenta um comportamento auto-mutilatório como um sintoma primário (Favazza, 2011; Favazza & Rosenthal, 1990; Kahan & Pattison, 1984; Simpson, 1980; Suyemoto, 1998).

Pode ser surpreendente compreender que a escoriação deliberada à pele e tecidos subjacentes não é apenas tolerada, de uma forma ou de outra, em quase todas as culturas pré-industrializadas, mas é muitas vezes considerada socialmente adequada ou até mesmo desejada. Apesar de actualmente haver um aumento exponencial destas práticas deliberadas na sociedade actual (Gardner, 2001; Nock, 2009), existem relatos destes comportamentos de mortificação corporal desde as sociedades pré-industriais, fazendo parte de cerimónias de iniciação e sendo encaradas como um ritual de ligação e um rito de transição (Farber, 2000), assim como uma experiência transcendente relacionado com cerimónias religiosas de iniciação (Straker, 2006). Através dos séculos, os comportamentos auto-mutilatórios culturalmente sancionados têm sido maioritariamente entendidos como uma busca de significado pessoal, um sentimento de pertença, ou como parte de um processo de purificação ou de cura, melhorando a vida do sujeito e/ou a da sua comunidade (Favazza, 2011; Gardner, 2001; Menninger, 1935). Estes sujeitos escolhem sofrer com base na crença que este tormento possa ser benéfico tanto para eles próprios como para a sociedade em que vivem. Curiosamente, estas experiências não são definidas como comportamentos patológicos, mas sim aceites como parte integral da sua cultura e do seu contexto social e histórico.

Subsiste, geralmente, no âmbito social e na consciência colectiva, um possante simbolismo ligado às práticas de retirada de sangue e de marcas corporais em que o ataque dirigido ao próprio corpo é um gesto, uma representação e uma acção, que envolve um paradoxo, uma metáfora e um simbolismo (Bourdieu, 1989; Favazza, 2011; Gardner, 2001). O ataque à superfície do corpo tem o seu lugar estabelecido nos anais da história, existindo diversos exemplos de rituais de iniciação e sacrifícios físicos concedidos através de dados históricos, antropológicos e arqueológicos. Estes rituais culturalmente sancionados apresentam um profundo significado e simbolismo que é geralmente associado com a experiência elemental humana para a cura, a espiritualidade, e para a identidade e ordem social. Sob esta perspectiva, a

auto-mutilação patológica pode apresentar um carácter benéfico para além do alívio de sintomas (Favazza, 2011).

Reflectir sobre esta vertente da tradição cultural pode não ajudar ao sujeito que se auto-mutila directamente nesta sua prática, mas pode ajudar a compreender este comportamento num contexto mais profundo do simbólico colectivo. Enquanto as tatuagens e os *piercings* corporais contemporâneos são práticas sociais aceitáveis, podendo assinalar a pertença a um determinado grupo e o seu estatuto, escoriações (i.e. cortes na pele) fazem parte do nosso legado cultural com significados ligados a rituais de iniciação, cura, apaziguamento e purificação. Estes vínculos associados a estas práticas, nos seus diversos contextos, levantam a questão sobre os significados existentes entre a auto-mutilação contemporânea com as práticas das sociedades pré-industriais direccionadas ao ataque ao corpo.

Entre estes costumes culturais, podemos distinguir as *práticas* de modificação corporal dos *rituais* de modificação corporal (Favazza, 2011). As práticas culturais implicam actividades que estão na “moda” para a cultura e apresentam, geralmente, poucos significados subjacentes (Favazza, 2011); temos o exemplo da prática de furar os lóbulos das orelhas ou o nariz para acomodar joias como forma de decoração socialmente aceite. Por sua vez, os rituais culturais são actividades significativas que afectam o indivíduo assim como o total da comunidade em que se insere, uma vez que estas práticas encontram-se intrinsecamente tecidas na teia da vida social. Estas práticas são repetidas de forma consistente por várias gerações, vindo, assim, a reflectir a tradição, o simbolismo e as crenças de uma determinada sociedade e cultura. Os rituais são, em si, costumes que apresentam significados profundos e persistentes marcados pela própria cultura que os exerce e, devido a isso, os rituais de auto-mutilação permitem-nos descodificar o seu modo de pertença como elemento básico da vida social (Favazza, 2011; Gardner, 2001), isto é, apresentam um sentido elemental na sociedade, nomeadamente quando à correcção ou à prevenção de condições destabilizantes que ameaçam as pessoas e a comunidade (e.g. doenças; espíritos irados, sejam antepassados ou Deuses; falhas de responsabilidades da vida adulta por parte de jovens que embarcaram na transição de jovens a adultos; disrupções na identidade grupal ou de papéis sociais distintos; pecados ou comportamentos imorais; desastres ecológicos; etc.). Deste modo, os rituais de auto-mutilação têm como propósito prevenir a manifestação destas condições, assim como os corrigir ou “curar” caso ocorram.

Considerando tal, existem, no geral, três aspectos principais nos quais a mutilação sancionada poderá ser contextualmente considerada e justificável e, por isso, atribuído um sentido específico: a salvação religiosa e espiritual, a promoção da saúde e da cura, e a necessária manutenção de um sistema social (Favazza, 2004, 2011; Gardner, 2001; Menninger, 1935; Straker,

2006; Strong, 2009). A abordagem a este paradigma comportamental, contextualizado dentro de uma dimensão cultural, social, histórica, religiosa e antropológica, precedentemente do significado específico das práticas isoladas de auto-mutilação do indivíduo, permite uma melhor compreensão da sua construção e significação pessoal deste comportamento.

O sangue é a substância mais simbólica de todos os fluídos corporais (Favazza, 2011; Strong, 2009); bombeado pelo corpo através de um coração pulsante, o sangue trata-se da essência da vida. De um ponto de vista religioso e espiritual, trata-se da “substância sanguinária divina” (McCarthy, 1969, p. 166) que apresenta uma conotação universal no imaginário religioso da humanidade: simboliza a vida, a fertilidade e a violência do sacrifício, seja como oferta, punição ou expiação. Nas antigas tradições ocidentais, como na sua vertente *new age*² actual, os centros que controlam e guiam a energia no corpo subtil³ – os Chakras, nas tradições do Budismo e Hinduísmo – encontram-se todos ligados através de filamentos energéticos – meridianos (Purucker, 1996). Devido à sua proximidade e alinhamento dos vasos sanguíneos com os meridianos, o sangue encontra-se intimamente tecido a estes filamentos energéticos suportando-se, assim, de uma grande carga energética. Deste modo, o sangue deixa de ser apenas uma metáfora para a energia vital e passa a ser o seu recipiente, uma ferramenta utilizada em diversas práticas tradicionais e culturais como elemento de projecção da *vontade superior* do indivíduo ou grupo para fins ritualísticos. O sangue, assim como qualquer outra substância com tamanho simbolismo e carácter divino, apresenta significados paradoxais e funções diversas, podendo tanto contaminar como purificar, condenar ou redimir: desde o sacrifício de sangue através da crucificação e a mortificação do corpo de santos mártires, aos estigmas extáticos representantes dos ferimentos de Jesus e beber o vinho representante do sangue de Cristo numa Comunhão Sagrada com Deus, de tamanha semelhança com práticas vampíricas remotas em que se ingere o sangue do Mestre de modo a obter a sua bênção e a de Deus, alcançando a imortalidade.

Sacrifícios rituais apresentam, predominantemente, um sacrifício de sangue: é com sangue que os deuses são subornados, apaziguados, ou alistados em empreendimentos humanos (e.g. caça ou a guerra). Para os Incas do Perú e os Astecas do México o sacrifício de sangue humano assegurava a regularidade cósmica; para os Israelitas o sacrifício de sangue estabelece e mantém a aliança com Deus e o seu povo. Em cada caso, o derramamento ritual de sangue repõe ou garante a continuação da ordem (fertilidade) e relações humanas adequadas com os deuses, assim como o simbolismo de fraqueza e de morte, trespassando-se na sua identificação com força. Em diversos rituais e eventos calendarizados dos antigos Maias existiam preparações prévias, tais como abstinência sexual e o próprio encorajamento de práticas auto-mutilatórias, de modo a utilizar o sangue com fim decorativo e para untar instrumentos religiosos. Aqui, os derramamentos de

sangue e os seus respectivos rituais de sacrifício apresentavam o duplo propósito de enviar a energia humana para os céus e, por sua vez, receber poder divino em troca (Demarest, 2005).

Tradições da antiga Mesopotâmia atribuíam um carácter divino ao sangue, pois o sangue que corre pelas veias do Homem é o mesmo sangue dos Deuses em si⁴. Aqui, tal como em tradições hebraicas, o sangue é visto como um especial purificador e consagrador universal. Na tradição judaico-cristã, o vinho é escolhido como veículo para o sangue, a linguagem de intoxicação com o sangue de Cristo que percorre os escritos dos santos e místicos medievais. Para estes devotos, enraizados na doutrina, o sangue é a passagem do humano para o divino (e.g. “Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida.” (Levítico 17:11)); não só é capaz de obsequiar vida como o leite de uma mãe, ao unir Deus com a humanidade numa relação íntima comparável ao de uma mãe com o seu filho, como a aproximação de dois amantes através do espírito do vinho (e.g. “Já entrei no meu jardim, minha irmã, noiva minha; colhi a minha mirra com a especiaria, comi o meu favo com o mel, bebi o meu vinho com o leite. Comei e bebei, amigos; bebei fartamente, ó amados.” (Cânticos 5:1), “Os teus beijos são como o bom vinho, vinho que se escoia suavemente para o meu amado, deslizando entre seus lábios e dentes.” (Cânticos 7:9)). O aspecto da fertilidade ligado ao simbolismo do sangue, que tem uma inevitável conotação sexual (sublimada, no entanto), coloca o cristianismo em alicerce com as práticas da Grécia antiga e dos cultos a Dionísio, o deus do vinho e do êxtase divino. Ambas as religiões vinculam o corpo humano à divindade e à imortalidade por meio do simbolismo relacional e erótico de beber vinho/sangue. Este último é sentido de forma tal pois o seu vinho, a sua música, festividade e êxtase subvertem os seguidores de Dionísio das restrições opressivas dos poderosos, do mesmo modo que aqueles que festejam nos seus mistérios são possuídos e potenciados pelo próprio deus em si. Este culto permitia, também, um “culto às almas” em que as suas bacantes alimentavam os mortos através de oferendas de sangue, servindo como um instrumento divino para a comunicação entre os vivos e os mortos (Otto, 1981).

Tal como o sangue, as cicatrizes também apresentam uma grande riqueza simbólica. Uma vez que se encontra associado a rituais de mutilação cultural, o próprio acto mutilatório que implica sangrar, apresenta uma longa herança simbólica intrínseca aos seus processos de cura – desde as sangrias da medicina primitiva às libertações psicológicas do metafórico “mau sangue” (Strong, 2009). Na tradição e prática xamânica, o xamã, de modo a caminhar para a sua iluminação pessoal e possuir a capacidade de curar os outros com o auxílio do mundo espiritual, terá que ser curado de um “estar doente iniciático” (Favazza, 2011, p. 202): o iniciado passará por um processo de transe e estados de sonho onde é extirpado membro a membro, drenado e

renovado do seu sangue, onde a sua pele será raspada e as suas vísceras substituídas e, posteriormente será remontado e ressuscitado (Favazza, 2011; Strong, 2009). Curandeiros muçulmanos nos Marrocos – os Hamadsha – golpeiam as suas cabeças em prol dos doentes, que por sua vez demolham um cubo de açúcar ou um pouco de pão no sangue e comem-no, pois acredita-se que o sangue do curandeiro possua propriedades terapêuticas; algumas tribos sul-africanas tinham o costume de remover um testículo de modo a prevenir a doença, assim como amputavam as pontas dos seus dedos como forma de curar doenças e realizavam trepanações permitindo a expulsão de demónios da cabeça da pessoa doente como modo de aliviar enxaquecas (Favazza, 2011); enquanto realizam danças num estado semelhante a um transe, os místicos Sufis (praticantes de Sufismo) – conhecidos como Dervixes rodopiantes – golpeiam a cabeça, martelam espinhões na pele, engolem lâminas e vidro partido, queimam-se, e dão de beber do seu sangue aos outros como forma de expulsar espíritos infaustos e promover a cura (Strong, 2009).

A mutilação tem sido praticada como uma forma de observância religiosa desde os tempos primordiais, sendo realizada como forma de sacrifício, um ataque ao corpo como parte de um processo de apaziguamento das forças de julgamento e de ascetismo (Gardner, 2001; Strong, 2009), para além de permitir ao praticante atingir estados especiais de êxtase e de insight (Favazza, 2011). Ademais de uma mortificação do corpo, estes sacrifícios tendem a envolver crenças que enfatizam o controlo dos sentidos ou dos “apetites” do corpo – geralmente exigindo ao sacrificante a sua vida sexual (Gardner, 2001; Menninger, 1935), em que o líder religioso apresenta-se como assexual, visando a possibilidade de um estabelecimento e manutenção de uma relação adequada e harmoniosa com os espíritos e com os deuses (Favazza, 2011). A maioria das religiões apresenta histórias, mitos, práticas e rituais que envolvem violência, sacrifício, martírio e o derramamento de sangue. Os mitos da criação primordiais abarcam a ideia de sacrifício e mutilação de um deus, onde o seu desmembramento permite novas criações e, conseqüentemente, ordens sociais (Leeming, 1994): Osíris, deus Egípcio do submundo e dos mortos, Dionísio, deus Grego do vinho e da folia, e Atis, deus Frígio da vegetação. Quanto a este último, os Galli, sacerdotes eunucos de Atis, assim como à sua consorte Cibele, a grande deusa mãe, castravam-se a si próprios como forma de demonstrarem a sua devoção e luto ao deus Atis, que se castrou, morreu e ressuscitou (Favazza, 2011; Menninger, 1935). Os ilhéus de Tonga – um arquipélago no sul do Óceano Pacífico –, numa cerimónia denominada “Tootoo-nima”, cortam uma parte do seu mindinho como sacrifício aos deuses de forma a promover a recuperação de um familiar (Westermarck, 1906); o mesmo passa-se entre os Oglala, Índios norte-americanos (Gardner, 2001). Sadhus indianos (homens sagrados), de forma a atingirem a espiritualidade,

cumprem actos de mutilação prodigiosos, tais como perfurarem o seu corpo com pinos, esticarem o seu pénis com pesos ou mesmo pendurarem-se com ganchos trespassados na pele (Favazza, 2011). De forma a reclamar a pureza de Adão e Eva antes da Queda, e de forma a expiar o mal e evitar relações sexuais pecaminosas, os Skoptsi – uma seita religiosa ortodoxa russa – procuram “destruir a potência dos seres humanos” (Menninger, 1935, p. 415) através da auto-castração, pois o órgão procriador é o membro ofensor (“(...) se a tua mão ou o teu pé te faz tropeçar, corta-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida manco ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno.” (Mateus 18:8)). Documentado no Antigo Testamento, os profetas de Baal realizavam auto-mutilações ritualizadas como parte de cerimónias religiosas (“E eles clamavam em altas vozes e se retalhavam com facas e com lancetas, segundo o seu costume, até derramarem sangue.” (1 Reis 18:28)). Foram através dos seus ferimentos que os Servos Sofredores, do Antigo Testamento, e Jesus, do Novo Testamento, empregaram a divindade e a salvação à humanidade; o derramamento e o beber do sangue sacrificial carrega um poderoso simbolismo presente nestes movimentos religiosos, retratado na Cristandade com a imagem da chacina de um cordeiro sacrificial, cujo sangue pode curar e renovar.

Considerando o atrás mencionado, o ritual e a magia faziam parte do dia-a-dia de muitas culturas pré-industrializadas; no entanto, a nossa cultura contemporânea, racional e dedutiva associa estas tradições e costumes a superstições, sensacionalismo e patologia (Favazza, 2011; Gardner, 2001). Entre os registos antropológicos das diferentes cerimónias de iniciação das sociedades primitivas, são os rituais de passagem⁵ que mais apresentam práticas de mutilação ao membro iniciado. Nas terras altas da Papua Nova Guiné, os homens da tribo Matausa acreditam que os rapazes, de forma a se tornarem homens, têm de expelir o sangue feminino que lhes fora contaminando pelas suas mães durante o parto. Este sangue é considerado como impuro, e algo que necessita ser expulso. Para este fim, e de modo a ficarem purificados deste contaminante, os jovens iniciáticos passam por uma sangria ritual que envolve o enfiar vários metros de canas pela garganta, de forma a regurgitar o conteúdo dos seus estômagos, introduzir um conjunto de juncos afiados que perfuram as narinas, livrando-se de contaminantes femininos que pudessem ter inalado, e, para purificar uma parte do corpo que fora contaminada por comida feminina poluída, os iniciáticos disparam pequenas flechas afiadas, repetidamente, contra as suas línguas. As tribos que vivem ao longo do rio Sepik, também em Papua Nova Guiné, têm como ritual de passagem a escarificação dos corpos de jovens rapazes para que se tornem em homens. A cerimônia requer que os rapazes sejam cortados ao longo do seu peito, costas e nádegas em padrões elaborados, de forma a imitar a pele grossa de um crocodilo; crê-se que esta divindade

reptiliana consoma a juventude durante o processo de sangria, deixando em seu lugar um homem. Os jovens de Xhosa, uma tribo na Sul-Africana, realizam uma dolorosa cerimónia sagrada de iniciação para a vida adulta. Após uma circuncisão ritual, isolado e sem recurso à medicina moderna, o iniciado – o Abakwetha – terá de viver durante várias semanas separado da sua comunidade até estar curado (Mavundla, Netswera, Bottoman, & Toth, 2009).

Nestes contextos acima referidos, existe um forte aspecto criativo e de cura associado às práticas mutilatórias. Gardner (2001) cria a especulação sobre a ligação entre estes costumes e a configuração particular com o conflito interno em que o acto de cortar pode ser visto como uma “solução” expressivamente criativa ao intenso conflito psíquico subjacente. Esta procura directa de danificar ou mutilar o corpo, tanto pelo próprio como pelos demais da sua comunidade, como parte inerente a práticas iniciáticas e religiosas, representa um controlo e um sacrifício do aspirante (e.g. da vida sexual). A autora conjectura sobre a ligação entre esta turbulência e a confusão dos poderosos impulsos sexuais, particularmente durante a adolescência, que poderão contribuir para esta necessidade do sujeito se auto-mutilar. Para a passagem da bíblia acima referida de Mateus (Mateus 18:8) podemos ver o poder de atacar o corpo, tanto como forma de punição como modo de obter perdão pelos pecados; Gardner (2001) postula a possibilidade de a auto-mutilação ser uma procura inconsciente do sujeito de salvação da dor de um conflito interno inacessível e da sua experiência de captura a uma relação objectal conflituosa e opressiva.

Nos rituais de passagem, o adolescente alcança um novo papel dentro da sua comunidade ao qual estão associados novas regras sociais e estatutos religiosos e sociais necessários para a preservação da vida comunitária; existe uma regeneração da comunidade e uma confirmação do agrupamento social ou tribal, pois o iniciado passa a ter um novo lugar na sociedade (i.e. como homem ou como mulher) (Favazza, 2011; Gardner, 2001; van Genneep, 1909). O sujeito que se mutila (ou que se deixa ser mutilado) fá-lo de modo a obter gratificação pessoal e comunitário, pois estes ataques ao corpo são realizados para o “bem social”; deste modo, a sociedade e o “*self*” apresentam-se como permutáveis (Gardner, 2001). O iniciado passa por uma série de ordálios que implicam um ritual de morte – morte da infância e da ignorância – seguida de uma ressurreição ou uma regeneração para a vida adulta com marcas específicas que o identificam como adulto (Eliade, 1995; Gardner, 2001). Estes rituais encontram-se geralmente associados a uma separação violenta da criança da mãe, seguida de uma revelação do sagrado e da sexualidade (e.g. circuncisão) (Eliade, 1995).

Alguns autores relatam a forma como estes rituais iniciáticos apresentam significados específicos que podem apresentar factores inconscientes dissimulados. Para Menninger (1935), a escoriação direccionada aos genitais e outras partes do corpo, realizada no decorrer destes rituais

de passagem, permite negociar e avançar para a vida adulta na sociedade ao representar forma de superar o tabu do incesto e o complexo de Édipo. O autor defende esta sua visão com base nos seguintes pontos: 1) o ritual de iniciação permite aos pais conter a sua hostilidade perante o adolescente por separar-se da autoridade destes; 2) o ritual actua como forma de punir desejos incestuosos; 3) funciona como forma de suprimir os desejos sexuais e agressivos do adolescente; 4) os rituais sugerem uma expiação de acções futuras, juntamente com o preço a pagar pela aceitação na vida adulta; e 5) a escoriação dos genitais sugere uma castração simbólica – uma parte do todo – actuando como uma acção propiciatória.

Para Eliade (1995) a iniciação trata-se de um ritual universal que emerge sob diferentes formas, ritos iniciáticos e símbolos (e.g. seitas, *gangs*, instituições militares, etc.). Gardner (2001) especula, uma vez virada para um contexto isolado como uma actividade solitária, que a automutilação desempenha uma função equivocada e uma variação irregular e defeituosa de um rito pubertário, uma vez que se trata de um ritual de iniciação sem regeneração duradoura e sem nenhuma conexão significativa com a sexualidade, com o conhecimento ou com o insight espiritual; o comportamento não é aprovado nem socialmente sancionado, tornando-o confuso e desinformado e, em última instância, destrutivo.

Torna-se evidente, através deste breve resumo, que atacar o corpo através de cortes na pele trata-se de uma prática que remota a tempos primordiais. Jung reflectia sobre estas potencialidades, inerentes a um legado património psíquico partilhado, no seu conceito de inconsciente colectivo (Jung, 1927/31; Pieri, 2003); o autor considerava que existia, representado em cada estrutura cerebral individual, um conteúdo herdado referente ao desenvolvimento humano. Deste modo, o inconsciente colectivo permite articular-se sob a forma de potencialidades e possíveis representações que repetem experiências psíquicas tipicamente humanas (Gardner, 2001; Pieri, 2003). Adjunto a esta ideia surge a noção de arquétipos psicológicos de Jung (1927/31): formas típicas dos nossos modos de pensar e agir e as inatas possibilidades de representação que presidem à actividade imaginativa, ou seja, conteúdos ou imagens universais presentes desde tempos remotos, de carácter arcaico ou primordial, que fazem parte do inconsciente colectivo. Apesar destes padrões profundos, ou potencialidades inatas, cada indivíduo cria o seu mundo pessoal através da interacção com o ambiente que o rodeia (i.e. relações com os outros e com a cultura em que se insere).

Desta forma, Gardner (2001) coloca a possibilidade destas experiências culturais de mutilação cultural se encontrarem armazenadas algures na nossa psique, seja consciente ou inconscientemente, onde, em situações de confusão e conflito interno, algum tipo de experiência arcaica possa sobrevir e oferecer uma solução aparente; neste contexto, as potencialidades dos

arquétipos e as imagens arquetípicas geradas seriam as de iniciação, sacrifício e de salvação. A autora postula a hipótese da auto-mutilação ser uma actividade relacionada, de alguma forma, com este nível mais profundo de experiência arquetípica, podendo estes serem organizadores da experiência, geradas, particularmente, em alturas de transição (e.g. adolescência). Uma vez que esta formação de inconsciência cultural emerge como forma de solucionar um sentimento disfórico, estas imagens arquetípicas apresentam uma forma de compreensão para algo em falta na inconsciência pessoal. Em última instância, o sujeito que se auto-mutila encontra-se isolado com a sua história e dor privada, procurando uma forma mítica de algo que é sentido como impossível, irreconciliável e incontrolável (Gardner, 2001).

No entanto, perante esta panóplia de costumes, rituais, cerimónias e tradições, constata-se a necessidade em determinar as razões que ancoram e potenciam as tendências destes elementos auto-destrutivos enquanto práticas isoladas na sociedade actual, assim como o motivo do qual é direccionado para o próprio. Assim sendo, trata-se de um assunto determinante o estudo da significância desta escoriação deliberada e o fundamento da sua função para o sujeito, em que é imperativo analisar esta inexorabilidade das fronteiras do inconsciente e das representações do mundo interno a este seu talião com a demanda para substitutos internos (Menninger, 1935).

De acordo com Hibbard (1994) os comportamentos auto-mutilatórios encontram-se de alguma forma relacionados com as dinâmicas fálicas e edípicas, e com um superego punidor, mesmo que estes estados de ideação e afectos pobres, que existem na presença de estados de ansiedade e de estimulação não-verbais e indiferenciados, sejam indicativos de uma altura mais precoce no desenvolvimento.

Com intuito de compreender a natureza e o significado da escoriação deliberadamente auto-infligida, é essencial apreender a intrínseca relação que se estabelece entre a pele e a psique. Pensar na auto-mutilação como uma expressão concreta de sentimentos ou de uma linguagem corporal inexpressa apresenta raízes complexas nos estádios mais primordiais da consciência psicológica da criança (Strong, 2009). Freud compreendia a ligação da mente ao corpo como aspectos fulcrais para reflectir sobre o funcionamento psíquico e a psicopatologia (Meissner, 1997). Este aspecto da sua teoria é evidente no seu estudo sobre os impulsos instintivos, as suas teorias sobre a regulação afectiva, particularmente sobre a ansiedade, a sua teoria da conversão histerica, assim como na sua compreensão do ego como um ego corporal (Anzieu, 1989; Fliess, 1961; Freud, 1923/1981; Gaddini, 1987). Neste seu conceito, Freud afirma que “o ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal” (1923/1981, p. 26), ou seja, a psique evolui directamente através de acontecimentos biológicos (Hibbard, 1994), pois o ego deriva

essencialmente das sensações corporais, especialmente daqueles que advêm da superfície do corpo (Gardner, 2001).

Um bebé começa a ter uma maior percepção de si e do mundo através das suas sensações corporais, particularmente sob a superfície da pele (e.g. o aconchego do colo da mãe, a sensação dos excrementos na fralda, o toque das superfícies e materiais, o (des)conforto da roupa, etc.), sendo capaz de reconhecer as atitudes do seu cuidador através deste contacto pele-a-pele, ou seja, ao lidar com a criança, a própria pele da mãe pode transmitir um vasto reportório de emoções, desde o carinho, o calor e amor, ao nojo, desprezo e ódio (Bick, 1968; Gaddini, 1987; Haag, 2000). Uma vez que o bebé perdeu o seu conforto inter-uterino, este procura um conforto táctil que o auxilia a desenvolver o sentimento do seu corpo como uma barreira consistente e segura (Haag, 2000); caso isto não ocorra, seja por falta de conforto, negligência, cuidados de qualidade agressiva ou escassa (Gaddini, 1987), ou por falta de introjecção de um objecto externo capaz de cumprir uma função contentora do *self* (Bick, 1968), o bebé poderá não desenvolver uma capacidade de inscrever experiências psíquicas assim como um sentimento de contenção na sua própria pele. Ao unir estes dois aspectos do corpo biológico com o mundo imaginário e simbólico, torna-se evidente o reconhecimento da importância das relações primordiais que ocorrem ao nível do corporal e que, por sua vez, têm um impacto significativo na construção do mundo interno do sujeito devido à relação que o corpo estabelece com os objectos externos (Dias, Rubin, Dias, & Gauer, 2007), ou seja, “o corpo erógeno, que se cria a partir do apoio ou da subversão libidinal, é um corpo representado, ou mesmo o corpo da representação” (Ferraz, 2007, p. 70). Assim sendo, esta estruturação do ego ocorre em contacto com o *outro* sucede, em primeira instância, através de uma superfície onde o mundo externo e interno imprimem os seus conflitos – a pele (Anzieu, 1989). A falha ao elaborar e incrementar estas tarefas de desenvolvimento dificulta a diferenciação entre o *self* e os outros, o mundo interno e o mundo externo, o pensamento e a acção, fantasia e realidade, ou seja, um desenvolvimento da integração, separação e individuação (Anzieu, 1989; Gaddini, 1987; McDougall, 1986). Cortar o corpo permite voltar a definir as suas fronteiras, diferenciando o *self* dos outros; a um nível subconsciente, a estimulação da pele através da auto-mutilação permite reintegrar o sentimento de um *self* fragmentado ao reactivar a experiência táctil do ego corporal (Strong, 2009).

De acordo com Stern (1985), a criança nasce com o desejo e a capacidade para a intersubjectividade – a criação de estados mentais mútuos e a união de experiências internas com base na realidade, através de trocas verbais e não-verbais. As funções primitivas da pele do bebé e a sua relação com os objectos primários apresentam um papel convergente das partes da personalidade, ainda não diferenciadas das partes do corpo (Bick, 1968; Gardner, 2001). Na

literatura psicanalítica é comum encontrar relações objectais precoces de carácter inadequado ou perturbado como um factor central tributário para a auto-mutilação, sendo estas reflectidas nas posteriores dificuldades em fomentar relações significativas ou vinculações seguras, marcadas pelo paradoxo de procura de relação e igualmente uma recusa desta (Adshead, 1997; Doctors, 1999; Gardner, 2001; Simpson & Porter, 1981; Strong, 2009). Em particular, este foco é dado ao modo como eventos traumáticos ou abusivos foram internamente direccionadas e respondidas ao mundo interno fantasiado e imaginativo da pessoa auto-mutiladora. As experiências infantis com o ambiente são internalizadas e, uma vez que se tratam de relações de objectos internos, afectam as futuras relações, tanto relações com os outros como relações transferênciais (i.e. em contexto psicoterapêutico ou psicanalítico).

Pode-se, deste modo, compreender a existente correlação com a necessidade de infligir dor a si próprio e eventos traumáticos, sejam estes evidentes no historial do sujeito ou não, tais como a negligência, escassos cuidados, abuso físico e/ou sexual que, por sua vez, podem levar a alterações básicas na experiência do corpo assim como a internalização de processos precoces de cuidados primários negativos e de vinculações de igual carácter disfórico (Gardner, 2001; Low, Jones, MacLeod, Power, & Duggan, 2000; Motz, 2008; Strong, 2009; van der Kolk, Perry, & Herman, 1991). Ademais, apesar de haver uma forte correlação entre estes eventos, de algum grau, traumáticos (van der Kolk, Perry, & Herman, 1991), nem todos os sujeitos que se auto-mutilam apresentam um historial de trauma evidente, o que sugere o envolvimento de outras dinâmicas internas sem que haja uma atribuição causal histórica directa, tal como os processos internalizados derivados das relações de objecto (Gardner, 2001), ou seja, uma combinação de processos instintivos e ambientais que resultam num aspecto particular da interna relação de objectos precoce.

De acordo com Campbell e Hale (1991), a auto-mutilação pode ser compreendida como um ataque cruel ao corpo, representando uma tentativa de extinguir partes disfóricas do *self*. Estes assaltos ao corpo podem ser entendidos como experiências traumáticas passadas que, por sua vez, são expressas através, e no, corpo; estas marcas da escoriação (i.e. cicatrizes) são, literalmente, uma incorporação dos traumas que eles próprios reflectem e simbolizam (Campbell & Hale, 1991; Gardner, 2001; Motz, 2008; Strong, 2009). Na sua prática clínica com pacientes auto-mutiladores do sexo feminino, Pao (1969) relata o papel central que as mães apresentam no desenvolvimento do sujeito que se auto-mutila, assim como no seu sistema familiar, em contraste com os pais que não aparentavam estar significativamente presentes em comparação com estas: a caracterizante ausência de um *handling* maternal ou mudanças frequentes e repentinas na qualidade e/ou quantidade de cuidados maternos devido a factores externos (e.g. enfermidade da

mãe, outros irmãos, relações pobres entre os pais, etc.). Adshead (1997) refere que a razão central para a expressão destes traumas através de uma violência auto-dirigida é o próprio ataque ao pensamento que a experiência traumática em si produz, resultando na somatização desta experiência através do corpo – a memória do evento traumático e do seu sofrimento avassalador é estampado no corpo através das suas próprias acções. O sujeito que se auto-mutila pode não ser capaz de processar estas experiências a um nível simbólico ou intelectual devido à intensidade do próprio evento traumático, ou mesmo por este acontecimento ter-se proporcionado num dado estágio de desenvolvimento na infância, estagnando-o (Gardner, 2001; Motz, 2008). Deste modo, o trauma pode ser securizado e promulgado através do seu corpo, que se encontra simbolicamente ligado ao corpo da sua mãe; esta fantasia suicida é, em si, uma expressão de um ataque simbólico ao corpo da mãe (Campbell & Hale, 1991). De Young (1982) indica que o processo de auto-injúria pode ser considerado como uma forma de violência auto-preservante que permite a reintegração do ego, em que cortar a pele tem como propósito uma representação literal da ruptura no mundo interno do sujeito, uma ferida aberta que McDougall (1986) considera como uma “lacuna maternal” (i.e. “*gap in mothering*” (p. 67)).

Especialmente nos casos em que existe historial de trauma sexual, existe um desejo de se libertar desta figura interna, malévola, abusiva (Gardner, 2001), ou seja, uma representação internalizada da pessoa que, tanto externa como fisicamente, ameaçou uma possessão total, uma intrusão pungente contra o seu corpo. Motz (2008) considera que, no caso do sujeito que fora incestuosamente abusado, existe uma culpa profunda em ter promulgado fantasias edípicas, o que gera um sentimento interno da indispensabilidade de se punir. Devido à dificuldade em integrar os desejos agressivos no *self*, existe a necessidade de clivar estes impulsos e projectá-los no corpo cisado, procedendo à sua escoriação (Motz, 2008). A violação do corpo e o próprio ferimento da pele em si, através do corte deliberado, pode também ser entendida como uma forma de repetição e reencenação do processo derivado pela experiência entre o abusador e o sujeito abusado (Gardner, 2001); a auto-mutilação permite uma evocação repetida de aspectos da dinâmica de internalização da experiência traumática, sem que haja uma necessária recollecção consciente das mesmas. Assim, a auto-mutilação possibilita, igualmente, afligir e expurgar conteúdo internalizado e não-elaborado através da sua externalização e fixação inconsciente sob a superfície da pele, direccionando esta agressividade tanto contra o objecto abusivo como contra o *self* da vítima (Gardner, 2001) – torna-se, deste modo, um movimento não só auto-destrutivo mas também sado-masoquista e auto-preservante. Para Freud (1924/1981), o líbido desvia o instinto para o mundo exterior, sendo considerado como um “instinto destrutivo, instinto de domínio ou vontade de poder” (Freud, 1924/1981, p. 163). O corpo cisado passa a ser, assim, a ser o objecto

onde o sujeito projecta os seus impulsos destrutivos de modo a sentir-se num *self* “real” para sobreviver, permitindo, assim, a reificação do conflito internalizado (Motz, 2008).

Estas relações, qualificadas pelo seu carácter regressivo, em que o sujeito encontra-se numa eterna procura de satisfazer as suas deficiências precoces, deparam-se em consonância com outros estudos que enfatizam uma orientação narcísica no sujeito que procura infligir ferimentos ao próprio corpo, assim como os aspectos auto-eróticos do acto em si (Gardner, 2001; Glasser, 1992; Pao, 1969). Como já foi referido, a existência de um historial de traumas na infância pode desenvolver uma falha na relação objectal precoce do sujeito, em que este internaliza a experiência, defendendo-se contra o trauma e desenvolvendo fortes impulsos destrutivos. A auto-mutilação trata-se, assim, de um danificar corporal ritualizado inserido num movimento masturbatório⁶, que permite elaborar a experiência traumática de forma reconfortante e isolada numa “bolha narcísica protectora” (Hopper, 1995, p. 1134, cit. in Gardner, 2001). Utilizando uma dimensão interpessoal, Podvoll (1969) sugere que os sujeitos protegem-se das demandas devoradoras dos outros através de uma fuga de um desejo profundamente dependente e simbólico direccionado ao objecto de amor primitivo para uma dependência do uso auto-erótico do seu próprio corpo.

A agressão inerente à auto-mutilação, assim como as suas “fantasias de eliminação” (Motz, 2008, p. 143) associadas que motivam este comportamento, podem ser consideradas como um tipo de *acting out* (Campbell & Hale, 1991), que por sua vez se apresenta como um substituto à recollecção destes eventos traumáticos, visando, também, reverter, inconscientemente, o trauma precoce através de uma mestria sobre a acção do impulso inconsciente (Campbell & Hale, 1991; Dorey, 1986; Gardner, 2001). Este “instinto de domínio”, impresso no corpo como forma de confirmar o seu controlo e poder, visa a reduzir o *outro* à função e ao estado de um objecto totalmente atacável (Dorey, 1986), sendo, para Freud (1924/1981), um potencial catalisador, no sentido que procura alterar o instinto de morte, controlando, assim, os desejos destrutivos. Quando a agressão se encontra direccionada para o próprio, isto é, quando o *self* é o alvo da agressão, certos aspectos do *self*, tais como impulsos destrutivos inevitáveis ou traços compulsivos, tornam-se objectos de ódio pelo resto da personalidade (Rao, Sudarshan, & Begum, 2008). Ao redireccionar a agressão para o próprio corpo, a raiva e a explosividade encontra um destino seguro, alojado num objecto fixo e, aparentemente, indestrutível (Podvoll, 1969). O comportamento auto-mutilatório pode, por vezes, não ser capaz de neutralizar esta agressão por inteiro, podendo, assim, surgir casos de ideação suicida, referida na tríade de Menninger (1935): o sujeito mata-se, cumprindo um desejo de morrer e, simultaneamente, assassina alguém simbolicamente.

Uma resposta comum às atrocidades da vida é bani-las da consciência (Herman, 1992; Low, Jones, MacLeod, Power, & Duggan, 2000). Pao (1969) relata que, no momento que se cortavam, as suas pacientes experienciavam um estado do ego⁷ alterado, ficando absorvidas no seu comportamento marcado por uma consciência reduzida do ambiente que os rodeava, assim como uma sensação auto-erótica ao estarem inteiramente isoladas, sem se relacionarem com os outros naquele momento; as pacientes encontravam-se significativamente envolvidas na experiência imediata da escoriação, mas apresentavam uma baixa auto-consciência do momento. Pao descreve estes estados como apresentando um carácter regressivo do ego, existindo uma redenção do funcionamento autónomo do ego a uma prática dominada pela pulsão igualmente sádica e masoquista (Pao, 1969).

Do mesmo modo, Podvoll (1969) relata que o comportamento auto-mutilatório trata-se de uma prática solitária operada num fenómeno de clivagem, em que o sujeito, ao sentir-se desligado e ostracizado dos outros, volta a agressão para o próprio corpo, sem haver partilha com os demais. O autor dá ênfase a três dinâmicas essenciais para este movimento silencioso. Na primeira, existe uma fuga de intensos desejos de dependência e de uma relação simbiótica direccionados a um objecto de amor primitivo com recurso ao uso auto-erótico⁸ do próprio corpo, isto é, um movimento reactivo da dependência ao *outro* para a separação e aumento da auto-suficiência. A segunda dinâmica encontra-se na capacidade do sujeito dissipar os seus impulsos narcísicos ao tratar o seu corpo, a sua pele, com escárnio e desprezo – um odio direccionado ao corpo. Por último, a terceira dinâmica diz respeito a este desvio da agressão do sujeito para ele próprio – um objecto fixo e aparentemente indestrutível – com o objectivo de conciliar os seus impulsos e preservar os seus objectos clivados e idealizados, ou seja, esta agressão voltada para o próprio é mais segura e contida que os aspectos possivelmente destrutivos de uma agressão, aparentemente sentida como incontrolável, direccionado ao *outro*.

Ambos os autores acima mencionados (Pao, 1969; Podvoll, 1969) descrevem um processo de importante relevância para os comportamentos de auto-mutilação – a dissociação. A dissociação trata-se de uma função defensiva do ego que visa a inibição deste, mantendo o conteúdos e conflitos internos dissociados do estado consciente do sujeito (Young, 1988). Pode ser definido como um processo psicofisiológico complexo, que produz uma alteração na consciência da pessoa, sem que haja uma integração normal dos pensamentos, sentimentos e experiências na consciência ou na memória do sujeito (Putnam, 1985; van der Kolk, Perry, & Herman, 1991). De igual modo, trata-se de um processo que visa romper ligações entre categorias de eventos mentais (i.e. entre eventos que parecem irremediavelmente diferentes, entre os próprios eventos em si e o seu significado afectivo e emocional, etc.), na qual uma experiência

traumática, devido à sua carga sobrestimulante e impossibilidade de processamento e inscrição, é isolada e estabelecida como um estado psíquico distinto dentro da personalidade, criando dois (ou mais) estados do ego que alternam quanto à consciência (Davies & Frawley, 1994), expressando o desejo, a fantasia, de suplantar uma realidade intolerável por uma mais tolerável (Kluft, 2000). Para Orbach (1994) a tendência dissociativa trata-se de um factor único e característico de um comportamento destrutivo, uma vez que se compreende um processo que tanto delimita os sentimentos do sujeito sobre o seu corpo, como a sua experiência e vivência do *self* e do mundo. Perante tal, a dissociação trata-se de uma resposta específica, adaptativa, automática e dinâmica a um trauma que separa e isola a experiência traumática original, em que o “*self* central” permite-se escapar à dor e à realidade que lhe envolve, assim como evitar qualquer disforia emocional, do mesmo modo que, num estado dissociativo, em que existe uma interrupção da consciência, o sujeito ou não sente dor ao ferir a sua pele, ou fá-lo de modo a sentir *algo* (Gardner, 2001; Herman, 1992; Rosenthal, Rinzler, Wallsh, & Klausner, 1972; Polk & Liss, 2009).

Cicatrizes, tal como o sangue, apresentam uma relevante carga simbólica. Permitem uma marca permanente, um relato físico, não só da dor e da escoriação, mas também do seu processo de cura, preservando na pele, de forma dramática e conspícua, os eventos traumáticos não permitidos de tecer na matriz da personalidade (Miller & Bashkin, 1974); ao cortar-se, o sujeito liberta um processo simbólico que permite reduzir, ou remover, a disforia do momento, configurando um palco que tolera evidenciar a cura pela cicatrização (Favazza, 2011). Como já foi referido, a pele age como um contentor tanto para o sentimento de *self* como para os aspectos mais primitivos da personalidade, assim como uma fronteira entre o próprio e os outros, delimitando o nosso interno do mundo externo. Ela não só age como uma defesa, mas também como superfície com a qual nos apresentamos ao mundo externo e com a qual entramos em contacto. Assim, o acto de cortar a pele, danificando directamente o corpo, acarreta um nítido significado simbólico que permite voltar a definir os limites do corpo, diferenciando o *self* dos outros.

A nível intrapsíquico e interpessoal, a auto-mutilação tem sido maioritariamente compreendida como uma resposta a uma problemática inscrita na ameaça de perda (Kernberg, 1976), contendo mecanismos complexos de evitamento do conflito e expressão inconsciente de fantasias, tanto a nível do controlo onnipotente (Sederer & Thornbeck, 1986, cit. in Straker, 2006) como na procura de gratificação total (Pam, 1994, cit. in Straker, 2006). Paralelamente, a auto-mutilação tem sido abordada como um modo de externalização e destruição de um objecto persecutório, como uma prática que visa a obtenção de um efeito tanto auto-reconfortante como

auto-punitivo, assim como um modo de manipulação interpessoal (Bell, 2010; Farber, 2000; Gardner, 2001; Hibbard, 1994; Motz, 2008). O próprio acto de cortar a pele é geralmente considerado como uma tentativa de contradizer ou impedir uma experiência actual de perda do *self* (Doctors, 1981), assim como a ameaça concomitante de destruição pessoal sofrido quando o ambiente social (i.e. *milieu*) é experienciado como insuficientemente afirmativo ou quando este mesmo é vivenciado como agressivo (Orange, Atwood, & Stolorow, 1997, cit. in Doctors, 1999). A regulação de afectos encontra-se no cerne de um sentimento de *self* seguro, iniciando-se num espaço intersubjectivo que se assenta com o cuidador primário (Straker, 2006) que é dependente na capacidade deste compreender os afectos do bebé e espelhá-los para que possam evidenciar a capacidade deste contê-los; quando isto não ocorre, o bebé sente que não consegue comunicar de forma eficaz com os outros, o que não lhe permite dar-se a conhecer (Fonagy et al., 2002, cit. in Straker, 2006). Estas sensações necessitam ser mutiladas para que a comunicação possa ser recebida, assim como para que o sujeito possa sentir-se como real e coagir o *outro* a perceber este tipo particular de comunicação (Straker, 2006).

Em sujeitos auto-mutiladores, a pele torna-se um canal para a comunicação de sentimentos pré-verbais e sentimentos que não podem ser expressos de outra forma; estas cicatrizes simbólicas representam a sua história precoce, uma forma desesperada de comunicar e partilhar a sua narrativa com quem as vê. De acordo com Scott (1998), estas memórias de eventos traumáticos passados são recordados através do corpo e sensações corporais, apesar de não serem conscientemente acessíveis. Apesar do corpo ser geralmente silencioso, quando a pele é rompida durante o golpe a ferida torna-se uma via para a recollecção, uma declaração do *self*. Esta afirmação do trauma interno atestado no ataque directo ao corpo, onde os eventos externos e a forma como foram internalizados e fantasiados são registados e expressos pela auto-destruição, permite uma expressão na pele não só do conflito interno do sujeito mas também do seu *self* (Gardner, 2001; McLane, 1996; Motz, 2008; Straker, 2006) – as cicatrizes procuram comunicar o que as palavras não conseguem. Desta forma, alguns autores identificam a auto-mutilação como um distúrbio na linguagem (Gardner, 2001; McLane, 1996; Straker, 2006), em que este meio alternativo de comunicação procura remediar a fragilidade a nível da estrutura do *self* e fortalecer um contentor psíquico danificado (McLane, 1996; Motz, 2008; Straker, 2006). A dificuldade em comunicar os sentimentos de forma a criar uma experiência verdadeiramente intersubjectiva implica uma perda de subjectividade e a capacidade de uma vivência, por inteiro, de experiências novas (Straker, 2006). Igualmente, a auto-mutilação é considerada como uma procura de organizar elementos envolvidos na construção da estrutura do *self*, que anseia ser elaborada num espaço verdadeiramente intrasubjectivo (Straker, 2006).

Ora, num olhar mais atento, e inscrito em uma linha nosológica psicodinâmica, é de destacar as semelhanças que existem entre os comportamentos auto-mutilatórios e uma estrutura psíquica em particular – *organização limite*. Bergeret e os seus colegas (2008) realçam a importância de uma perturbação precoce no desenvolvimento infantil, especialmente a nível das relações de objecto e a sua posterior constância e permanência do objecto na psique da criança (Fraiberg, 1969), o que por sua vez subentende processos de separação e individuação (Mahler, Pine, & Bergman, 1975). Nesta linha, a representação do self encontra-se ligada à representação objectal, o que leva a que a sua perda neste objecto anaclítico acarrete uma perda na própria continuidade do self (Matos, 1994, cit. in Maranga, 2002). Igualmente, é enfatizada importância do *trauma psíquico* aquando do desenvolvimento edipiano normal – uma comoção pulsional que ocorrer num estado do Ego precoce, não-organizado e imaturo no plano do equipamento, da adaptação e das defesas (Bergeret, et al., 2008). Kernberg (1976), por sua vez, refere que a maior falha no desenvolvimento nesta estrutura encontra-se na incapacidade do sujeito sintetizar as identificações as introjecções positivas e negativas, articulando-se com as fixações marcadamente de uma fase oral. Esta mesma organização apresenta, também, uma constância objectal frágil que dificulta a evocação de objectos internos (Maranga, 2002). Numa linha de Bion, a própria função de *rêverie* materna encontra-se comprometida, resultando numa perturbação na função contentora e, conseqüentemente, numa falha ao nível da dimensão simbólica e representacional da vida mental do sujeito; seguidamente, a passagem ao acto constituem uma falha nesta elaboração psíquica incapaz (Fédida, 2000, cit. in Maranga, 2002). Pode-se notar, assim, o modo como a auto-mutilação e a estrutura *borderline* apresentam características transversais de um mundo interno marcado por uma extraordinária fragilidade de carácter primitivo (Baity, Blais, Hilsenroth, Fowler, & Padawer, 2009).

Constata-se que o agir patológico, através da escoriação deliberada na pele, pode ser não só compreendido como uma dimensão agressiva, vazia de sentido, sediado num processo de descarga de tensão psicológica, consolidado no acto impulsivo devido a uma falha ao nível das capacidades de mentalização e/ou elaboração psíquica, mas também como uma “procura de continente, sentido e simbolização que, inscrito sempre numa relação, actua antes de mais contra a ameaça do nada” (Viegas & Marques, 2009, p. 295).

OBJECTIVO

«Palavras não têm poder de impressionar a mente sem o requintado horror de sua realidade.»

Edgar Allan Poe

Conhece-se por alteridade, a consciência da *outridade* do objecto, a fantasia e o eventual reconhecimento da criação e definição de si através de objectos externos (Grotstein, 1997). Subentendendo os processos de separação e individuação (Mahler, Pine, & Bergman, 1975), a alteridade é geralmente introduzida à realidade psíquica da criança aquando alcançada a capacidade de permanência de objecto (Fraiberg, 1969). Nesta altura, o objecto é internalizado como uma representação simbólica, deixando de ser um objecto interno – este último passa a evidenciar uma confusão entre self-objecto. São estes processos de alteridade de um objecto que permitem à criança elaborar um ajustamento a um mundo separado ou uma conformação patológica a este como uma fonte de invasão ou trauma (Grotstein, 1997). É esta capacidade da criança discernir o efeito que os objectos provocam em si que depende da sua capacidade de separação e individuação, em que a identificação projectiva apresenta um papel fulcral no confronto e reconhecimento da autonomia do *outro*.

Compreende-se que o sujeito, na relação de sociabilidade e diferença com o *outro*, possa formar a sua identidade, permitindo-se ser capaz de distinguir entre a relação de oposição entre o sujeito pensante (o *eu*) e o objeto pensado (o não *eu*) e, conseqüentemente, assumir a existência de um *outro* independente a si (Levinas, 2000). Tendo em conta as abordagens previamente anunciadas, torna-se evidente a relevância que o *outro* apresenta na vida e no relato do sujeito auto-mutilador enquanto *eu*, indo desde as relações objectais mais precoces da infância ao posterior estabelecimento de uma relação com os demais, numa intrínseca interacção social marcada por uma intensa complexidade relacional e comunicacional (Adshead, 1997; Dias, Rubin, Dias, & Gauer, 2007; Doctors, 1981; 1999; Ferraz, 2007; Gardner, 2001; Hibbard, 1994; Kernberg, 1988; Motz, 2008; Pao, 1969; Podvoll, 1969; Simpson, 1976; 1980; Straker, 2006; Strong, 2009). Estas representações internas permitem o suporte, não só da impressão das interacções reais, mas também do nível de desenvolvimento do indivíduo e da sua vida intrapsíquica – os impulsos, as pulsões, as fantasias e os afectos (Diamond, Kaslow, Coonerty, & Blatt, 1990; Stern, 1985). Assim, verifica-se no agir patológico uma perturbação nos limites de um narcisismo precoce do *Eu-não-Eu*, da fantasia-realidade, do dentro-fora reflectida numa maciça identificação projectiva caracterizada pela sua actividade fantasmática destrutiva, clivada, na ausência de simbolização (Viegas & Marques, 2009).

Deste modo, o principal objectivo do presente estudo, de carácter qualitativo, consiste em aceder à natureza do funcionamento e da dinâmica interna subjacente a sujeitos com comportamentos auto-mutilatórios, procurando caracterizar e compreender este fenómeno enquanto prática pessoal e isolada, inscrita em uma natureza de representação de si em relação com o *outro*; ou seja, atendendo à compreensão dos mecanismos psíquicos e dos processos mentais, afectivos e objectais (relacionais), procura-se compreender a natureza dos processos de identidade a nível da alteridade – na relação *eu-outro* – do sujeito auto-mutilador. Para este fim, procura-se apreciar o sentido de delimitação da identidade que o sujeito auto-mutilador apresenta face ao *outro*, inscrito numa diferenciação de *si* e do *outro*, no movimento entre relações simbióticas e relações diferenciadas, na diferença e na complementaridade, onde as respostas de si e do objecto reflectem a capacidade de relação intersubjectiva do sujeito.

De forma a conhecer o conflito inconsciente e a sua gestão como a base da vida psíquica e auto-apresentação, a livre associação permite encontrar um significado emocional, muitas vezes inconsciente, contido nas ligações entre uma ideia e outra, e na forma como elas são produzidas numa relação específica com o ouvinte (Freud, 1916, cit. in Hollway & Jefferson, 2000). Do mesmo modo, por tornarem possível o conhecimento maleável e compreensão da experiência humana, as provas projectivas revelam a sua pertinência na investigação e na prática clínica (Delgado, 2009), permitindo conhecer o ser psicológico do sujeito (Anzieu & Chabert, 2004; Marques, 2001), combinando “objectividade e padronização (...) [facilitando a] livre expressão” (Delgado, 2011, p. 31).

Pretende-se averiguar o presente objectivo através da expressão interna do sujeito, recorrendo à Entrevista Narrativa em Associação Livre e ao Teste de Rorschach inscrito numa perspectiva da escola francesa (Anzieu & Chabert, 2004; Chabert, 2003; Rausch de Traubenberg, 1970) juntamente com a proposta de Marques (2001). Deste modo, a situação de teste apresenta um espaço de relação, comunicação, transformação e simbolização que se propõe a ser organizado, existindo uma aproximação entre as modalidades de funcionamento do processo projectivo e a organização do espaço pelo sujeito. Considera-se, de acordo com Marques (2001), que a situação projectiva é encarada como uma situação intersubjectiva, considerada nos movimentos e os processos que ocorrem no espaço-tempo situacional e relacional apreciados na elaboração de um trabalho de ligação e transformação na relação estabelecida na situação projectiva. No Rorschach, este processo de encontro com a situação disruptiva mobiliza um processo de simbolização (Marques, 2001), pois a posição disruptiva da situação projectiva convoca o encontro a significações através da elaboração de sentido para as manchas, levando a uma comunicação por palavras do que é expresso na actividade de pensar do sujeito.

MÉTODO

«*A leitura do mundo precede a leitura da palavra.*»

Paulo Freire, in *A Importância do Ato de Ler*

Participantes

As participantes deste estudo pertencem a uma população não-clínica, tendo sido seleccionadas convenientemente a partir de critérios comportamentais (antecedentes de auto-mutilação e/ou prática actual).

As duas participantes – Sandra e Olívia (nomes fictícios) – do sexo feminino, com 21 e 24 anos, residem nos distritos de Portalegre e Lisboa, respectivamente. Ambas têm o ensino secundário (i.e. 12º ano) concluído e a Sandra encontra-se a frequentar o ensino superior.

Ambas as participantes, após terem sido informadas sobre a temática do estudo, a importância da sua colaboração, assim como a finalidade académica do uso dos dados obtidos, estando salvaguardada a sua confidencialidade, aceitaram livremente participar na presente investigação.

Instrumentos

Os instrumentos seleccionados são utilizados como métodos conceptuais de resposta livre, que procuram compreender o modo de funcionamento psíquico do sujeito traduzido através das operações mentais mobilizadas no decurso das provas, inscritas numa natureza relacional entre o sujeito e o psicólogo na elaboração de um espaço intermediário intersubjectivo (Marques, 2001).

Apesar das abordagens apresentarem aspectos distintos às representações de si e de objecto, elas mostram-se como complementares aquando articuladas em conjunto – enquanto o Rorschach permite uma apreciação dos aspectos e processos representacionais do *eu/outro*, a Entrevista Narrativa em Associação Livre elícita uma descrição do *eu* no mundo representacional mediada de forma livre e verbal.

Teste de Rorschach

O teste de Rorschach, ou psicodiagnóstico, é um instrumento clínico de avaliação psicológica, do tipo projetivo, desenvolvido pelo psiquiatra e psicanalista Hermann Rorschach

entre 1911 e 1921 (Rorschach, 1951, cit. in Marques, 2001). Enquanto metodologia de uma psicanálise aplicada, trata-se de um instrumento privilegiado, tanto no auxílio no acesso ao conhecimento do ser psicológico, como na avaliação psicológica, devido à sua possibilidade de demonstrar e aceder ao funcionamento psíquico do sujeito e de estabelecer o diagnóstico diferencial (Marques, 2001).

Esta prova é constituída por dez pranchas com manchas de tinta estandardizadas, com características precisas, apresentadas sobre um fundo branco, sendo, em si, estruturalmente ambíguas, fortuitas, simétricas (i.e. em torno de um eixo central) e simples, variando em termos de forma, cor, esbatimento e complexidade, constituindo uma estrutura aberta, não figurativa (Chabert, 2003; Fernandes, 1994; Rausch de Traubenberg, 1970), compreendendo determinados requisitos de composição e ritmo espacial (e.g. simetria); para além da sua adequação a um público-alvo vasto, favorece a interpretação por parte de sujeitos mais inibidos ou bloqueados (Bhom, 1953). O material elabora “uma *realidade exterior*, uma percepção (...) [com] características e *qualidades psíquicas*” (Marques, 2001, p. 203; *itálico pela autora*), ou seja, as manchas que outrora apresentava uma configuração ambígua, agora, após terem sido investidas e identificadas enquanto objectos, passam a ser reconhecidas como algo, uma imagem, um conjunto de significações que lhe foram atribuídas (Marques, 2001; 2005). Apresenta como objectivo o sujeito interpretar livremente estas manchas de forma a aceder às dimensões estruturais do funcionamento mental do sujeito (Marques, 2001) através da interpretação de formas fortuitas, não-específicas.

Durante a apresentação da prova, num primeiro momento, o sujeito é convidado a falar livremente sobre o conteúdo que percebe nas manchas de forma espontânea, vigorando os princípios psicanalíticos da não-omissão e a regra da abstinência no decorrer da prova projectiva (Chabert, 2003; Rausch de Traubenberg, 1970), através de palavras ou de outras expressões verbais que indicam a percepção mais ou menos definida de um objeto (Chabert, 2003), que por sua vez permite a estruturação de um material não-estruturado, revelando a sua própria estrutura psicológica (Moita, 1983). Este segue-se de uma fase de inquérito onde, em diálogo com o clínico/investigador, o sujeito é inquirido sobre as localizações, qualidade formal, determinantes e conteúdos do processo de resposta anteriormente efectuada (Chabert, 2003; Moita, 1983; Rausch de Traubenberg, 1970). A prova das escolhas ocorre num último momento, onde é solicitado ao sujeito que escolha dois dos cartões que tenha gostado mais e dois que tenha gostado menos, permitindo “manifestar os seus investimentos positivos ou negativos em relação a um material” (Chabert, 2003, p. 49).

Para Chabert (2003), a qualidade deste material apresenta-se sob duas dimensões fundamentais na compreensão das suas características manifestas: uma dimensão estrutural e uma dimensão sensorial. A dimensão estrutural é caracterizada pela construção formal dos cartões, onde se podem diferenciar pelo seu “carácter unitário, inteiro e maciço [I, IV, V, VI e IX] ou pela sua obediência numa configuração bilateral [II, III, VII e VIII]” (Chabert, 2003, p. 55), encontrando uma organização simétrica constituída em torno de um eixo central, relativamente evidente; os primeiros, devido à sua simetria manifesta, apresentam maior tendência a “reflectir a imagem do corpo humano organizado simetricamente em torno de um eixo” (Chabert, 2003, p. 55). A autora reagrupa, também, os cartões conforme estes sejam de carácter aberto (cartões I, II, III, VII, VIII, IX e X), sendo oco e continente, de referência feminina (I, II, VII e IX), ou de carácter fechado (cartões I, IV, V e VI), compacto e associado à presença de apêndices salientes, ou seja, referência fálica (IV e VI).

Quanto à dimensão sensorial, caracterizada pela presença de cores, a Chabert discrimina os cartões “cinzento-escuros (I, IV, V e VI), os cinzentos (VII), os negro-branco-vermelhos (II e III) e os pastel (VIII, IX e X)” (Chabert, 2003, p. 55). Estes primeiros não só induzem a associações inscritas na problemática de perda, depressivas ou sentimentos de vazio (a partir do branco), como também a nível de problemáticas de ameaça, inquietação, ansiedade ou angústia (Chabert, 2003; Fernandes, 1994). O cartão VII (i.e. cinzento) apresenta uma característica particular devido à sua configuração bilateral, de construção oca e aberta, assim como pela sua tonalidade cromática devido ao “cinzento-claro esbatido e a grande participação do branco (...), que atenua o contraste e o contorno (...), numa interpenetração (...) do dentro e do fora.” (Chabert, 2003, p. 56). Os cartões vermelhos (i.e. II e III) são determinantes na solicitação de afectos intensos, ou seja, movimentos pulsionais, relativos tanto à agressividade como à sexualidade (Chabert, 2003; Fernandes, 1994). Por fim, os cartões pastel, devido às suas diversas tonalidades, são conferidos um papel indutor de afectos (Chabert, 2003) e impulsionador de respostas que evidenciam a qualidade das relações que são estabelecidas com o meio (Fernandes, 1994), no entanto, claramente diferenciado pela sua organização estrutural. O cartão VIII é o primeiro confronto com um cartão pastel, ou seja, com uma alteração da qualidade do material, o que pode causar um possível choque devido ao seu aparecimento repentino; o cartão IX apresenta uma maior complexidade, tanto na sua mistura de tintas, como nas suas características estruturais (i.e. fechado no seu global, aberto no branco central, e bilateral na sua parte superior); por fim, o cartão X apresenta uma particularidade na sua multiplicidade de cores e pela própria dispersão das manchas que o compõem (Chabert, 2003).

O Rorschach, enquanto veículo para a tomada de informação do processo de pensar, através deste seu processo entre a projecção-imaginação e projecção-realidade, permite elaborar o processo entre a apresentação do estímulo projectivo e a produção da resposta do sujeito (Chabert, 2003). Deste modo, podemos evidenciar a forma como a situação projectiva, sendo um “encontro entre duas subjectividades, que irão construir uma intersubjectividade numa interacção singular e singularizante que interfere e cria a tarefa de (...) interpretar as manchas Rorschach” (Marques, 2001, p. 38), condiciona e determina a incidência de fenómenos intrincados das respostas marcados pela “relação, ligação e transformação entre o interno e o externo,” (Marques, 2001, p. 38), sendo fundamental reconhecer que estas respostas espontâneas ocorrem num determinado contexto, sendo construídas na interacção intersubjectiva.

Desta forma, uma vez que o Rorschach ocupa um lugar privilegiado na metodologia projectiva ao inscrever-se numa relação com o *outro*, a própria prova em si trata-se de uma actividade de ligação entre o sujeito e o objecto, entre o mundo interno e o mundo externo, o que conduz à criação de um novo objecto (Marques, 2001) ao remeter-se para o posicionamento do sujeito num espaço intermediário, reactivando a barreira de contacto. Neste processo de construção se sentido operam a significação e a simbolização, inscritas numa relação do tipo continente-conteúdo, permitindo ao *outro* revelar o pensamento ao próprio através da simbolização, a partir da criação de novos objectos e novas relações continente-conteúdo (Marques, 2001; 2005). O encontro Rorschach cria uma tensão que confronta o sujeito à necessidade de uma mudança psíquica de modo a readquirir equilíbrio através da atribuição de significações ao processo de simbolização – o novo objecto criado neste confronto, massificado através da intensa subjectivização via identificação projectiva – e de novas relações continente-conteúdo (Marques, 2001). As próprias respostas espontâneas Rorschach (e.g. imagens, conceitos, símbolos) apresentam-se nos processos intra e interpessoais do sujeito, ao permitir este trabalho de criação e transformação, que é, por sua vez, tecido e sustentado na matriz de uma narrativa (Marques, 2005). Assim sendo, a situação-teste do Rorschach assemelha-se à situação transferencial, uma vez que o clínico/examinador apresenta, no decorrer da prova, um papel semelhante ao do analista, uma vez que “serve de ecrã de uma forma indêntica às projecções do sujeito examinado” (Baer, 1950, cit. in Marques, 2001, p. 169), pois as qualidades destes objectos externos permitem, em relação mútua, mobilizar e revelar a qualidade das ligações e das transformações dos objectos internos, sendo possível compreender o modo como o(s) “sujeito(s) e objecto(s) se ligam (e ligam), se transformam (e transformam), se envolvem e comunicam e (re)criam as realidades e os objectos, internos e externos” (Marques, 2005, p. 25).

Entrevista Narrativa em Associação Livre

Guiado pelo princípio psicanalítico da associação livre e destinada a recolher narrativas, este método qualitativo emprega perguntas abertas que incentivam os entrevistados a se lembrarem de eventos específicos uma vez que estes estão repletos de significados emocionais (Hollway & Jefferson, 2000). Este método é contrário ao das respostas generalizadas e das narrativas intencionais que apenas revelam o que os entrevistados conscientemente desejam dar a conhecer ou revelar sobre si mesmos, de modo cronológico ou seguindo uma sequência lógica (Hollway, 2004; Hollway & Jefferson, 2000; 2001; Kris, 1996).

Esta suposição baseia-se na teoria desacreditada da transparência da linguagem (Hollway & Jefferson, 2008). As teorias da linguagem e da comunicação actuais enfatizam que, independentemente do tipo relato, este poderá apenas ser uma mediação da realidade, pois, quando se procura fazer sentido de um relato de entrevista, não existem garantias que pessoas diferentes possam partilhar as mesmas significações (Hollway & Jefferson, 2000). O pressuposto, nos métodos de investigação de cariz qualitativo, da partilha de significações entre entrevistador e entrevistado, não só assume uma transparência para o *outro*, mas também uma auto-transparência (Hollway & Jefferson, 2008).

Para Freud (1916, cit. in Hollway & Jefferson, 2000), associação livre trata-se da regra técnica fundamental da análise, em que se encoraja o paciente a dizer o que lhe vir à mente, de modo a que esta narrativa providencie evidências para interpretar as motivações inconscientes e os seus mecanismos, permitindo uma melhor compreensão da relação entre o paciente e os eventos representados na narrativa. Ademais, o princípio da livre associação, com base em uma ontologia psicanalítica, enfatizando o conflito inconsciente e a sua gestão como a base da vida psíquica e auto-apresentação, encontra-se na procura do significado emocional, muitas vezes inconsciente, contido nas ligações entre uma ideia e outra, e na forma como elas são produzidas numa relação específica com o ouvinte (Hollway, 2003). Deste modo, o método da associação livre encoraja os pacientes a relatar seus pensamentos sem restrições, no pressuposto de que os pensamentos não-censurados possam levar ao conteúdo verdadeiramente significativo.

O uso da associação livre pode desenvolver a produção e análise de dados de entrevistas, elaborando aspectos da vida social humana nos quais os métodos que dependem do sujeito de investigação “auto-ciente” (i.e. *self-knowledgeable*) e transparente permanecem inconscientes (e.g. os desejos e as ansiedades que afetam as relações familiares e de trabalho) (Hollway, 2003). Sem a intervenção contínua do entrevistador, as narrativas dos entrevistados permitem-se revelar preocupações, significados, conflitos e defesas que o entrevistado provavelmente desconhecia (Hollway & Jefferson, 2001). Assim, o método é particularmente apropriado para explorar

questões emocionalmente carregadas e assentes na identidade, em oposição aos tópicos em que, unicamente, a opinião, as crenças ou os fatos são procurados (Hollway & Jefferson, 2000).

Adjunto ao uso da associação livre, é fulcral ter em conta os processos que daí advêm. A transferência refere-se ao deslocamento de desejos inconscientes outrora investidos numa figura anterior – e.g. um pai – para o analista, em que estes desejos são experienciados com o imediatismo de sentimentos para a pessoa actual (Hollway, 2003). Embora diluída numa configuração não-clínica, investigadores sensíveis à sua própria transferência e contratransferência, assim como à dos seus participantes, poderão recorrer a estes como dados de investigação, permitindo uma melhoria à crítica da objetividade e complementar a compreensão de reflexividade do investigador (apesar de um conceito pouco explorado teoricamente na ciência social qualitativa) (Hollway, 2003).

O conflito inconsciente produz ansiedade. De acordo com Kris (1996), a ansiedade apresenta-se de forma mais ou menos proeminente em relações de investigação (e.g. entrevistas e análise de dados), variando no assunto da entrevista, no setting e na capacidade do entrevistador conter a ansiedade. As defesas inconscientes contra a ansiedade irão afectar a capacidade dos entrevistados recordarem e narrarem eventos e a sua participação nestes. Portanto, o método da entrevista narrativa em associação livre pressupõe que os participantes estejam inconscientemente defensivos em relação (Hollway & Jefferson, 2000). Esta consideração pela subjectividade compreende os desejos e as defesas inconscientes contra a ansiedade como produto das estruturas psicológicas, biologicamente únicas, dos entrevistados dinamicamente envolvidos com as suas experiências sociais (i.e. intersubjectivas, históricas e discursivas); esta ontologia psicossocial resiste à explicação simples e à análise redutora (Hollway & Jefferson, 2000).

Questões que sugerem relatos específicos previnem generalizações emocionalmente carregadas e racionalizações defensivas (Kris, 1996). Estas perguntas abertas são, seguidamente, ecoadas, ordenadas e fraseadas conforme a preferência do entrevistado. Deste modo, é o panorama do entrevistado que domina na investigação e não a do entrevistador (Hollway & Jefferson, 2000).

Com base no princípio holístico da “gestalt”, a análise a ser feita da narrativa compreende o todo do conjunto de dados para cada indivíduo aquando da interpretação das suas partes, especialmente com as associações que levaram a tal. Porém, em vez de esperar uma relação coerente entre as partes da narrativa, o investigador terá em consideração as inconsistências, contradições e os conflitos elaborados, assim como quaisquer mudanças no tom emocional e evitamentos (Hollway, 2004; Hollway & Jefferson, 2000; 2001; Kris, 1996).

Admitindo a epistemologia psicanalítica, ao utilizar a subjectividade do participante como instrumento para o conhecimento, investigadores compreendem o uso das suas respostas emocionais numa entrevista e subsequente análise de dados (Kris, 1996).

Procedimentos de Análise no Rorschach

O reconhecimento da alteridade subentende processos de separação e individuação, de diferença e complementaridade do *outro*, um desdobramento do dentro-fora, do continente-conteúdo. Tendo em conta o objectivo do presente estudo, enfatizam-se os processos implícitos na interpretação de uma mancha Rorschach: num primeiro momento, através da criação de um continente perceptivo – modo de apreensão –, procura-se uma diferenciação figura-fundo, seguindo-se a criação de um novo objecto através da comunicação, transformação e recriação entre o mundo interno do sujeito e a realidade externa – relação continente-conteúdo com a mancha (Marques, 2001). Ora, o processo de alteridade encontra-se intimamente ligado ao de identidade. Para Marques (1996), a identidade no Rorschach abarca de um estado arcaico de fusão benigna com a mãe – o fundo branco –, permitindo a separação e a individuação e, conseqüentemente, o destacar do objecto, tornando-o apto para a relação, a transformação e o crescimento. O fundo branco surge, assim, como uma base para a criação e organização de novos objectos, de identificação primária, que permite elaborar o símbolo e a sua significação – seja este íntegro ou danificado.

Portanto, o Rorschach será considerado como um método suportado nos referenciais teóricos da Psicanálise, juntamente com um alargamento dos seus procedimentos, permitindo uma integração dos aspectos organizadores da alteridade na auto-mutilação. Esta abordagem conceptual permite fornecer elementos interpretativos relevantes para o acesso às dimensões do funcionamento e estrutura psíquica do sujeito auto-mutilador. A elaboração de parâmetros de análise e organizadores permitem não só uma apreciação das dinâmicas inerentes à construção da identidade, dos processos de identificação e de elaboração da representação das relações, mas também um acesso à natureza do sujeito e das relações de *si* com *outro* através de uma análise centrada na “apreciação da actividade mental envolvida no processo-resposta Rorschach” (Marques, 2001, p. 303).

Os procedimentos para a compreensão do sujeito auto-mutilador recorrem aos referenciais habituais da análise dos protocolos Rorschach: elementos de cotação das respostas – modos de apreensão, determinantes e conteúdo –, componentes do psicograma, as respostas obtidas no inquérito e dimensões subjectivas da resposta – atitude do sujeito face à prova e comportamentos não-verbais. Deste modo, estes parâmetros de análise apresentam uma

decomposição filiada nos fundamentos teóricos do sistema de análise da escola francesa, efectuada com base:

- 1) nas noções de representação de *si* e de representação do *outro* (Chabert, 2000; 2003), na dupla dinâmica da identidade e da identificação, permitindo compreender a construção de identidade, os processos identificatórios e a elaboração da representação de relações;
- 2) nos modelos da significação e da simbolização (Marques, 2001), em que os organizadores do *corpo* e do *outro* surgem como elementos em reconstrução e em transmutação que se inscrevem nas lógicas da significação e processos de ligação e de transformação, face à possibilidade de acção e de interacção, permitindo uma compreensão dinâmica dos diferentes movimentos alterizantes do sujeito perante *si* e com/do *outro*;
- 3) no problema de investigação, nos pressupostos teóricos supramencionados, recorrendo a um consequente trabalho sobre o método Rorschach através de um alargamento teórico na leitura explicativa da expressão psíquica do sujeito auto-mutilador.

PARÂMETROS DE ANÁLISE DOS PROTOCOLOS RORSCHACH

Processos de (in)Alteridade	
Teoria	Procedimentos
Dependência do sujeito face ao <i>outro</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Solicitações de ajuda ao psicólogo (Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009) - Comentários focados na vivência subjectiva, experiências familiares (Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009) - Precauções verbais/hesitações. Comentários que expressam resistência à prova (Chabert, 2003; Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009) - Respostas de objectos com superfícies “reforçadas” – procura assegurar uma pseudoindependência do objecto externo (função de continente) (Linhares & Pinheiro, 2009; Teixeira & Marques, 2009) - Respostas C com conteúdos confortáveis, agradáveis – procura de apoio/suporte (Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009)
Relações simbióticas	<ul style="list-style-type: none"> - Cartão VII – apego à base (3º terço), à qual as personagens vistas no 1º e 2º terço estão coladas; temática destrutiva entre as duas personagens; aparecimento de temática oral (Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009)
Relações fusionais	<ul style="list-style-type: none"> - Indiferenciação do <i>Eu-outro</i>, em espelho [pode manifestar-se nos cartões bilaterais (II, III, VII e VIII)] – respostas com duas personagens agarradas, coladas; duplos (Chabert, 2003); Representação de relações de carácter fusional (e.g. siameses, pessoas agarradas), inscritas numa função de anáclise - Conteúdos verbais que expressam contacto, proximidade e colagem (e.g. junto, encostado, apoiado, etc.) (Chabert, 2000) - Infantilização dos conteúdos – respostas esbatimento de textura (Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009; Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009) - Cartão IX – imagens regressivas – temas alimentares ou de água. Respostas espelho, com foco no pormenor intramacular (Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009)
Indistinção <i>eu-outro</i> , interno-externo, dentro-fora	<ul style="list-style-type: none"> - Respostas Gbl ou D bl, onde o sujeito não consegue destacar a figura do fundo, interpretando também o branco (Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009; Linhares & Pinheiro, 2009; Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009). - Respostas EF, CF e C’F (Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009), onde o sujeito não é capaz de destacar a forma do fundo (Chabert, 2003) - Reflexo ou simetria (Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009; Linhares & Pinheiro, 2009) - G impressionistas – indefinição do objecto e do sujeito (Chabert, 2003) - Formas imprecisas (F+-) (Linhares & Pinheiro, 2009) - Cinestésias que implicam ruptura (Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009; Linhares &

Fragilidade na função continente e na função de pára-excitação	<p>Pinheiro, 2009), ou com delimitação pouco clara entre sujeito e <i>outro</i> – conteúdo ambíguo ou com confusão entre protagonistas (Chabert, 2003)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Invasão dos perceptos cor (Linhares & Pinheiro, 2009) - Resposta <i>máscara</i> em G – separação defeituosa entre o sujeito e o mundo externo (Sainz & Gorospe, 1994) - Ausência ou presença reduzida de conteúdo H claramente definido ou coeso – inaptidão do sujeito reconhecer a sua identidade subjectiva –, ou constituindo a maioria das respostas humanas em (H) – indistinção entre o real e o imaginário (Chabert, 2003; Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009) - Conteúdos Hd, Anat ou Sg – inexistência de limites dentro-fora (Chabert, 2003; Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009); fragilidade do eixo fálico (i.e. função de manutenção) (Linhares & Pinheiro, 2009); respostas de conteúdo interno (e.g. sangue, pulmões, coração, fígado), de destruição total (aniquilamento de pessoas ou animais), ou sem noção de limites – pré-separação e individuação (Diamond, Kaslow, Coonerty, & Blatt, 1990) - Comunicação com o clínico – apelo à certificação, pedidos de permissão criar – como forma de partilhar a responsabilidade de simbolizar (Linhares & Pinheiro, 2009) - Comentários de imprecisão, dúvida (e.g. “não sei...”, “não vejo...”) (Chabert, 2003) - Cartão IX – angústia de fragmentação em conteúdos interno corporal (Chabert, 2003) - G vagos – insuficiência do continente (Chabert, 2003) - Insistência nos contornos, tentativa de G, geralmente associado a um determinante formal – procura de continente e reforço de fronteiras (Teixeira & Marques, 2009) - Incapacidade na diferenciação figura-fundo, sem destaque de parte ou da totalidade da mancha – continente perceptivo (Linhares & Pinheiro, 2009; Teixeira & Marques, 2009) - Conteúdos pele/superfície não associados a F+ – ineficácia do envelope psíquico na sua função de continente (Linhares & Pinheiro, 2009) - Denegação de conteúdos internos (Linhares & Pinheiro, 2009) – mecanismo contra a para-excitação - Tempo de latência manifestamente elevado ou reduzido (Linhares & Pinheiro, 2009) – forma de criar uma interrupção entre estímulo e solicitações ou permeabilidade desta. - Respostas CF – contentor frágil (Tröger & Pinheiro, 2009)
Dificuldade na separação e individuação	<ul style="list-style-type: none"> - Diferenciação precoce: respostas de morte, de fusão, de imersão ou nascimento/eclosão (Diamond, Kaslow, Coonerty, & Blatt, 1990) - <i>Rapprocher</i> e separação: respostas onde existe um conflito vida-morte, evidente ou dissimulado, figuras que se separam ou aproximam, figuras que alteram a sua forma ou o seu afecto, figuras presas ou incapazes de separação (Diamond, Kaslow, Coonerty, & Blatt, 1990) - Narcisismo: respostas de parelha – duas figuras com características semelhantes em actividade conjunta ou em espelho – ou de onnipotência (Diamond, Kaslow, Coonerty, & Blatt, 1990) - Constância do objecto: duas figuras em actividade que implica mutualidade que contende propósito e reciprocidade, sem que haja fusão ou sobreposição; a diferenciação é implícita (Diamond, Kaslow, Coonerty, & Blatt, 1990)
Problemática na identidade e representação de si	<ul style="list-style-type: none"> - G simples ausentes ou pouco presentes – vago dos contornos, dificuldades em perceber e apreender uma entidade global claramente definida; retraimento narcísico, depressivo – dificuldade na inserção de uma realidade objectal claramente definida e diferenciada (Chabert, 2003) - Número elevado de respostas em D – incapacidade de uma apreensão global de um objecto; self não-unificado (Chabert, 2003) - Cartão V – ausência de banalidade, de representações unificadas (i.e. entidade global, insucesso da integridade corporal), do reconhecimento da realidade, da total representação (i.e. vazio, nada) – fragilidade narcísica (Chabert, 2003) - Cartão III – angústia de desintegração patente (Chabert, 2003) - Esvatimento de difusão (Chabert, 2003)

Tabela 1. Parâmetros de análise dos protocolos Rorschach

Procedimentos de Análise na Entrevista Narrativa em Associação Livre

A Entrevista Narrativa em Associação Livre será inscrita nas lógicas de análise e interpretação do Rorschach acima referidas, apresentando aspectos distintos e, no entanto, complementares às representações de sujeito e objecto feitas no decorrer das narrativas. Ao solicitar ao sujeito que elabore uma descrição de si mesmo de forma verbal e livre, este método apresenta uma maior sensibilidade à componente intra e interpessoal do mundo representacional do sujeito num contexto mais ou menos estruturado.

Perante uma solicitação única – “quem é a [sujeito]” –, esta Narrativa do *eu* no mundo representacional, mediada de forma livre e verbal, permite conceber o modo como o sujeito elabora, organiza, (re)constrói, transforma e comunica um processo de simbolização e significação do *eu* e da presença do *outro* no *eu* elaborado.

Assim, os parâmetros de análise das Narrativas encontram-se sustentados na sua desconstrução com base nas elaborações, movimentos e transformações que o sujeito faz de *si* e (da relação com) o *outro*, juntamente com as características organizadas em cada invocação. A estes movimentos fluidos e dinâmicos, irá acrescentar-se a representação objectal existente nesta diferenciação entre *eu* e *outro*, procurando confusões na barreira *eu/objecto* e um narcisismo, idealização/depreciação e reaproximar face ao *outro*.

Em suma, tendo em conta que o presente método é particularmente apropriado para explorar questões emocionalmente carregadas e assentes na identidade (Hollway & Jefferson, 2000), os processos acima mencionados abarcam numa procura de estabilidade (e estabilização) identitária, de uma função continente segura, numa intrínseca dinâmica relacional interjunctiva da alteridade. Ademais, e em simultâneo com os parâmetros de análise acima mencionados, procurar-se-á recorrer aos próprios processos de transferência e contratransferência de forma a complementar a compreensão do objectivo do presente estudo com a própria reflexividade do presente investigador.

ANÁLISE DOS DADOS

«*Nada dele desaparece Mas sofre uma transformação marinha Em algo rico e estranho.*»

William Shakespeare, in *A Tempestade*

São vários os autores que referem a importância da relação interpessoal estabelecida entre o sujeito e o examinador no decorrer da prova projectiva (Bejarano-Pruschy, 1952; Gresson, 1988; Lerner, 1988; Mayman, 1967; Schachtel, 1962; Shentoub, 1983; cit. in Marques, 2001; Chabert, 2003). Esta relação é considerada como uma interacção que intervém no processo de elaboração e de criação de uma resposta, operando enquanto rede de significações construídas nesta relação de intersubjectividade (Gresson, 1988, cit. in Marques, 2001). À semelhança da situação analítica, este investimento na relação, tanto por parte do sujeito como por parte do psicólogo, permite a partilha de um espaço intersubjectivo, em que ambos toleram uma intrínseca articulação dos seus universos privados. Deste modo, no presente estudo, as conseguintes respostas elaboradas na situação teste – Entrevista Narrativa em Associação Livre e o teste de Rorschach – encontram-se inscritas na dialógica deste paradigma intersubjectivo estabelecido, ou seja, “a situação de teste é uma situação construída subjectivamente” (Marques, 2001, p. 199).

As subsequentes análises concernem uma apreciação conjunta dos protocolos Rorschach e respectivos psicogramas (vd. Sandra: Anexo A e Anexo B; Olívia: Anexo C e Anexo D), seguido de uma apreciação das Entrevistas Narrativa em Associação Livre (vd. Sandra, Anexo E; Olívia, Anexo F) e um levantamento dos itens de análise que nele se destacam.

Análise do Rorschach

No Rorschach, após um levantamento dos resultados dos sujeitos, a presente análise terá com base não só os seus parâmetros de análise acima mencionados para os conteúdos Rorschach mas também uma análise quantitativa dos psicogramas obtidos com base nos valores normativos da escola francesa (vd. Anexo G). De modo a facilitar a captação e descrição dos movimentos psíquicos presentes na dinâmica de sujeitos auto-mutiladores, dos parâmetros teóricos acima referidos, evidencia-se a presença da 1) dependência do sujeito face ao *outro*, a 2) indistinção *eu-outro*, *interno-externo*, juntamente com a fragilidade na função continente, a 3) dificuldade na separação e individuação e 4) a problemática na identidade e representação de si. Seguidamente apresentam-se os parâmetros no Rorschach ilustrando as diversas manifestações através dos subsequentes protocolos das participantes com comportamentos de auto-mutilação.

PARÂMETROS DE ANÁLISE DO PROTOCOLO RORSCHACH DA SANDRA

Procedimentos	Conteúdo Rorschach
	Dependência do sujeito face ao outro
- Solicitações de ajuda ao psicólogo	<p>C. I – 4. “Faz-me lembrar outro bicho... aqueles... aquelas preguiças que não são bem preguiças, que têm tipo pele extra aqui [patágio], que se esticam, e planam... (fita-me e esboça um ar de confusão; “esquilo?”) Exacto! Isso, um esquilo. É um esquilo... nem me lembrava...”</p> <p>C. II – “Posso virar ao contrário?”</p> <p>C. III – 28. “Inquérito: Parece-me a taça, com aquela coisa... (fita-me e esboça um ar de confusão; “pilão?”) Sim!”</p> <p>C. IV – “Já disse árvore morta?”</p> <p>C. V – 45. “Folhos... como se chamam?... Okay, há aqui qualquer coisa que me faz lembrar algo que não me lembro do nome... mas que é tipo... nos cachecóis... aquelas “ripinhas”... no fim... Folhos de cachecol, ou assim...”; 49. Inquérito: “Estes são as patinhas do pássaro. Estes são as asas do pássaro. É um pássaro a descer pronto para matar, okay? Portanto ele está com o bico aberto. Mas está com a cabeça torcida para apanhar de lado.”</p> <p>C. VI – “Urgh... Nojo, pronto... Pode-se indicar sensações, certo?... Nojo... isso... Só me vem à cabeça nojo...”; 58. Inquérito: “Todas estas porcariazinhas aqui (Dd central E) ... aqui... estas coisinhas aqui... parecem bichinhos a empilharem-se... What the hell? Como se chamam? Tipo... Bicha solitária.”</p> <p>C. VIII – “Em vez de estar a dizer... tenho de dizer tudo aquilo que me faz lembrar, ou posso generalizar?”; 77. “Faz-me lembrar, tipo, ah... Como se chamam? Corpetes! Faz-me lembrar isso. Tipo algo que prenda firmemente... é isso.”</p>
- Comentários focados na vivência subjectiva, experiências familiares	<p>C. I – R.A.: “Se olhar para isto faz-me lembrar o meu coelho. Olhando para isto, faz-me vir à cabeça o coelho... Quando ele mete as orelhas para baixo fica assim, simplesmente”</p> <p>C. VIII – 75. “Lembraste quando eramos pequenos tínhamos aqueles “pegamonstros”? Faz-me lembrar isso.”</p>
- Precauções verbais/hesitações. Comentários que expressam resistência à prova	<p>C. II – “Peço desculpa se isto não está a fazer muito sentido.”</p> <p>C. III – 20. “Eu diria que isto, este pelo menos, no seu conjunto, parece-me tipo uma espécie de representação do sistema reprodutor feminino, ponto... o útero aqui... consigo ver perfeitamente aqui as trompas, o útero, e etc...”; 27. “Uma pistola... ou algo assim...”</p> <p>C. VI – “Okay... er...”; “Uhm... esqueci-me do nome”; 57. “Faz-me lembrar... sujidade... tipo... repugnante... não sei... seja lá p que o meu cérebro associa... não define nada que goste... não que tenha gostado de alguma coisa até agora, mas pronto... não sei...”; 59. Sei lá... na minha cabeça aparece tipo um monstro com várias cabeças, e não sei quê... (ri-se) o que não faz sentido nenhum.”</p> <p>C. VIII – “Er... okay... er...”; Desculpa, mas é mesmo aquela «nhenha»... De resto não me faz lembrar mais nada...”</p> <p>C. IX – 84. “Er... Eu não sei se isto é relevante... mas também parece-me aqui o formato dos países escandinavos.”</p>
- Respostas C com conteúdos confortáveis, agradáveis – procura de apoio/suporte	<p>C. X – 91. “Pássaros”; 94. “Flores”; 99. “Água”</p>
	Indistinação eu-outro, interno-externo
- Respostas Gbl ou D bl, onde o sujeito não consegue destacar a figura do fundo, interpretando também o branco	<p>C. I – 2. “Um morcego”; 3. “Uma abóbora de Halloween”; 4. “Faz-me lembrar outro bicho... aqueles... aquelas preguiças que não são bem preguiças, que têm tipo pele extra aqui (patágio), que se esticam, e planam (esquilo?) Exacto! Isso, um esquilo. É um esquilo... nem me lembrava...”</p> <p>C. II – 10. “Estas duas pessoas parecem que estão a bater palmas... não sei se se aplica...”; 12. “Uhm... as máscaras que se usavam em Veneza... no sec. XVIII... séc. XVII, XVII... especialmente no carnaval... faz-me lembrar isso...”</p> <p>C. III – 20. “Eu diria que isto, este pelo menos, no seu conjunto, parece-me tipo uma espécie de representação do sistema reprodutor feminino, ponto... o útero aqui... consigo ver perfeitamente aqui as trompas, o útero, e etc...”; 22. “Ou morcego... aliás... não é bem morcego...”; 23. “Uhm... há uns animaizinhos</p>

- Respostas EF, CF e C'F, onde o sujeito não é capaz de destacar a forma do fundo
- G impressionistas – indefinição do objecto e do sujeito
- Formas imprecisas (F+–)
- Cinestésias que implicam ruptura, ou com delimitação pouco clara entre sujeito e *outro* – conteúdo ambíguo ou com confusão entre protagonistas
- Resposta *máscara* em G – separação defeituosa entre o sujeito e o mundo externo
- Ausência ou presença reduzida de conteúdo H claramente definido ou coeso – inaptidão do sujeito reconhecer a sua identidade subjectiva –, ou constituindo a maioria das respostas humanas em (H) – indistinção entre o real e o imaginário
- Conteúdos Hd, Anat ou Sg – inexistência de limites dentro-fora; fragilidade do eixo fático (i.e. função de manutenção); - Pré-separação e individuação: respostas de conteúdo interno (e.g. sangue, pulmões, coração, fígado), de destruição total (aniquilamento de pessoas ou animais), ou sem noção de limites
- Comunicação com o clínico – apelo à certificação, pedidos de permissão criar – como forma de partilhar a responsabilidade de simbolizar

que têm os olhos, que são parentes das preguiças, que têm os olhos muito esbugalhados aqui de lado... uhm suricatas... acho que são suricatas...”; 24. “Também parece um boxer deitado... um cão.”; 28. “Um almofariz, tipo... com a coisa...”

C. VII – 68. “Capacete... capacete de guerra.”

C. X – 96. “... e corpo humano, pelo meio”; 101. “Máscara.”; 102. “Uhm... Cálice.”; 105. “Coruja... coruja ou mocho.”

C. III – 17. “Aborto.”

C. VII – 62. “Nuvens.”

C. X – 91. “Pássaros”; 92. “Folhas.”; 94. “Flores.”; 99. “Água.”

C. VI – 57. “Faz-me lembrar... sujidade... tipo... repugnante... não sei... seja lá o que o meu cérebro associa... não define nada que goste... não que tenha gostado de alguma coisa até agora, mas pronto... não sei...”

C. II – 9. “Crime... não sei se se pode aplicar...”;

C. VI – 58. “... e bichinhos... bichinhos daqueles maus.”

C. VII – 63. “Ar.”; 67. “Entrada.”

C. X – 101. “Máscara.”; 104. “Velas.”

C. V – 44. “Faz-me lembrar abraços...”

C. I – 3. “Uma abóbora de Halloween”

C. II – 12. “Uhm... as máscaras que se usavam em Veneza... no séc. XVIII... séc. XVII, XVII... especialmente no carnaval... faz-me lembrar isso...”

C. V – 43. “Faz-me lembrar outra vez as máscaras... não de Veneza, mas máscaras, ponto, que só tapam... os olhos...”

C. X – 101. “Máscara.”

H% = 4%

C. IV – 33. “Faz-me lembrar uma marioneta.”

C. X - 97. “Um anjo.”

C. II – 6. “Faz-me lembrar um coração... humano...”; 7. “Faz-me lembrar pulmões”; 8. “E... bacia.”; 9. “Crime... não sei se se pode aplicar...”

C. III – 17. “Aborto.”; 18. “Ou então simplesmente sangue...”; 20. “Eu diria que isto, este pelo menos, no seu conjunto, parece-me tipo uma espécie de representação do sistema reprodutor feminino, ponto... o útero aqui... consigo ver perfeitamente aqui as trompas, o útero, e etc...”; 26. “Ah! Vejo rins.”

C. IV – 40. “Faz-me lembrar um pé...”

C. V – 44. “Faz-me lembrar abraços...”; 46. “Faz-me lembrar uma traqueia.”

C. VII – 64. “Polegares.”

C. VIII – 69. “Genericamente isto parece-me o... toda a parte torácica do ser humano”; 72. “Uhm... rasgões... não sei... nos órgãos... pelo menos num deles... aliás... em todos... sim, em todos... parece que estão a rasgar, tipo a separá-los, ou desfazê-los... tipo isso.”; 73. “Quando virei o cartão, pareceu-me, novamente, o sistema reprodutor da mulher... por acaso...”

C. IX – 85. “Traqueia ou esófago... uhm... parece-me até ambos, para ser sincera... porque depois tem altos assim aqui e continua...”

C. X – 95. “Faz-me lembrar traqueia”; 96. “... e corpo humano, pelo meio.”

C. I – 3. Inquérito: “Se tirares estas partes de lado e em baixo, parece-me o sorriso de uma abóbora de Halloween e os olhinhos.”; 5. Inquérito: “Se cortares esta parte aqui, parece-me um cão, com as orelhas para baixo.”

C. II – 11. Inquérito: “Se contares com estes risquinhos cá em baixo, isto faz lembrar uma borboleta”; 12. Inquérito: “Tudo. Isto parecem as penas, os olhos, o nariz. Se olhares aqui parece que tem manchinhas para os olhos.”

C. III – 16. Inquérito: “se tirares o cesto parecem macacos”; 17. Inquérito: “Se

tirares os cestos e o laço, e associares estas duas imagens, parece-me um aborto. Isto parece-me um feto morto, estas duas coisas parecem-me sangue ou um feto morto. E associado às mães... não sei...”

C. IV – 30. “Isto também me faz lembrar... faz-me lembrar uma personagem que havia numa série – Yu-Gi-Oh... chamava-se Exodia... Era tipo um monstro enorme, onde só conseguias fazer o monstro se tivesses reunido os quatro membros e a cabeça... Faz-me lembrar isso...”; R.A.: “Se vires... isto é um cavalo alado... Para mim representa o Céu. Estes corninhos, chifrinhos, fez-me lembrar tipo... não posso dizer o Diabo... mas são coisas representativas... tipo... faz-me lembrar um bode. Aqui um bode e aqui um cavalo alado; a dualidade céu/inferno.”

C. V – 44. Inquérito: “Parece que estão de braços abertos para te abraçar.”

C. VIII – 69. Inquérito: “Aqui... se vires tudo de uma só vez parece-me a parte torácica”; 72. Inquérito: “Quando olhas para isto, incluindo esta parte verde aqui, parece que estão a rasgar. Aqui também, aqui também, aqui também. O facto de estarem assim meio abertos, parece que estão a esticar, e que está a rasgar. Está tipo pendurado.”; 75. Lembraste quando eramos pequenos tínhamos aqueles “pega-monstros”? Faz-me lembrar isso.”; 76. Inquérito: “Se cortares as pernas à lontra e a cauda, parece uma moca.”

C. IX – 83. Inquérito: “Se cortares as pinças ao carangejo, parece uma barata.”

C. X – 105. Inquérito: “Estás a ver a máscara? Pronto... Isto é aquelas penas que as corujas têm na testa, estes são os olhos da coruja, isto é o focinho da coruja, isto é o bico da coruja.

C. I – “Sim. Se olhar para isto faz-me lembrar coelho... não sei... não sei... Faz-me lembrar vários animais...”

C. II – 9. “Crime... não sei se se pode aplicar...”; 10. “Estas duas pessoas parecem que estão a bater palmas... não sei se se aplica...”; “Segredo... não sei se isto faz sentido... parece simplesmente... porque estão aqui estas manchas escondidas... a esconder algo.”; “As pessoas estão a bater palmas, mas ao mesmo tempo parecem que estão a esconder algo. Não sei... como se estivessem a contar um segredo, mas ao mesmo tempo não contam. Parece-me isso, devido às manchas vermelhas e estarem a bater palmas.”

C. IV – 40. “Faz-me lembrar um pé... cortado... não sei se isso tem destaque... mas cortado, definitivamente, tipo... com as “tripas” a caírem...”

C. V – “Uhm... não me lembro de mais... Isto fez muito pouco sentido para mim. Não me lembro de mais.”

C. VI – “Urgh... não sei...”; 57. “Faz-me lembrar... sujidade... tipo... repugnante... não sei... seja lá p que o meu cérebro associa... não define nada que goste... não que tenha gostado de alguma coisa até agora, mas pronto... não sei...”; 59. “Sei lá... na minha cabeça aparece tipo um monstro com várias cabeças, e não sei quê... (ri-se) o que não faz sentido nenhum.”

C. VIII – 72. “Uhm... rasgões... não sei... nos órgãos... pelo menos num deles... aliás... em todos... sim, em todos... parece que estão a rasgar, tipo a separá-los, ou desfazê-los... tipo isso.”; “Que engraçado, parece que as doninhas estão a comer o cérebro... Comer não. Segurar o cérebro, tipo a estica-lo, e que isso está a causar rasgões... Não sei...”

C. IX – 84. “Er... Eu não sei se isto é relevante... mas também parece-me aqui o formato dos países escandinavos.”

C. IX – 85. “Traqueia ou esófago... uhm... parece-me até ambos, para ser sincera... porque depois tem altos assim aqui e continua...”

Fragilidade na função continente e na função de pára-excitação

- G vagos – insuficiência do continente

- Respostas com incapacidade na diferenciação figura-fundo, sem destaque de parte ou da totalidade da mancha – continente perceptivo

C. II – 9. “Crime... não sei se se pode aplicar...”;

C. I – 2. “Um morcego”; 3. “Uma abóbora de Halloween”; 4. “Faz-me lembrar outro bicho... aqueles... aquelas preguiças que não são bem preguiças, que têm tipo pele extra aqui (patágio), que se esticam, e planam (esquilo?) Exacto! Isso, um esquilo. É um esquilo... nem me lembrava...”

C. II – 10. “Estas duas pessoas parecem que estão a bater palmas... não sei se se aplica...”; 12. “Uhm... as máscaras que se usavam em Veneza... no sec. XVIII... séc. XVII, XVII... especialmente no carnaval... faz-me lembrar

isso...”

C. III – 20. “Eu diria que isto, este pelo menos, no seu conjunto, parece-me tipo uma espécie de representação do sistema reprodutor feminino, ponto... o útero aqui... consigo ver perfeitamente aqui as trompas, o útero, e etc...”; 22. “Ou morcego... aliás... não é bem morcego...”; 23. “Uhm... há uns animaizinhos que têm os olhos, que são parentes das preguiças, que têm os olhos muito esbugalhados aqui de lado... uhm suricatas... acho que são suricatas...”; 24. “Também parece um boxer deitado... um cão.”; 28. “Um almofariz, tipo... com a coisa...”

C. VII – 68. “Capacete... capacete de guerra.”

C. X – 96. “... e corpo humano, pelo meio”; 101. “Máscara.”; 102. “Uhm... Cálice.”; 105. “Coruja... coruja ou mocho.”

T/Lm = 5,3” (reduzido)

- Tempo de latência manifestamente elevado ou reduzido – forma de criar uma interrupção entre estímulo e solicitações ou permeabilidade desta.

- Respostas CF – contentor frágil

C. III – 17. “Aborto.”

C. X – 91. “Pássaros.”; 92. “Folhas.”; 94. “Flores.”; 99. “Água.”

Dificuldade na separação e individuação

- Diferenciação precoce: respostas de morte, de fusão, de imersão ou nascimento/eclosão

C. II – 9. “Crime... não sei se se pode aplicar...”; 13. E... faz-me lembrar baratas... é só isso... Aliás, são duas baratas numa.”

C. III – 17. “Aborto.”

C. IV – 31. “Faz-me lembrar uma árvore morta.”

C. V – 49. “Faz-me lembrar um pássaro... um pássaro pronto a comer, ou a caçar... sim, caçar... ou coisa assim...”

C. VI – 59. “Sei lá... na minha cabeça aparece tipo um monstro com várias cabeças, e não sei quê... (ri-se) o que não faz sentido nenhum.”; Inquérito: “Estas são as cabeças do monstro, e isto é o monstro. É como se os pequenos insectos se juntassem todos e fizessem um mega monstro com várias cabeças. Juro que vejo aqui cabeças... ergh... como se nas pontas tivessem olhinhos, ou uma boquinha, ou...”

C. III – 22. “Ou morcego... aliás... não é bem morcego...”

C. IV – R.A.: “Se vires... isto é um cavalo alado... Para mim representa o Céu. Estes corninhos, chifrinhos, fez-me lembrar tipo... não posso dizer o Diabo... mas são coisas representativas... tipo... faz-me lembrar um bode. Aqui um bode e aqui um cavalo alado; a dualidade céu/inferno.”

C. V – 49. “Faz-me lembrar um pássaro... um pássaro pronto a comer, ou a caçar... sim, caçar... ou coisa assim”; Inquérito: “Estes são as patinhas do pássaro. Estes são as asas do pássaro. É um pássaro a descer pronto para matar, okay? Portanto ele está com o bico aberto. Mas está com a cabeça torcida para apanhar de lado.”

C. VI – 58. “... e bichinhos... bichinhos daqueles maus.”; 59. “Sei lá... na minha cabeça aparece tipo um monstro com várias cabeças, e não sei quê... (ri-se) o que não faz sentido nenhum.”; Inquérito: “Estas são as cabeças do monstro, e isto é o monstro. É como se os pequenos insectos se juntassem todos e fizessem um mega monstro com várias cabeças. Juro que vejo aqui cabeças... ergh... como se nas pontas tivessem olhinhos, ou uma boquinha, ou...”

C. IX – 87. “Okay. Isto parece uma barata gigante...”; 88. Ou então uma mosca! Se calhar andava a dizer barata, mas é uma mosca! Agora faz-me mesmo lembrar uma mosca... com aqueles olhos esbugalhados... Uma mosca... Ya! É uma mosca! É mesmo uma mosca... tem aquela boquinha e tudo... Enfim?”

C. II – 10. “Estas duas pessoas parecem que estão a bater palmas... não sei se se aplica...”

C. VIII – 70. “Duas doninhas.”; “Que engraçado, parece que as doninhas estão a comer o cérebro... Comer não. Segurar o cérebro, tipo a estica-lo, e que isso está a causar rasgões... Não sei...”

- Constância do objecto: duas figuras em actividade que implica mutualidade que contende propósito e reciprocidade, sem que haja fusão ou sobreposição; a diferenciação é implícita

Problemática na identidade e representação de si

<p>- G simples ausentes ou pouco presentes – vago dos contornos, dificuldades em perceber e apreender uma entidade global claramente definida; retraimento narcísico, depressivo – dificuldade na inserção de uma realidade objectal claramente definida e diferenciada</p> <p>- Número elevado de respostas em D – incapacidade de uma apreensão global de um objecto; self não-unificado</p> <p>- Cartão III – angústia de desintegração patente</p> <p>- Esbatimento de difusão</p>	<p>G = 16%</p> <p>D = 75%</p> <p>C. III – Progressão: 15. “Mães com bebés... ou cestas...” → 16. “Faz-me lembrar macacos, também.” → 17. “Aborto.” → 18. “Ou então simplesmente sangue...”; 22. “Ou morcego... aliás... não é bem morcego...”</p> <p>C. VI – 57. “Faz-me lembrar... sujidade... tipo... repugnante... não sei... seja lá o que o meu cérebro associa... não define nada que goste... não que tenha gostado de alguma coisa até agora, mas pronto... não sei...”</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Tabela 2. Parâmetros de Análise do Rorschach da Sandra

PARÂMETROS DE ANÁLISE DO PROTOCOLO RORSCHACH DA OLÍVIA

Procedimentos	Conteúdo Rorschach
	Dependência do sujeito face ao <i>outro</i>
<p>- Precauções verbais/hesitações.</p> <p>- Comentários que expressam resistência à prova</p> <p>- Respostas C com conteúdos confortáveis, agradáveis – procura de apoio/suporte</p>	<p>C. I – “... Sei lá...”; 2. “Talvez um coelho...”</p> <p>C. IV – “... Não sei porquê... parece-me...”</p> <p>C. VI – “... é difícil... ou talvez não...”</p> <p>C. VII – “... não sei o que há para dizer nesta.”</p> <p>C. X – 16. “... festa, energia, liberdade, movimentos, felicidade...”</p>
	Indistinação <i>eu-outro, interno-externo</i>
<p>- Respostas Gbl ou D bl, onde o sujeito não consegue destacar a figura do fundo, interpretando também o branco</p> <p>- Respostas EF, CF e C’F, onde o sujeito não é capaz de destacar a forma do fundo</p> <p>- Formas imprecisas (F+–)</p> <p>- Cinestésias que implicam ruptura, ou com delimitação pouco clara entre sujeito e <i>outro</i> – conteúdo ambíguo ou com confusão entre protagonistas</p>	<p>C. I – 2. “Talvez um coelho...”; Inquérito: “Foi o que me saltou logo à vista: as orelhas, os olhos, a boca, os dentes... no geral.”</p> <p>C. II – 4. “... dois corpos diferentes... em confronto. Como se fosse um espelho... em confronto.”</p> <p>C. III – 5. “... o caminho para o desconhecido...”</p> <p>C. VII – 11. “... um espaço aberto à espera de ser preenchido... de conhecimento ou de sentimento...”</p> <p>C. III – 5. “... o caminho para o desconhecido...”</p> <p>C. I – 1. “Efeito borboleta...”</p> <p>C. V – 8. “... algo... libertador... a ver com liberdade...”</p> <p>C. VII – 11. “... um espaço aberto à espera de ser preenchido... de conhecimento ou de sentimento...”</p> <p>C. VIII – 12. “A multiplicidade... diferentes tipos de coisas... todas juntas... mas... todos diferentes e todos iguais...”</p> <p>C. IX – 14. “... Uma árvore um tanto ou quanto mística... aqui no interior... algo místico no interior...”</p> <p>C. I – 3. “Uhm... dois corpos em viagem astral... a centrar a si próprios...”</p> <p>C. VI – 9. “Uhm... o Sol a iluminar a Terra?”; Inquérito: “É isso mesmo: o Sol a iluminar a terra. O Sol aqui... em cima... e aqui está a luz a iluminar a Terra... talvez a iluminar uma terra que o... idolatra... (idolstrar?) É como se fosse Cristo a iluminar os cristãos (ri-se)... basicamente é uma coisa assim... O Sol é metaforicamente como Deus – não é que eu acredite em Deus, mas pronto –</p>

uhm... O Sol a Iluminar as pessoas que o adoram... cuidam dele... da terra e... sei lá... é tipo as pessoazinhas a dizer «oh, por favor faz crescer as nossas colheitas, nós adoramos-te e não sei quê...»; 10. "... a expansão de algo a partir de um único ponto de origem..."; Inquérito: "Explosão de energia...? (...) Em parte porque tem uma forma vibrante e... parece o libertar de qualquer coisa, o libertar de energia ou qualquer coisa... uma coisa assim (ri-se)... porque eu vejo as coisas mas muito muitas vezes não encontro a explicação para as coisas que vejo (ri-se)... Tipo, tu estás aqui no teu cantinho e não sei quê e, de repente... começas a sentir qualquer coisa de novo e... e explodes e... estás contente pelo que sentes e... algo assim abstracto..."

C. IX – 13. "Uma explosão de energia!"

C. X – 16. "... festa, energia, liberdade, movimentos, felicidade..."

H% = 6%

C. I – 3. "Uhm... dois corpos em viagem astral... a centrar a si próprios..."

C. II – 4. "... dois corpos diferentes... em confronto. Como se fosse um espelho... em confronto."

- Invasão dos perceptos cor
- Ausência ou presença reduzida de conteúdo H claramente definido ou coeso – inaptidão do sujeito reconhecer a sua identidade subjectiva –, ou constituindo a maioria das respostas humanas em (H) – indistinção entre o real e o imaginário
- Comunicação com o clínico – apelo à certificação, pedidos de permissão criar – como forma de partilhar a responsabilidade de simbolizar

C. I – 1. Inquérito: "Uhm... é como no filme... Imagina que aqui és mais novo, e aqui és mais velho, e as escolhas que fizeres aqui vão-se traduzir aqui."

C. III – 5. Inquérito: "Tu estás aqui ... aqui é o teu espaço. Sabes o que tens, sabes o que não tens, com o que podes contar... mas indo mais para a frente fica... fica tipo enublado... não sabes com o que hás-de contar... não conheces... e talvez ter medo de continuar."

C. IV – "Sim! Porque tem um aspecto muito carregado... parece quase opressivo, ou assim... uhm... Parece que está mesmo a olhar para ti (ri-se)... a sério..."

C. VI – 9. "Uhm... o Sol a iluminar a Terra?"

C. VII – 11. Inquérito: "É como eu, quer sempre conhecer mais, saber mais... Isto é o que tu conseguiste até agora, e para conseguir este tens de conseguir mais"; "A confusão está aqui... e aqui, pronto... o espaço branco é o espaço que tens para te reconfortares"

C. VIII – 12. Inquérito: "Tipos diferentes, cores diferentes, formas diferentes... só que estão todas interligadas, como se fossem uma só... Coisas diferentes... que se toleram e que vivem em... harmonia?"

C. IX – 13. Inquérito: "Explosão de energia...? (...) Em parte porque tem uma forma vibrante e... parece o libertar de qualquer coisa, o libertar de energia ou qualquer coisa... uma coisa assim (ri-se)... porque eu vejo as coisas mas muito muitas vezes não encontro a explicação para as coisas que vejo (ri-se)... Tipo, tu estás aqui no teu cantinho e não sei quê e, de repente... começas a sentir qualquer coisa de novo e... e explodes e... estás contente pelo que sentes e... algo assim abstracto..."; 14. Inquérito: "Eh pah... porque basicamente isto parece uma árvore (ri-se). daquelas árvores que... dá para entrares pelo meio e... dá aquela sensação que há lá mais qualquer coisa, e tu não sabes o que é... Lá está... qualquer coisa, este sentimento de desconhecido, basicamente é esta coisinha aqui..."

C. IV – 7. Inquérito: "Uhm... sei lá... as pétalas... a flor assim"

C. VI – 9. "Uhm... o Sol a iluminar a Terra?"

- Comentários de imprecisão, dúvida (e.g. "não sei...", "não vejo...")

Fragilidade na função continente e na função de pára-excitação

- G vagos – insuficiência do continente

C. I – 1. "Efeito borboleta..."

C. V – 8. "... algo... libertador... a ver com liberdade..."

C. VIII – 12. "A multiplicidade... diferentes tipos de coisas... todas juntas... mas... todos diferentes e todos iguais..."

C. IX – 14. "... Uma árvore um tanto ou quanto mística... aqui no interior... algo místico no interior..."

G% = 75%

- Insistência nos contornos, tentativa de G, geralmente

associado a um determinante formal – procura de continente e reforço de fronteiras

- Respostas com incapacidade na diferenciação figura-fundo, sem destaque de parte ou da totalidade da mancha – continente perceptivo

- Tempo de latência manifestamente elevado ou reduzido – forma de criar uma interrupção entre estímulo e solicitações ou permeabilidade desta.

C. I – 2. “Talvez um coelho...”; Inquérito: “Foi o que me saltou logo à vista: as orelhas, os olhos, a boca, os dentes... no geral.”

C. II – 4. “... dois corpos diferentes... em confronto. Como se fosse um espelho... em confronto.”

C. III – 5. “... o caminho para o desconhecido...”

C. VII – 11. “... um espaço aberto à espera de ser preenchido... de conhecimento ou de sentimento...”

T/Lm = 29,2 (elevado)

Dificuldade na separação e individuação

- Diferenciação precoce: respostas de morte, de fusão, de imersão ou nascimento/eclosão

- *Rapprocher* e separação: respostas onde existe um conflito vida-morte, evidente ou dissimulado, figuras que se separam ou aproximam, figuras que alteram a sua forma ou o seu afecto, figuras presas ou incapazes de separação

- Narcisismo: respostas de parêntese – duas figuras com características semelhantes em actividade conjunta ou em espelho – ou de onipotência

- Constância do objecto: duas figuras em actividade que implica mutualidade que contende propósito e reciprocidade, sem que haja fusão ou sobreposição; a diferenciação é implícita

C. IV – 7. “... parece uma flor que se acaba de abrir, a desabrochar...”

C. I – 1. “Efeito borboleta...”; Inquérito: “Uhm... é como no filme... Imagina que aqui és mais novo, e aqui és mais velho, e as escolhas que fizeres aqui vão-se traduzir aqui.”; **3.** “Uhm... dois corpos em viagem astral... a centrar a si próprios...”; Inquérito: “Basicamente é o mesmo que no Efeito Borboleta... dois corpos... cada um a enviar o seu espírito, ou assim... e estão à procura de qualquer coisa... Aqui os dois corpos, e o reflexo dos espíritos a sair.”

C. II – 4. “... dois corpos diferentes... em confronto. Como se fosse um espelho...em confronto”; Inquérito: “Parece que se estão a fitar um ao outro... sei lá, na tentativa de descobrir porque é que cada um está aí... Isto é a cabeça. A olharem um para o outro... para descobrir o que um e o outro é... Tanto que está aqui a mãozinha e tal...”

C. I – 3. “Uhm... dois corpos em viagem astral... a centrar a si próprios...”; Inquérito: “Basicamente é o mesmo que no Efeito Borboleta... dois corpos... cada um a enviar o seu espírito, ou assim... e estão à procura de qualquer coisa... Aqui os dois corpos, e o reflexo dos espíritos a sair.”

Problemática na identidade e representação de si

- Cartão V – ausência de banalidade, de representações unificadas (i.e. entidade global, insucesso da integridade corporal), do reconhecimento da realidade, da total representação (i.e. vazio, nada) – fragilidade narcísica

- Cartão III – angústia de desintegração patente

- Esbatimento de difusão

C. V – 8. “... algo... libertador... a ver com liberdade...”

C. III – 5. “... o caminho para o desconhecido...”; Inquérito: “Tu estás aqui ... aqui é o teu espaço. Sabes o que tens, sabes o que não tens, com o que podes contar... mas indo mais para a frente fica... fica tipo enublado... não sabes com o que hás-de contar... não conheces... e talvez ter medo de continuar.”

C. III – 5. “... o caminho para o desconhecido...”; Inquérito: “Tu estás aqui ... aqui é o teu espaço. Sabes o que tens, sabes o que não tens, com o que podes contar... mas indo mais para a frente fica... fica tipo enublado... não sabes com o que hás-de contar... não conheces... e talvez ter medo de continuar.”

Dependência do sujeito face ao outro

No que concerne a esta primeira função, em ambos os protocolos encontramos diversos parâmetros de análise inicialmente propostos. É conhecido que a característica essencial do investimento da relação encontra-se relacionado com o manuseamento da dependência do sujeito com o *outro* (Chabert, 2000), que se marca como uma das características primárias das modalidades das relações. Assim, a presença de solicitações de ajuda ao psicólogo assim como comentários focados na vivência subjectiva encontram-se presente unicamente no protocolo da Sandra, onde se evidencia um apelo a este *outro* (i.e. psicólogo), que funciona como uma segunda pele (no sentido de Anzieu), onde estes comentários pessoais, que remetem para experiências familiares, permitem ao sujeito uma tranquilização narcísica face ao desconhecido da situação Rorschach (Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009) num suporte à realidade exterior e relacional com o *outro*. Enquanto estas solicitações ao psicólogo foram realizadas ao longo de grande parte da situação Rorschach – cartões I, II, III, IV; V, VI e VIII –, os comentários subjectivos incidiram sobre o cartão I e o cartão VIII. Tendo em conta o conteúdo latente do material, é de notar que estes comentários surgiram unicamente com o material do cartão I, o primeiro contacto com a situação Rorschach, dispondo o sujeito face ao teste e a sua referência ao corpo (Chabert, 2003), e face ao primeiro contacto com os tons pastel do material do cartão VIII, onde o aparecimento da policromia invoca a capacidade do sujeito adaptar-se ao mundo exterior permitindo maior associação relacional e comunicacional (Chabert, 2003). Quanto à existência de precauções verbais ou hesitações, e mesmo comentários que expressão resistência à prova ou à elaboração de uma imagem, ambos os protocolos evidenciaram estes aspectos de dependência ao longo da prova.

Ademais, ambas apresentaram uma única resposta cor que revelasse um conteúdo aconchegante ou caloroso – no cartão X. Para além de este conteúdo remeter para uma procura de apoio onde existe uma comunicação ténue entre o interior e o exterior, tendo em conta o conteúdo latente do cartão e a problemática nele emergente, evidencia-se uma procura de suporte perante esta fragmentação, ruptura e multiplicidade inerente (Rausch de Trautenberg, 1970/90, cit. in Chabert, 2003).

Indistinação eu-outro, interno-externo

Um primeiro item nesta é a existência de respostas com referência ao branco intramacular (i.e. Gbl e D bl) em que o sujeito não elabora um destaque figura-fundo, havendo uma inversão desta, e interpretando também o branco. A sua marcada presença em ambos os protocolos para

além de evidenciar uma indistinção no *eu-outro*, no interno-externo, na realidade-fantasia, existindo uma colagem destas duas realidades (Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009; Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009). Na Sandra, distingue-se a presença de respostas “*máscara*” em D bl, Gbl e G em quatro ocasiões distintas – cartão I, II, V e X – que demonstram uma separação frágil entre o sujeito e o mundo externo (Sainz & Gorospe, 1994) e uma simultânea procura no investimento nos limites (Teixeira & Marques, 2009). Do mesmo modo, encontram-se presentes respostas de conteúdos Hd, *Anatomia* ou conteúdo interno (e.g. *Sangue*, pulmões, coração, fígado, etc.), que remetem a uma fragilidade de limites dentro-fora, do envelope, remetendo para uma interioridade mal guardada do corpo, assim como na função de manutenção (Chabert, 2003; Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009; Linhares & Pinheiro, 2009); a existência destes conteúdos no cartão IX da Sandra remete a uma angústia de fragmentação.

Esta indistinção entre o *eu* e o *outro*, do interno e do externo, encontram-se expressas na presença de respostas EF, CF e C’F, respostas imprecisas (F+-), pelas cinestésias que implicam ruptura ou com delimitação pouco clara entre sujeito e *outro*, expressando um conteúdo ambíguo ou com confusão entre protagonistas, e pela invasão do percepto cor; em si, este conteúdo denuncia uma hipersensibilidade ao material, resultando nesta indiferenciação dos limites próprios (Chabert, 2003; Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009; Linhares & Pinheiro, 2009). Ademais, a ausência reduzida de conteúdo H claramente definido e coeso, tanto na Sandra (H%=4%) como na Olívia (H%=6%), revela esta inaptidão em assegurar a sua identidade subjectiva ou mesmo uma representação de si próprio num sistema de relações onde o *outro* é reconhecido como integro (Chabert, 2003; Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009). De modo semelhante, o séquito de G impressionistas na Sandra, pelas suas características de indefinição do objecto e do sujeito através de uma manifestação sensível, por vezes intensas, permite reenviar para um movimento defensivo contra esta emergência de representações desagradáveis ou inquietantes (Chabert, 2003).

Por último, para além da existência de comentários de imprecisão e/ou dúvida, onde se revela um receio do compromisso e da tomada de posição clara e determinada, é evidente uma comunicação com o clínico, em ambos os protocolos, num apelo à certificação e pedidos de permissão para criar. Aqui, como no item anterior, o sujeito procura partilhar este espaço com a repartição da responsabilidade de criar e simbolizar com o psicólogo (Chabert, 2003; Linhares & Pinheiro, 2009). Ambas as participantes impetram ao clínico uma intensa participação activa no processo de simbolizar, marcada por uma solicitação imensa após o processo espontâneo de resposta – ou seja, no inquérito.

Fragilidade na função continente e na função de pára-excitação

À semelhança do parâmetro acima referente à indistinção *eu-outro*, o elevado número de respostas com referência ao branco intramacular (i.e. Gbl e D bl) em ambos os protocolos, onde há uma incapacidade na diferenciação figura-fundo, sem destaque de parte ou da totalidade da mancha demonstra, também, uma disfunção na função de manutenção, havendo uma “invasão do espaço psíquico por conteúdos pouco diferenciados” (Roman, 1996, cit. in Linhares & Pinheiro, 2009, p. 309), o que por sua vez aponta para uma fragilidade no constituinte psíquico (i.e. falhas) que permite a estabelecimento de movimentos regressivos “em direcção ao Nada” (Teixeira & Marques, 2009, p. 285), sem a elaboração definida de uma função contentora do conteúdo Rorschach.

Esta procura de continente é evidenciada na Olívia, onde existe uma elevação de apreensões globais ($G\%=75\%$); este factor, em conjunto com os demais itens do protocolo, evidenciam uma tentativa de reforçar as fronteiras face à ameaça desta confusão entre o *eu* e o *outro* e da porosidade da função continente (Chabert, 2003). Do mesmo modo, a indefinição tanto do objecto como do sujeito encontra-se numa mesma linha de imprecisão – uma insuficiência da função do continente. Esta aparece camuflada perante a utilização de G vagos como mecanismo de defesa contra esta volubilidade do continente, protegendo-se contra representações mais significativas (Chabert, 2003). Por sua vez, a Sandra apresenta um conjunto de respostas em CF que remetem para uma fragilidade, de referência formal (Chabert, 2003), uma instabilidade impulsiva de qualidade infantil (Rausch de Traubenbergl, 1970), marcado por um envelope contentor frágil que impede uma contenção segura do conteúdo (Tröger & Pinheiro, 2009).

No que concerne aos tempos de latência médios, encontramos os opostos em cada uma das participantes: a Sandra apresenta um tempo de latência médio de 5,3 segundos, sendo manifestamente baixo, por sua vez a Olívia anuncia um tempo de latência médio marcadamente elevado de 29,2 segundos. Ambos os extremos de tempo remetem para uma fragilização da função de para-excitação do continente, no entanto cada caso remetem para questões singulares e idiossincráticas dos sujeitos: o tempo de latência inferior ao normativo da Sandra remete para uma permeabilidade às estimulações externas, enquanto o tempo superior ao normativo da Olívia sobrescrita para uma tentativa para criar um hiato entre o estímulo (angustiante) e as suas solicitações mais imediatas (Linhares & Pinheiro, 2009).

Dificuldade na separação e individuação

Esta função de separação-individuação fora estudada não só com base nas temáticas de separação e pré-separação-individuação – diferenciação precoce, narcisismo e *rapprocher* e separação – mas também tendo em conta a (in)existência de níveis de desenvolvimento superiores do processo de separação-individuação – constância de objecto e intersubjectividade.

Evidenciam-se as respostas demarcadas pelos itens de diferenciação precoce e *rapprocher* e separação em ambos os protocolos. Esta sequência segue aos estágios iniciais do desenvolvimento e maturação do processo de pre-separação-individuação (Mahler, Pine, & Bergman, 1975); os conteúdos elaborados nestes itens evidenciam algum grau de regressividade, elaborando temáticas de morte, fusão ou nascimento, ou mesmo a existência de figuras um conflito mais elaborado entre vida/morte, com volatilidade na forma ou afecto, em separação ou aproximação, ou mesmo presas e incapazes de separação (Diamond, Kaslow, Coonerty, & Blatt, 1990). A única resposta que concerne o narcisismo fora dada pela Olívia, que elabora esta função de forma agressiva, onde existem “dois corpos diferentes... em confronto” (cartão II).

No entanto, no que concerne à constância objectal, tanto a Sandra como a Olívia apresentaram um número reduzido de respostas que destacassem esta perseverança do *outro* (duas e uma resposta, respectivamente). É de notar que o carácter escasso da estabilidade de limites destas respostas: na sua segunda resposta, a Sandra apresenta “duas doninhas” que se encontram a “comer o cérebro, (...) a segurar, (...) a estica-lo, (...) a causar rasgões” (cartão VIII); a Olívia, por sua vez, apresenta “corpos em viagem astral (...) a enviar o seu espírito” (cartão I). Esta elaboração do objecto encontra-se com um conteúdo agressivo ou instável, revelando mesmo uma insegurança ou inconstância nesta elaboração de fronteiras estáveis no *outro* e no externo.

Problemática na identidade e representação de si

Quanto a esta problemática, é de notar algumas distinções entre as duas participantes. A Sandra revela um número reduzido de G simples (G%=16%) juntamente com um número elevado de respostas em D (D%=75%), revelando uma incapacidade de apreensão global de um objecto, indicando uma dificuldade em perceber uma entidade global claramente definida. Este aspecto não só evidencia uma falta de distinção entre o sujeito e o objecto pelas representações fragmentárias, como também revela uma dificuldade na inserção de uma realidade objectal claramente definida e diferenciada devido à sua própria imagem corporal lacunar, uma estrutura de self pouco unificada (Chabert, 2003). Este modo de apreensão manifesta uma necessidade de ancoragem no real, utilizando a exterioridade como defesa expressa num mecanismo de

isolamento, manifestando-se como um suporte às representações fantasmáticas ou pulsionais aquando a falha de circunscrição da mancha (Chabert, 2003).

Por sua vez, a Olívia não revela qualquer elaboração de banalidade no cartão V, ou mesmo representações unificadas, sendo indicativo de um insucesso da integridade corporal assim como de uma fragilidade narcísica (Chabert, 2003). Em contíguo a este factor, a Olívia apresenta uma excessividade de apreensão global (G%=75%) que, em conjunto com os demais factores acima mencionados, evidencia uma fragilidade extrema ao nível da imagem de si; o esforço em demasia da globalização é unívoco de uma ruptura ou fragmentação nesta função de identidade e representação de si (Chabert, 2003).

De acordo com Chabert (2003), o cartão III supõe uma referência a uma representação do corpo humano inteiro uma vez que este conteúdo manifesto encontra-se próximo da realidade de silhuetas humanas. Ambas as participantes elaboram respostas que revelam uma angústia de desintegração patente neste cartão, o que pode indicar uma fragilidade na vivência corporal: na Sandra, este movimento declara-se na progressão de respostas *“Mães com bebés... ou cestas...”* → *“Faz-me lembrar macacos, também.”* → *“Aborto.”* → *“Ou então simplesmente sangue...”* que revelam uma decomposição gradual do conteúdo elaborado, outrora estável; por sua vez, a Olívia elabora esta angústia de forma franca através de um *“caminho para o desconhecido”*, seguido de uma clara confusão do conteúdo elaborado, aquando do inquérito, encontrando-se numa oscilação vaivém que lentamente perde a estabilidade e segurança, acabando por se confrontar com o receio da desintegração evidente (*“Tu estás aqui ... aqui é o teu espaço. Sabes o que tens, sabes o que não tens, com o que podes contar... mas indo mais para a frente fica... fica tipo enublado... não sabes com o que hás de contar... não conheces... e talvez ter medo de continuar”*).

Por fim, ambas as participantes apresentam esbatimentos de difusão, o que em si acarreta “um valor defensivo no avançar de respostas vagas que desempenham o papel de ecrã relativamente às emergências fantasmáticas” (Chabert, 2003, p. 184) – mecanismos de recalçamento. Enquanto a resposta de esbatimento de difusão da Olívia encontra-se associado à angústia de desintegração, acima mencionada, a Sandra manifesta ter abdicado do plano formal e racional deste conteúdo de *“sujidade (...) repugnante”* (cartão VI), encontrando-se pouco apta a controlar as suas impressões de se localizar num estado de ocupação total nesta ausência de limites do objecto percebido (Rausch de Traubenberg, 1970), difuso e dissolvido numa consistência disseminada do real.

Análise da Entrevista Narrativa em Associação Livre

Decomposição da Entrevista

Dentro das narrativas obtidas, foram destacadas, em ambas as participantes, particularidades na linguagem no modo como o *outro* é referido e elaborado no processo de diegese do significado do *eu*. Foram discriminadas as características mais salientes entre cada uma das menções do *eu*, dos pares, dos pais e dos namorados. As seguintes tabela revelam, de forma sintetizada, as alusões acima mencionadas:

DECOMPOSIÇÃO DA ENTREVISTA NARRATIVA EM ASSOCIAÇÃO LIVRE DA SANDRA

Sujeito	Conteúdo	Característica
<i>Eu</i>	<p>“Eu não sou muito boa a falar de mim mesma”</p> <p>“não encontro propriamente as palavras exactas”</p> <p>“na maior parte do tempo sou uma pessoa razoavelmente feliz”</p> <p>“não sei exactamente o que há para dizer”</p> <p>“não há muito por dizer (...) Eu não sei”</p> <p>“não sei mesmo o que dizer sobre mim... Sei lá... Desde criança que não sei”</p> <p>“eu não sei exactamente dizer como sou, ou quem sou”</p> <p>“eu definir-me não é exactamente uma coisa muito... fácil...”</p> <p>“neste momento tenho 21 anos... er... sou estudante de psicologia”</p> <p>“sou um bocadinho condicionada porque tenho agorafobia”</p> <p>“Gosto de animais”</p> <p>“Não tenho muitos amigos... não me considero como uma pessoa com muitos amigos”</p> <p>“Gosto de animais... gosto de muita coisa... demasiada coisa”</p> <p>“parece-me sempre tudo muito... abstracto... no sentido de... não sei”</p> <p>“Sou um bocadinho introvertida, mas depende das pessoas... há pessoas com quem eu sou extremamente extrovertida”</p> <p>“mas também não sou assim muito extrovertida”</p> <p>“não sou muito dentro do meu género (...) sou muito dentro da minha geração”</p> <p>“fiquei-me pelo fumar, e mesmo assim... pouco tempo... muito pouco tempo... dois meses... nada de mais... socialmente”</p> <p>“aliás, síndrome de pânico com agorafobia”</p> <p>“não é bem por opção... não é uma opção, pelo menos... neste momento... não é uma opção”</p>	<p>- Fragilidade do <i>eu</i>; incertezas; precauções verbais</p> <p>- Realidade do <i>eu</i>, factual, quotidiano</p> <p>- Relato do <i>eu</i> disperso, vago</p> <p>- Flutuação entre contrários</p> <p>- Intelectualização</p> <p>- Atribuição externa</p>
Pares	<p>“composições na escola de... o que achas que és, ou como é que achas que és”</p> <p>“não há uma definição muito exacta de quem tu és”</p> <p>“dizeres que és uma coisa... vista de outro ponto de vista é sempre algo relativo em relação aos outros”</p> <p>“vives em sociedade, talvez seja mais por isso”</p> <p>“só mesmo aquilo que os outros me dizem”</p> <p>“vives em sociedade, talvez seja mais por isso”</p> <p>“eu defino-me por aquilo que eu sei que os outros conhecem”</p> <p>“mesmo os poucos amigos que tenho, sou bastante distante”</p> <p>“acho que não devo interferir na vida dos outros”</p> <p>“as pessoas querem é focar na vida, e divertir, e sair, e etc.”</p> <p>“às poucas vezes que saio, saio com o meu namorado (...) se for com outra pessoa já me sinto bastante desconfortável”</p> <p>“não há muita gente que compreenda”</p> <p>“os meus melhores amigos (...) inicialmente diziam “ah sim, eu compreendo, eu compreendo”, depois... acabaram por não compreender e (...) não aceitam, ou aceitam, ou dizem que aceitam e não aceitam na verdade, e depois acabam por... espetar (...) uma espécie de faca nas costas”</p>	<p>- Apelo ao <i>outro</i>, ao clínico</p> <p>- Separação/individuação</p> <p>- Distanciamento, diferença</p> <p>- Desconfiança, ameaça, crítica</p>

	“As pessoas... afastam-se... eventualmente, ou fartam-se... convidam, convidam e convidam, e depois deixam de convidar”	
	“As pessoas, em princípio, sabem que eu gosto delas e... se precisarem... eu estou aqui”	- Incerteza
	“é complicado manter amigos quando não... quando não posso sair com eles... ou quando não posso estar com eles”	- Desejo de <i>Rapprocher</i>
	“se calhar daqui a uns anos (...) quando tivermos todos filhos (...) se calhar é uma opção viável”	
	“muito complicado manter uma relação social com alguém”	
	“e eu compreendo! (...) não tenho ressentimentos contra isso... Até é o melhor”	
Pais	“Nunca fui muito pessoa de sair (...) por causa da minha mãe... e do meu pai, que não me deixavam sair de casa à noite...”	- Atribuição causal
Namorado	“saio com o meu namorado... especificamente... e... praticamente só com ele”	- Apego; procura de continente

Tabela 4. Decomposição da Entrevista Narrativa em Associação Livre da Sandra

DECOMPOSIÇÃO DA ENTREVISTA NARRATIVA EM ASSOCIAÇÃO LIVRE DA OLÍVIA

Sujeito	Conteúdo	Característica
<i>Eu</i>	<p>“acho que sou uma boa amiga... acho que sou uma pessoa com quem os outros podem contar... uhm... mais... sei lá!”</p> <p>“Que eu saiba não sou hipócrita, não sou... não sou manipuladora”</p> <p>“er... erm... sei lá! (...) basicamente acho que é isto... acho que está...”</p> <p>“Sou um bocado espiritual, ou assim”</p> <p>“Erm... pah, não sei... eh pah”</p> <p>“E pronto... basicamente, acho que é isso”</p> <p>“Tenho 24 anos. E sou uma rapariga basicamente extrovertida, um bocado maluca”</p> <p>“Sou um bocado espiritual, ou assim”</p> <p>“tenho o que me satisfaz, basicamente”</p> <p>“gosto de ter uma mente aberta... aceitar tudo... o que me aparece à frente, e processar: a ver se é bom, se não é bom”</p> <p>“Gosto de conhecer; gosto de conhecer coisas novas todos os dias”</p> <p>“Gosto muito... gosto de ir por aí, descobrir coisas e... interiorizar, pensar um bocado, e a razão das coisas”</p> <p>“também tenho muito stress e essas coisas”</p> <p>“Coisas más. Sei lá... coisas que me afligem, coisas que me acontecem, coisas assim”</p> <p>“sou uma rapariga basicamente extrovertida, um bocado maluca (...) também tenho o meu lado mais depressivo, que é estar sempre a bater na mesma tecla”</p> <p>“não tenho muitas coisas más; tenho os meus defeitos e admito que os tenho”</p> <p>“interiorizo tudo, nunca digo nada, praticamente a ninguém”</p> <p>“vai mais pela via dos princípios a partir daí”</p> <p>“só faço as coisas conforme os meus princípios”</p> <p>“vezes gosto de estar no meu espaço: estou a fazer o que quero, penso no que quero... sou livre no meu espaço”</p> <p>“não vou por aí a desbastar caminho até... até... até haver alguma coisa que já não possa voltar atrás”</p> <p>“qualquer dia vir a fazer o mesmo, mesmo que inconscientemente”</p>	<p>- Fragilidade do <i>eu</i>, incertezas; precauções verbais</p> <p>- Realidade do <i>eu</i>, factual, quotidiano</p> <p>- Relato do <i>eu</i> disperso, vago</p> <p>- Flutuação entre contrários</p> <p>- Moralidade</p> <p>- Isolamento</p> <p>- Impulsividade</p>
Pares	<p>“como tu estás a ver, não tenho assim grande coisa”</p> <p>“tanto que hoje sou o que sou, e... faço muitas piadas e não sei quê, e sou uma maluca do caraças, mesmo porque eles me ajudaram, porque senão nem sei onde é que andava agora”</p> <p>“já faz de mim uma pessoa feliz, porque há pessoas bem piores”</p> <p>“não tenho ninguém a apontar o meu aspecto, ou o meu pensar, ou o que sou, ou o caraças”</p> <p>“o pior é quando descubro que há outra cara que não conhecia”</p> <p>“não julgo pessoas, porque sei que posso, qualquer dia vir a fazer o mesmo”</p>	<p>- Apelo ao <i>outro</i>, ao clínico</p> <p>- Separação/individuação</p> <p>- Desconfiança, ameaça, crítica</p>

	<p>“normalmente não saio muito, mas quando saio... é basicamente para estar com pessoas”</p> <p>“no geral gosto de me dar bem com toda a gente”</p> <p>“para ter um bocadinho de paz de alma”</p> <p>“E é para fugir à rotina! Pa tirar o stress”</p> <p>“no tempo do secundário, pronto... não guardava tanto porque... tinha... tinha amigos que já tinham passado pela mesma coisa e... e ajudavam-me”</p> <p>“então virava-me para os meus amigos (...) única e exclusivamente”</p>	<p>- Desejo de <i>Rapprocher</i></p> <p>- <i>Outro</i> como continente</p>
Pais	<p>“casa não se aprende nada basicamente (ri-se). É sempre a mesma coisa!”</p> <p>“muitas vezes... escondo aquilo que estou a sentir (...) tipo os meus pais”</p> <p>eu nunca falo muito, porque não sei como é que hei de dizer, porque nunca disse, nunca exteriorizei”</p> <p>“falar de certas coisas aqui dentro de casa... desencadeavam uma explosão nuclear”</p> <p>“é ter medo de (...) de ofender ou qualquer coisa assim”</p> <p>“devo dizer... com muito respeito pelos meus pais... que foi mais os meus amigos que me ajudaram nessas coisas más, do que (...), propriamente, eles”</p> <p>“Não era neles que eu via protecção (...) Para umas coisas sim, mas... para coisas cá de dentro não”</p> <p>“a relação que eu queria ter mais próxima com os meus pais nunca chegou a acontecer... pode vir a acontecer – eu espero que sim”</p> <p>“não é ter medo daquilo que eles pensam”</p> <p>“ casa não se aprende nada basicamente (...) claro que tenho muita coisa a agradecer aos meus pais (...) Foi uma das coisas que os meus pais ensinaram: nunca ter inveja de ninguém”</p>	<p>- Insatisfação</p> <p>- Receio, evitamento emotivo</p> <p>- Falha na função continente</p> <p>- Desejo de <i>Rapprocher</i></p> <p>- Flutuação entre contrários</p>
Namorado	<p>“muitas vezes... escondo aquilo que estou a sentir (...) tipo os meus pais, o meu namorado”</p> <p>“eu nunca falo muito, porque não sei como é que hei de dizer, porque nunca disse, nunca exteriorizei”</p> <p>“é ter medo de (...) de ofender ou qualquer coisa assim”</p> <p>“não é ter medo daquilo que eles pensam”</p>	<p>- Receio, evitamento emotivo</p> <p>- Flutuação entre contrários</p>

Tabela 5. Decomposição da Entrevista Narrativa em Associação Livre da Olívia

Em primeiro lugar, repara-se que, em ambos as narrativas de Sandra e de Olívia, o relato que concerne o *Eu* encontra-se demarcado em quatro características distintas na narrativa: 1) a fragilidade do *eu*, incertezas e precauções verbais, 2) uma realidade do *eu* de carácter factual, quotidiano, 3) um relato do *eu* disperso e vago e 4) flutuação entre afirmações contrárias. Para além destas características base, em ambas as participantes distinguem-se características particulares nesta narrativa respeitante ao *Eu*: no caso da Sandra distinguem-se mais duas características – intelectualizações e atribuições externas a particularidades do *eu* –, e no caso da Olívia ressaltam mais três – apelo à moralidade, recorrência ao isolamento depressivo e a impulsividade.

De seguida, quanto aos *Pares*, ambas apresentam 1) um apelo ao *outro*, ao clínico, 2) questões na elaboração da separação-indivuação, 3) algum grau de desconfiança ou sentimento de ameaça ou crítica por parte do *outro*, 4) e um desejo de *rapprocher*. Nas suas idiosincrasias, na Sandra salientam-se uma procura de distanciamento e de se diferenciar do *outro* e algum grau de incerteza face a este. Por sua vez, a Olívia relata como o *outro* é sentido como continente.

No que concerne aos *Pais*, a narrativa da Sandra é limitada a uma atribuição causal, enquanto a Olívia apresenta diversas características: 1) insatisfação, 2), um desejo de *rapprocher*, 3) um sentimento que traduz numa falha destes na função de continente, 4) receio ou mesmo evitamento emotivo e 5) oscilação entre afirmações contrárias. Estes dois últimos também são elaborados por Olívia quanto ao seu *Namorado*, enquanto a Sandra apenas revela um demarcado apego e procura de função continente neste.

Apesar das nítidas diferenças entre as narrativas de cada uma das participantes, é de destacar o modo semelhante e caracteristicamente particular como cada uma invoca o *outro* numa narrativa particular e concernente a *si*.

Fragilidade do Eu

“*Eu não sou muito boa a falar de mim mesma*” – indica a Sandra – “*não sei exactamente dizer como sou, ou quem sou (...) dizeres que és uma coisa (...) é sempre algo relativo em relação aos outros*” continua. A Olívia, por sua vez, refere: “*acho que sou uma boa amiga... acho que sou uma pessoa com quem os outros podem contar (...) pab, não sei*”. Estes, e demais relatos, revelam uma certa fragilidade de um *eu* íntegro e seguro em si, incapaz de elaborar uma significação do ser *eu* harmónico e coerente; pelo contrário, o decurso das narrativas indicam uma construção identitária, de um self, algo ténue e frágil tecida numa constante incerteza daquilo lhe pertence a *si* ou ao *outro*.

A certa altura, no começo da sua narrativa, Sandra refere “*sou um bocadinho condicionada porque tenho agorafobia, que... aliás, síndrome de pânico com agorafobia...*”. Pode-se reparar aqui num certo movimento de reforço da definição de si com um apego a algo intelectualizado – “*síndrome de pânico com agorafobia*”. Este movimento de racionalização de uma condição sua permite sustentar uma fateixa que age como auxílio na procura desta delimitação na identidade. Pode-se contemplar esta indefinição em Sandra na seguinte frase: “*Gosto de animais... gosto de muita coisa... demasiada coisa... gosto de muita coisa que gostava de fazer, principalmente... e isso acho que é o pior... uhm... não há muito por dizer (ri-se)... Eu não sei...*”. A riqueza desta narrativa ostenta não só um modo de elaboração, construção e comunicação de um conteúdo do ser *eu*, mas também uma pulcritude de movimentos internos marcados por um processo (des)organizado e transformativo que lentamente flui entre o concreto – “*gosto de animais*” – e se desintegra perante o clínico – “*muita coisa... demasiada coisa*” –, perto do ponto de pertencer ao *nada*, ao inalcançável.

A Olívia, por sua vez, entra na instância da entrevista com uma imediata afirmação de si, quase como se uma advertência se tratasse para o que deste ponto poderia advir – “*Tenho 24 anos. E sou uma rapariga basicamente extrovertida, um bocado maluca (ri-se), por assim dizer*”. O teor narrativo

que se segue revela o vago do relato pertencente ao *eu*, marcado não só pela indefinição dos próprios conteúdos mas pela orientação narcísica dispersa que estes carregam (e.g. “*gosto de ter uma mente aberta... aceitar tudo... o que me aparece à frente*”, “*Uhm... gosto... sei lá... gosto de me dar com as pessoas, conhecer gente*”; “*gosto de conhecer coisas novas todos os dias... er... Não sei! Gosto muito... gosto de ir por aí, descobrir coisas*”). Seguidamente indica “*mas também tenho o meu lado mais depressivo, que é estar sempre a bater na mesma tecla, e... quando vou abaixo esqueço*”, procurando refugiar-se, isolar-se no seu “*espaço*” (sic). Aqui “*não tenho ninguém a apontar o meu aspecto, ou o meu pensar, ou o que sou, ou o carações...*”, evidenciando o lugar do *outro* na elaboração de uma posição mais depressiva; rapidamente ressalva a sua posição face a esta expressão mais aziaga do seu carácter voltando a invocar “*mas também, lá está, só faço as coisas conforme os meus princípios*”, num apelo à sua moralidade. Esta exposição de uma característica sentida como menos adequada de si segue de uma tendência ao seu contrário, à sua reparação, sob a forma de uma elaboração do *eu* oposto a esta propensão reprimida, no entanto, a esta altura, a narrativa da Olívia perde delimitação e encontra-se de num relato desamparado, confuso e disperso (“*er... falo de tudo abertamente, não tenho tabus – não tenho preconceitos... er... basicamente é assim... Que eu saiba não sou hipócrita, não sou... não sou manipuladora, não tenho essa... não tenho muitas coisas más; tenho os meus defeitos e admito que os tenho mas... não... não julgo pessoas, porque sei que posso, qualquer dia vir a fazer o mesmo, mesmo que inconscientemente... er... erm... sei lá?*”).

Em ambas as narrativas, a impermanência de si evidencia-se, da mesma forma, numa oscilação entre uma descrição da realidade factual do *eu*, um quotidiano confortável e familiar com apego ao confortável do externo, e uma narrativa decorrente de uma linha mais íntima e pessoal de carácter disperso e vago. Do mesmo modo, ambos os casos apresentam uma falta de coerência e de continuidade, havendo notórias flutuações entre relatos contrários (e.g. Sandra: “*sou um bocadinho introvertida (...) há pessoas com quem sou extremamente extrovertida*”; Olívia: “*sou uma rapariga basicamente extrovertida, um bocado maluca (...) também tenho o meu lado mais depressivo, que é estar sempre a bater na mesma tecla*”), num sentido de um *eu* dissipado, fragmentado e por vezes polarizado nas qualidades que o definem na sua singularidade. Esta dificuldade de elaboração de uma significação sólida do *eu*, marcada pela escassa capacidade de constância e representação de si, revela-se, também, no seio dos comentários de incerteza de *si* e precauções verbais, momentos de hesitação ou mesmo a própria resistência nas diegeses individuais.

É de notar que as qualidades de relato com foco na própria, sem introdução peculiar do *outro*, encontram-se de forma escassa em comparação com a restante narrativa. Estes elementos do *eu* surgem, em maior quantidade, numa elaboração inicial. Esta referência em ambas as participantes dá conta da confusão inicial perante o pedido central da entrevista – “quem é a

[sujeito]” –, onde, numa tentativa de dar resposta a esta questão, instala-se uma agitação interna, um tumulto perante a solicitação manifesta, que (re)organizar um conjunto de movimentos que procuram elaborar o *Eu* significado; a forma inicial de narrativa que se obtém – hesitante, defensiva, incerta, oscilante entre o factual e o disperso – é um espelhar da sua porosidade identitária enquanto sujeito singular no mundo.

O Eu (s)em o Outro

Após este estrépito inicial com a solicitação da entrevista, tanto na narrativa da Sandra como na da Olívia, segue-se a intercalação em *degradé*, lentamente dissimulada, do *outro* na narrativa. Esta invocação permite ao sujeito uma tranquilização narcísica face à confusão do processo de elaboração de si, num suporte à realidade exterior e relacional com o *outro*.

Para Sandra, o *outro* encontra-se indissociado da sua narrativa. Prontamente afirma, no que concerne à falar de si, que “*só mesmo aquilo que os outros me dizem, a maior parte das vezes*” pois “*não há uma definição muito exacta de quem tu és (...) dizeres que és uma coisa... vista de outro ponto de vista é sempre algo relativo em relação aos outros (...) eu defino-me por aquilo que eu sei que os outros conhecem*”. De ordem semelhante, a Olívia tece a importância do *outro* no decorrer da sua narrativa sem o afirmar de modo directo como a Sandra, colocando-o como modo integrante do *eu* (e.g. “*gosto de me dar com as pessoas, conhecer gente... acho que sou uma boa amiga... acho que sou uma pessoa com quem os outros podem contar...*”, “*quando saio... é basicamente para estar com pessoas*”, “*então virava-me mais, mesmo, para os meus amigos, única e exclusivamente... tanto que hoje sou o que sou (...) porque eles me ajudaram*”). O manuseamento da dependência do sujeito com o *outro* trata-se de uma característica essencial do investimento da relação, que se marca como uma das características primárias das modalidades das relações. Em ambas as participantes esta introdução do *outro* encontra-se adjacente à narrativa de si, evidenciando uma dependência do sujeito em relação ao *outro*/exterior, podendo extrapolar a permanência deste *outro* como um objecto transitivo na problemática identitária do sujeito ao exercer uma função de suporte aos processos de significação e de simbolização do mundo, e ao mesmo tempo é sentido de forma análoga a um objecto anaclítico ao apresentar um papel fulcral no suporte à estabilidade desta representação de si e da relação. Deste modo, a narrativa (in)alterizada da identidade do *eu* encontra-se tecida numa (co)construção de representação de si com o *outro*, onde o sentimento de auto-coesão dos sujeitos encontra-se constituída intersubjectivamente com o *outro*.

Ao recorrer ao *outro* como outorgante da definição de si, numa enunciação que varia consoante este objecto (“*Sou um bocadinho introvertida, mas depende das pessoas... há pessoas com quem eu sou extremamente extrovertida*”), a Sandra encontra no *outro* características suas que procura evitar

compartilhar (“*não sou muito dentro da minha geração ... quase toda a gente da minha geração já fumou, bebeu e se drogou, e eu... fiquei-me pelo fumar, e mesmo assim... pouco tempo... muito pouco tempo... dois esses... nada de mais... socialmente...*”), granjeando marcar-se como distinta dos seus pares através de uma patente fragilidade perante estes (i.e. agorafobia), componente mais ou menos estável que elabora na definição de si.

Quanto a estes pares, apresenta um movimento semelhante à desintegração acima mencionada (“*Não tenho muitos amigos... não me considero como uma pessoa com muitos amigos... mesmo os poucos amigos que tenho, sou bastante distante...*”), mostrando esta oscilação entre um distanciamento e um desejo de aproximação ao *outro* (“*não é bem por opção... não é uma opção, pelo menos... neste momento... não é uma opção... simplesmente acho que não devo interferir na vida dos outros... (...) As pessoas, em princípio, sabem que eu gosto delas e... se precisarem... eu estou aqui*”) numa tentativa vacilante de reforçar as fronteiras face à ameaça desta confusão entre o *eu* e o *outro* e da porosidade da função continente. Uma vez que este *outro* é sentido de forma instável e até insegura, ameaçadora (“*não há muita gente que compreenda*”, “*os meus melhores amigos... que inicialmente diziam “ah sim, eu compreendo, eu compreendo”, depois... acabaram por não compreender e é... e não aceitam, ou aceitam, ou dizem que aceitam e não aceitam na verdade, e depois acabam por... espetar uma... uma espécie de faca nas costas*”), esta instabilidade traduz-se de igual forma na sua própria capacidade de representação de si como alterizante e distinto do *outro*, uma vez que a própria Sandra desculpa estes movimentos sentidos como mais hostis por parte do *outro*, quase como se de um movimento reparador de si própria se tratasse (“*As pessoas... afastam-se... eventualmente, ou fartam-se... convidam, convidam e convidam, e depois deixam de convidar porque... e eu compreendo! Mas não... não tenho ressentimentos contra isso... Até é o melhor. Eu não quero estar com uma pessoa para ter um ataque de pânico... não quero...*”). Ao relatar “*as poucas vezes que saio, saio com o meu namorado... especificamente... e... praticamente só com ele, se for com outra pessoa já me sinto bastante desconfortável*” indica que é neste namorado que se sente confortável e segura, permitindo-lhe elaborar uma função de continente.

Quanto à Olívia, este apelo ao *outro* no decorrer do processo de construção de *si* remete para uma procura de função continente neste que funciona como uma segunda pele. A própria relata como o *outro* é sentido como capaz de proporcionar “*um bocadinho de paz de alma*”, permitindo-se “*fugir à rotina (...) tirar o stress*”, usufruir de um estado de contenção tal onde “*tou-me a rir, tou a conversar, tou a dizer maluqueiras*”. Ademais, este *outro* é sentido como capaz de protecção e de contenção, como se de uma base segura se tratasse (e.g. “*que foi mais os meus amigos que me ajudaram nessas coisas más*”; “*hoje sou o que sou (...) mesmo porque eles me ajudaram*”). De modo semelhante à Sandra, a Olívia também teme a desconfiança, a ameaça ou a possível crítica do *outro* (e.g. “*não tenho ninguém a apontar o meu aspecto, ou o meu pensar, ou o que sou, ou o caraças...*”, “*pior é*

quando descubro que há outra cara que não conhecia”), oscilando entre a idealização e o medo de refalsamento do *outro*. Quase como um receio à sua própria impulsividade, contra os seus “*princípios*” (sic), refere “*não vou por aí a desbastar caminho até... até... até haver alguma coisa que já não possa voltar atrás...*”, recorrendo à formação reactiva numa tentativa de camuflar e proteger a sua sensibilidade.

De outro modo, a experiência do *eu* apresenta um carácter fragmentado; enquanto fora de casa, com os amigos, a Olívia sente este apoio, aceitação e integração, em, por sua vez, casa o seu *eu* encontra-se com a “*rotina*”, com “*stress*”, pois “*em casa não se aprende nada*”. É aqui onde a Olívia se depara em contacto com os seus pais – equiparando esta relação com a que tem com o seu namorado –, com quem “*nunca falo muito, porque não sei como é que hei-de dizer, porque nunca disse, nunca exteriorizei*”, por ter “*às vezes medo daquilo que eu diga (...) ou de ofender*”, chegando ao ponto onde “*escondo aquilo que estou a sentir (...) interiorizo tudo, nunca digo nada*”. Aqui, estes pais e namorado são sentidos como inseguros e incapazes de uma função continente, ao contrário dos pares de Olívia (“*sendo uma casa muito conservadora falar de certas coisas aqui dentro de casa... desencadeavam uma explosão nuclear*”; “*não era neles que eu (...) via protecção*”). No entanto, a Olívia ainda procura uma aproximação a estes pais (e.g. “*a relação que eu queria ter mais próxima com os meus pais nunca chegou a acontecer... pode vir a acontecer – eu espero que sim*”), numa tentativa de reparar a relação falhada (e.g. “*claro que tenho muita coisa a agradecer aos meus pais*”).

DISCUSSÃO

«A maioria das pessoas é outra pessoa. Seus pensamentos são as opiniões de outra pessoa.

Suas vidas, uma mímica. Suas paixões, uma citação.»

Oscar Wilde

Após realizado um levantamento do conteúdo em análise – os protocolos Rorschach e as Narrativas em Associação Livre – de ambas as participantes, seguidamente procede-se a uma discussão destes conteúdos numa pronúncia colectiva dos métodos de investigação utilizados em articulação com as propostas teóricas acima elaboradas dentro do âmbito da auto-mutilação e conforme os objectivos propostos no presente estudo.

De modo a compreender a alteridade nas participantes, é necessário primeiro depreender os processos inerentes à fantasia e o eventual reconhecimento da criação e definição de si através de objectos externos. Como já se viu, o processo de consciência da *outridade* do objecto é geralmente introduzida à realidade psíquica da criança aquando alcançada a capacidade de permanência de objecto (Fraiberg, 1969), permitida através dos processos de separação e individuação (Mahler, Pine, & Bergman, 1975). Ora, estes processos apenas são capazes de ocorrer de modo harmónico aquando elaborada uma representação de si e da relação com os outros de modo estável, pois é necessário uma capacidade de discernir o *eu* do *outro* assim como o efeito que os objectos provocam em si (Levinas, 2000).

Deste modo, antes de mais, tornou-se claro que existem problemáticas patentes quanto à identidade e à representação de si em ambas as participantes. Apesar de apresentarem nítidas diferenças entre si, ambas apresentam uma fragilidade, uma ruptura ou uma fragmentação ao nível da imagem do *eu* como íntegro e seguro. Este *eu* encontra-se não só incapaz de elaborar uma significação do *eu* de modo harmonioso e estável, mas este é tecido de forma confusa de modo intersubjectivo, juntamente com o *outro*. Este aspecto remete não só para uma falta de distinção entre o sujeito e o objecto, como também em uma dificuldade em se inserir e adaptar a uma realidade objectal, claramente alterizada e diferenciada de si. Nas Narrativas em Associação Livre, estas falhas encontram-se presentes não só no relato desintegrado, incoeso e incerto do *eu*, incapaz de aceder a uma significação estável do *eu*, tecido numa narrativa frágil e vacilante, mas também no modo distinto como se procura articular o *eu*; enquanto ambas apresentam um discurso vago, disperso e flutuante entre opostos e uma realidade factual do *eu*, patenteando uma dificuldade de uma elaboração sólida de si. A Sandra presta tributo a uma racionalização mais ou menos estável de si – agorafobia – como forma de sustentáculo do *eu*, e a Olívia vacila entre

relatos caracterizados por um narcisismo frágil, determinante de um *eu* inseguro, onde, de forma semelhante à Sandra, procura uma apologia identificatória de si na moralidade (e.g. “*princípios*” (*sic*)). Quanto ao Rorschach, estes aspectos evidenciam-se não só no parâmetro de análise referente à *problemática na identidade e representação de si*, onde se verificaram modos de apreensão particulares que indicam esta problemática na identidade, seja pela incapacidade de apreensão global (G%=16%) e uma indistinção entre sujeito e objecto pelas representações fragmentárias (D%=75%), utilizando a exterioridade como defesa e mecanismo de defesa, que revelam uma imagem corporal e uma estrutura de *eu* lacunada e pouco unificada (vd. Sandra), ou pela falta de elaboração de banalidades (Ban=0) e de representações unificadas, reveladores de um insucesso da integridade corporal e fragilidade a nível do narcisismo, ou mesmo a excessividade de apreensões globais (G%=75%) que procuram mascarar uma fragilidade ao nível da identidade, uma fragmentação na representação de si (vd. Olívia); de modo semelhante, ambas apresentam respostas referentes a uma angústia de desintegração patente no cartão III assim como esbatimentos de difusão, indicando uma fragilidade na vivência corporal, ausência de limites ou consistência do real.

Tendo em conta a inscrição no modelo psicanalítico das noções de sujeito e de objecto, falar do *eu* tem subjacente a necessidade de falar do *outro*, sendo impossível dissociar os dois. Esta fragilidade na representação de *si* e do *outro* remete para a análise da correlação que as participantes revelam perante o *outro* de modo igualmente inconscusso. Estes processos evidenciam-se pela dificuldade no manuseamento da dependência das participantes face ao *outro*, assim como uma dificuldade na delimitação entre o *eu-outro*, o *interno-externo*, que por sua vez remetem para problemáticas na separação-indivuação e conseqüente fragilidade na função continente e de para-excitação. A presença do *outro* encontra-se disseminada em ambas as provas, permitindo uma tranquilização narcísica face à confusão do processo Rorschach e da elaboração do *eu* através deste suporte à realidade exterior e relacional. No Rorschach, estes processos de dependência ao *outro* evidenciam-se pelas solicitações de ajuda e comentários subjectivos da Sandra, pela única resposta cor aconchegante de ambas no cartão X, remetendo para uma procura de apoio perante a fragmentação (do cartão), impresso num espaço de comunicação ténue entre o interior e exterior. Este conjunto dos movimentos acima mencionados, para além de evidenciarem uma extrema dependência do sujeito em relação ao *outro*/exterior, extrapolam, também, a permanência deste objecto transitivo e o modo como é sentido de forma análoga a um objecto de análise (Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009).

Ora, esta dependência permite questionar sobre a existência de uma incapacidade na distinção *eu-outro*, interno-externo e uma conseqüente problemática na separação-indivuação.

Estas lacunas na diferenciação de limites próprios (Chabert, 2003), de *si* e do *outro*, evidenciam-se em ambos os sujeitos. No Rorschach, remete para uma indiferenciação da figura nas respostas sem elaboração de destaque figura-fundo (i.e. referência ao branco intramacular), em respostas ambíguas, imprecisas, confusas, com delimitação pouco clara (i.e. F+-, EF, CF, C'F), pelas cinestésias marcadas pela ruptura ou delimitação pouco clara entre o sujeito e o *outro*, assim como o número reduzido de H%, que revela uma incapacidade em assegurar a sua identidade subjectiva numa relação com o *outro* reconhecido como íntegro. A articulação destes elementos com temáticas de diferenciação precoce, narcisismo e uma procura de reaproximação e separação, assim como dificuldade na constância objectal de carácter agressivo (vd. Sandra) ou instável (vd. Olívia), remete a uma dificuldade nos (ou mesmo uma regressividade aos) estágios iniciais de desenvolvimento e maturação do processo de separação-individuação (Diamond, Kaslow, Coonerty, & Blatt, 1990). Na Sandra esta indistinção do *eu-outro*, fragilidade de limites dentro-fora (Sainz & Gorospe, 1994), e uma simultânea procura no investimento nos limites (Teixeira & Marques, 2009) do envelope, é enaltecida pela presença de quatro respostas *máscara* e pela presença de respostas Hd, *Anatomia* e de conteúdo interno (e.g. *Sangue*, pulmões, coração, fígado, etc.), estes últimos remetendo a uma interioridade mal guardada do corpo, assim como na função de manutenção (Chabert, 2003; Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009; Linhares & Pinheiro, 2009), em que a sua existência no cartão IX remete a uma angústia de fragmentação.

Por sua vez, as Narrativas das participantes revelam uma dificuldade do manuseamento desta dependência e na articulação do *outro*, adjacente à identidade do *eu*, como objecto transitivo, ao permitir um suporte nos processos de significação e simbolização e, ao mesmo tempo, um objecto anaclítico, ao exercer um suporte à estabilidade da representação de *si* e da relação. A própria comunicação com o clínico no Rorschach, num apelo à certificação e permissão para criar, remete a uma procura de dividir a responsabilidade de criar e de simbolizar (Chabert, 2003; Linhares & Pinheiro, 2009). Aqui o *outro* sustém uma função semelhante à de uma segunda pele (Anzieu, 1989), permitindo a introjecção deste objecto externo capaz de cumprir uma função contentora do *eu* (Bick, 1968).

A disfunção a nível da manutenção, evidenciada no Rorschach a partir de respostas sem destaque de parte ou da totalidade da mancha, permite que conteúdos pouco diferenciados invadam o espaço psíquico (Roman, 1996, cit. in Linhares & Pinheiro, 2009), sendo igualmente indicativo de uma ausência ou fragilidade na função de continente psíquico, tanto em *si* como na procura de colocar esta função no *outro*. Esta falência encontra-se novamente na mesma linha de imprecisão entre o sujeito e o objecto, pois o sujeito procura reforçar as suas fronteiras face à ameaça desta confusão e da porosidade da função continente (Chabert, 2003), remetendo,

também, para uma falha na função de para-excitação. Este parâmetro é evidenciado no Rorschach pelo elevado número de respostas com referência ao branco intramacular dos cartões, existindo uma incapacidade de diferenciação figura-fundo, na elevação tanto do G% como do tempo de latência da Olívia, numa tentativa (quase) maníaca de reforçar as fronteiras frágeis entre o *eu* e o *outro* e da função continente, e nas respostas CF e tempo de latência reduzido da Sandra, pela fragilidade e instabilidade impulsiva que remetem a um contentor frágil (Chabert, 2003; Linhares & Pinheiro, 2009; Rausch de Traubenberg, 1970; Tröger & Pinheiro, 2009). Para as participantes, onde o corpo é sentido como um modo de expressão do sofrimento de circunstâncias internas que ultrapassam a resistência psicológica habitual (Dias, Rubin, Dias, & Gauer, 2007), este contentor frágil impede uma contenção segura do conteúdo (Tröger & Pinheiro, 2009); a auto-mutilação surge, no sentido de Anzieu (1989), como uma tentativa de manter os limites do seu corpo e do *eu*, numa procura de restabelecer o sentimento de íntegro e coeso, novamente continente e reforçado de modo (quase) inatacável.

A problemática que se enraíza na consciência da *outridade* do objecto – i.e. alteridade – encontra-se patente em diversas manifestações de ambas as participantes, cada uma expressando-a de forma *sui generis*, marcada pela representação do seu mundo interno inscrito num espaço intersubjectivo, num vaivém da relação de transformação e de elaboração conjunta de significações e simbolizações. Este espaço intersubjectivo, criado entre o clínico e as participantes no decorrer da aplicação e recolha de conteúdos em ambas as provas, apresenta ao sujeito, de forma inconsciente, o papel que o psicólogo apresenta enquanto continente (Chabert, 2003). Através da análise conjunta dos protocolos Rorschach e das Narrativas em Associação Livre, tornam-se evidentes movimentos idiossincráticos de alívio na partilha de simbolização, tanto face à mancha e à produção espontânea a ela associada como nas narrativas, encontrada nos diversos itens de análise – solicitações de ajuda, comentários na vivência subjectiva ou de resistência, comunicação como apelo à certificação ou permissão para criar. É nesta mediação na relação com o clínico que se demonstra um investimento na elaboração de uma realidade externa, tecida por um processo de simbolização íntimo em conjunto com o *outro*, através de movimentos internos do sujeito marcados pela intensa criação e transformação intercedida pelo intersubjectivo. Straker (2006) considera esta dificuldade de criação de uma experiência verdadeiramente intersubjectiva como uma lacuna na própria comunicação do sujeito que se auto-mutila: a comunicação verbal é substituída pelo corte – uma comunicação corporal – numa procura de reconstruir um sentido de subjectividade.

Tanto a Sandra como a Olívia apresentam, no Rorschach, um $K < k$, dando conta de uma dinâmica de carácter regressivo onde as participantes, de modo a evitar o conflito com o *outro*,

deslocam os movimentos pulsionais para demais conteúdos, traduzindo numa dificuldade no contacto com o *outro* (Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009). Esta dificuldade em realizar uma diferenciação clara entre o *eu* e o *outro*, o mundo interno e o mundo externo, o pensamento e a acção, a fantasia e a realidade, remete para uma lacuna no desenvolvimento da integração, separação e individuação (Anzieu, 1989; Gaddini, 1987; McDougall, 1986). Poder-se-á pensar, assim, como elabora Strong (2009), o modo como a auto-mutilação permite ao sujeito reintegrar o sentimento de um *eu* fragmentado ao reactivar a experiência tátil do corpo. Deste modo, o *outro* é sentido como parte integrante do *eu*, possuindo uma função de (re)significação, onde “possibilita (re)unir, integrar e (re)organizar partes do Próprio, numa relação de ligação e de transformação, agora geradora de novos sentidos e de novos significados” (Cunha & Marques, 2009, p. 250).

Estas dinâmicas originais e únicas dão conta de uma utilização mais ou menos sólida, porosa ou frágil dos limites entre o sujeito e o *outro*, entre o dentro e o fora. As problemáticas relacionadas com a ausência ou a perda do objecto levam não só a uma questão de permanência das representações dos objectos no interior da psique mas também a um depreensão da perda de ser, da perda de identidade. Uma análise mais cuidadosa destes conteúdos revelam que estas problemáticas depressivas relacionadas com uma angústia de perda de objecto (Bergeret, et al., 2008; Chabert, 2000; 2003) encontram-se relacionadas com um funcionamento limite (i.e. *borderline*). No Rorschach, dentro do funcionamento limite, encontramos duas grandes organizações psíquicas distintas: enquanto na Sandra encontramos sensorialidade e hiper-reatividade em excesso, assim como uma produtividade abundante (R=106) subjectivamente comprometida de elevado carácter projectivo, camuflando uma inibição através desta extrema *labilidade*, na Olívia encontramos o seu inverso: uma inibição relacionada com uma grande *rigidez*, delimitada por um número reduzido de respostas (R=16), com um uso circunscrito de modos de apreensão, de determinantes e de conteúdos.

Considerando a organização *borderline*, compreende-se a semelhança que a articulação existente este tipo de estrutura psíquica com as abordagens acima referidas na auto-mutilação. Esta luta anti-depressiva promove uma relação objectal anaclítica no sujeito com organização *borderline* (Bergeret, et al., 2008), o que por sua vez espelha-se na problemática da indiferenciação *eu-outro* patente em ambos os sujeitos, do mesmo modo como a angústia de perda de objecto apresenta-se como defesa um investimento na relação de dependência com o *outro*. Numa pronúncia em contíguo com a respectiva revisão de literatura, é de notar o modo como as ambas as participantes apresentam dificuldade na elaboração de um espaço transitivo entre o *eu* e

o *outro*, entre o interno e o externo, assim como uma falência nos processos de simbolização, acabando por invocar a participação do *outro* nesta elaboração.

O hiato nestas capacidades de elaboração remetem para uma fragilidade na função de manutenção do psiquismo (Linhares & Pinheiro, 2009), encaminhando a sua etiologia para uma insuficiência na interiorização do *holding* e *handling* maternal (McDougall, 1986; Pao, 1969), que, no sentido de Winnicott, concerne uma interrupção da continuidade de ser (Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009). A pele, alvo da mutilação, é uma primeira base para a formação e estruturação de uma identidade segura, capaz de simultaneamente conter e imprimir os conflitos internos do sujeito e de delimitar o mundo interno do externo, o *eu* do *outro* (Anzieu, 1989); tendo em conta estas falhas ao nível da capacidade de mentalização, a auto-mutilação permite, deste modo, reintegrar o ego através de um ataque auto-preservante ao corpo (de Young, 1982), ao impedir a passagem de sensações corporais rudimentares a afectos relativamente diferenciados e desconectados da soma (Straker, 2006); o agir aparece, assim, como forma desta inacessibilidade na contenção destes conteúdos.

Do mesmo modo, as relações objectais precoces de carácter inadequado revelam a sua importância no modo como modelam as posteriores dificuldades em fomentar relações estáveis, marcados pelo paradoxo da procura de relação e igualmente uma recusa desta; este aspecto apresenta um especial carácter transferencial evidenciado pela procura de participação por parte do clínico no processo de simbolização, não só nas Narrativas mas também nas respostas Rorschach (e.g. Sandra, C. I “*se tirares (...) se cortares*”; Olívia, C. I “*aqui és mais novo (...) aqui és mais velho (...) as escolhas que fizeres...*”) (Adshead, 1997; Bick, 1968; Doctors, 1999; Gardner, 2001; Simpson & Porter, 1981; Strong, 2009).

Tendo em conta que a relação de objecto na organização *bordeline* é uma relação na procura de ser amado pelo *outro* e, ao mesmo tempo, separado dele como objecto distinto, numa oscilação anaclítica (Bergeret, et al., 2008), encontramos uma impossibilidade em transformar um *estado de dois* em um *estado de três*, no conceito de Bion, impossibilitando uma dialética psicológica ancorada na triangularidade, mas antes focado na psicopatologia da simbolização (Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009); deste modo, o sujeito auto-mutilador apresenta uma impossibilidade em estabelecer um espaço transitivo que permita uma necessária condensação dos afectos para levar a cabo uma verdadeira experiência afectiva segura, procurando um continente, um sentido e uma simbolização. Deste modo, não é possível conter a agressividade auto-dirigida e agida no corpo, o que espelha a ausência de uma função verdadeiramente contentora acima referida.

Como foi demonstrado, tanto a Sandra como a Olívia apresentam uma falha na diferenciação entre o *eu* e o *outro*, o mundo interno e o mundo externo, uma lacuna no

desenvolvimento da integração, separação e individuação. Observa-se uma ausência nestas capacidades precoces que remetem para um hiato na estruturação do ego através de uma superfície segura e contentora (Anzieu, 1989; Gaddini, 1987; McDougall, 1986), colocando uma falha e um sentimento de insegurança e hesitação no seu desejo de intersubjectividade na relação com os outros (Adshead, 1997; Bick, 1968; Doctors, 1999; Gardner, 2001; Simpson & Porter, 1981) – paradoxo da procura e recusa da relação; a falha na relação com objectos precoces por sua vez estagna a capacidade de processamento de experiências a nível simbólico (Adshead, 1997). De forma a colmatar estas deficiências, pode-se pensar no modo como o sujeito auto-mutilador procura voltar a definir estas fronteiras porosas, de modo a reintegrar um sentimento de *eu* fragmentado ao reactivar a experiência tátil do ego corporal (Strong, 2009).

CONCLUSÃO

«Viver é sofrer, e sobreviver é encontrar algum sentido no sofrimento.»

Friedrich Nietzsche

Inscrito numa perspectiva psicodinâmica, neste estudo procurou-se demonstrar a possibilidade de compreender a falha nos processos de construção de uma identitária alterizada nas duas participantes que apresentam comportamentos de auto-mutilação, recorrendo à prova Rorschach e à Entrevista Narrativa em Associação Livre como metodologia de preferência.

Como já referido, o objectivo do estudo foi delineado com base numa apreciação prévia dos dados recolhidos juntamente com uma leitura do *estado da arte* pertinente dentro do panorama da auto-mutilação. Este princípio encontra-se ancorado no âmago do presente estudo: um contributo que visa expandir e alargar as concepções teóricas existentes para uma melhor leitura compreensiva do intrincado fenómeno da auto-mutilação dentro da Psicologia Clínica.

Os resultados obtidos remetem para uma falha *sui generis* no que concerne aos processos de alteridade em ambas as participantes, ou seja, uma porosidade identitária no que respeita a um reconhecimento da criação e definição de si através do objecto externo. Esta conclusão é obtida não só pela marcada fragilidade na representação de si, mas também como a relação com o *outro* patenteia esta estruturação do *eu*, numa dependência e indiferenciação *eu-outro*, na falha no processo de separação-indivuação e na sua procura de função continente e de para-excitação.

Da análise dos dados, torna-se evidente o modo como o *outro* apresenta um papel basilar na construção identitária das participantes, sendo sentido como um *objecto anaclítico*. É com base neste *outro* que um *eu* poroso e frágil se permite architectar e definir na sua identidade e representação de si, onde a falha na alteridade remete para o *outro* a função de sustentáculo e de constante procura de reforço continente. Ademais, perante esta fragilidade identitária e na função continente, o *outro* – igualmente sentido como *objecto transitivo* – torna-se uma âncora no processo de significação e simbolização edificada na incapacidade do sujeito sair da unidade-dual, estando preso numa incapacidade na diferenciação de um *eu/não-eu*.

Como elaboração intelectual das abordagens teóricas levantadas, propõe-se, assim, considerar a auto-mutilação um *acto continente transitivo* que, perante a incapacidade do sujeito conter inscrições psíquicas, actua como potenciador de controlo, conforto e mediação entre o *eu* e o *outro*, *interno* e *externo*, permitindo uma contenção temporária de conteúdos invasivos ao espaço psíquico. Este corte na pele não só permite, temporariamente, ao sujeito delimitar novamente o seu corpo, um *eu* de substrução identitária frágil, possibilitando diferenciar o *eu* do *outro*, o mundo interno do externo, a fantasia da realidade, alterizando-se, como também sistem

uma função de continente ao permitir ao sujeito um alívio temporário à sua condição não-contentor de um *eu* poroso, incapaz de uma verdadeira inscrição psíquica internamente delimitada.

A capacidade de processar experiências a um nível simbólico pode ter-se estagnado num estágio de desenvolvimento precoce, ainda numa altura onde o ego era dominado pela corporalidade táctil das experiências. Deste modo, ao recorrer ao instrumento escorizante enquanto objecto transitivo, o corte na pele permite ao sujeito a capacidade, temporária, de uma simbolização alterizada, inscrita com uma assinatura pessoal numa pele sentida como traiçoeira nas suas funções não-elaboradas. Como resultado, esta pele evidencia um processo de cicatrização, uma capacidade conspícua, auto-preservante de cura sustentada unicamente pelo sujeito, pela sua própria pele. Uma pele/identidade cicatrizada é uma pele/identidade curada, reforçada/continente pelo próprio endurecimento consequente desta.

A dissociação permite, assim, este carácter regressivo temporário do ego indispensável para a elaboração inconsciente de um estado auto-erótico, dominado por pulsões sado-masoquistas, onde se isola uma carga disfórica e conflitual de um estado incapaz de ser contido; este estado permite uma simbolização pervertida na pele de um continente capaz de tolerar transitoriamente a sobrestimulação de conteúdos incapazes de uma inscrição psíquica efectiva.

Quanto ao método, alcançou-se com o Rorschach uma apreciação dos processos de alteridade a partir da recolha e selecção de procedimentos característicos no estudo destas dinâmicas. Esta exploração permitiu um trabalho no próprio método Rorschach ao possibilitar uma trama de análise específica ao conteúdo em objectivo.

No que concerne à Entrevista Narrativa em Associação Livre, Hollway (2007) refere que, apesar da sua capacidade em suscitar associações livres, ela partilha algumas fraquezas com qualquer método com base na fala: ao eliciar um modo de comunicação que é, em grande medida, sob controlo consciente, poderá haver a tendência de reproduzir a imagem do indivíduo separado dos outros, com um pensamento único e regido pela racionalidade da linguagem. A utilização deste método em conjunto com o Rorschach permitiu, assim, uma análise mais fiel às associações livres levantadas, permitindo, juntamente com o delineamento do objectivo, compreender processos internos adjacentes às narrativas de *si*.

Este instrumento foi utilizado num único momento e, na sua análise, após a definição do objectivo, o uso epistemológico da contratransferência e reflexão foi direccionado à deliberação da investigação. Esta análise faseada – *geral* como modo de descortinar um objectivo e posterior uso *direccionado* na análise – permite adequar este método a uma investigação em conjunto com demais instrumentos, assim como para além do *estudo de caso*.

A linha ténue que existe entre a auto-mutilação e estrutura *borderline* surge enquanto dificuldade e limitação numa apreciação concreta destes comportamentos de modo isolado, podendo disfarçar-se enquanto *agir* dentro desta linha patológica. Propõe-se uma apreciação futura não só da prevalência destas manifestações adjuntas a esta estrutura limite, mas também a sua extensão de natureza comparativa no estudo dos processos dinâmicos subjacentes entre sujeitos limite com e sem comportamentos auto-mutilatórios, assim como paralelismo destes comportamentos com os demais expressões *acting out*.

Do mesmo modo, uma vez que o presente estudo apresenta um objectivo específico, como investigação futura considera-se pertinente uma apreciação dos dados obtidos numa investigação característica de *estudo de caso*, compreendendo o fenómeno da auto-mutilação enquanto expressão pessoal inscrita num funcionamento idiossincrático, um estudo particular na função da auto-mutilação enquanto acto *transitivo* e *continente*, enquanto suporte aos processos de significação e de simbolização e contentor de uma pele frágil e porosa.

De forma a compreender a razão que se encontra subjacente a estes comportamentos, sugere-se, também, uma procura compreensiva da auto-mutilação de natureza etnopsicanalítica, numa inscrição cultural e antropológica mais aprofundada e combinada com as práticas da sociedade industrializada.

Invictus

*Out of the night that covers me,
Black as the Pit from pole to pole,
I thank whatever gods may be
For my unconquerable soul.*

*In the fell clutch of circumstance
I have not winced nor cried aloud.
Under the bludgeonings of chance
My head is bloody, but unbowed.*

*Beyond this place of wrath and tears
Looms but the Horror of the shade,
And yet the menace of the years
Finds, and shall find, me unafraid.*

*It matters not how strait the gate,
How charged with punishments the scroll.
I am the master of my fate:
I am the captain of my soul.*

- William Ernest Henley

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adshead, G. (1997). Written on the body: deliberate self-harm and violence. In E. V. Welldon, & C. Velson, *A Practical Guide to Forensic Psychotherapy*. London: Jessica Kingsley Publishers.
- Allen, D. M. (2003). *Psychotherapy with Borderline Patients: an Integrated Approach*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Anzieu, D. (1989). *The Skin Ego*. New Haven: Yale University Press.
- Anzieu, D., & Chabert, C. (2004). *Les Méthodes Projectives*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Babiker, G., & Arnold, L. (1997). *The Language of Injury: Comprehending Self-Mutilation*. Wessex: Wiley-Blackwell.
- Baity, M., Blais, M., Hilsenroth, M., Fowler, C., & Padawer, J. (2009). Self-Mutilation and the Rorschach. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 73, pp. 203-225.
- Bell, D. (2010). Who is killing what or whom? Some notes on the internal phenomenology of suicide. In S. Briggs, A. Lemma, & W. Crouch, *Relating to Self-Harm and Suicide: Psychoanalytic Perspectives on Practice, Theory and Prevention* (pp. 45-60). Madison Avenue, NY: Routledge.
- Bergeret, J., Bécache, A., Boulanger, J.-J., Chartier, J.-P., Dubor, P., Houser, M., & Lustin, J.-J. (2008). *Psychologie pathologique : Théorique et clinique* (10 ed.). Paris: Masson.
- Bhom, E. (1953). *Manual Del Psicodiagnóstico De Rorschach*. Madrid: Morata.
- Bick, E. (1968). The Experience of the Skin in Early Object-Relations. *International Journal of Psycho-Analysis*, 49, pp. 484-486.
- Bolognini, M., Plancherel, B., Laget, J., Stéphan, P., & Halfon, O. (2003). Adolescents' self-mutilation - Relationship with dependent behaviour. *Swiss Journal of Psychology*, 62(4), pp. 241-249.
- Bourdieu, P. (1989). *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel.
- Campbell, D., & Hale, R. (1991). Suicidal acts. In J. Holmes, *Textbook of Psychotherapy in Psychiatric Practice*. Oxford: Churchill Livingstone.
- Carr, E. G. (1977). The Motivation of Self-Injurious Behavior: A Review of Some Hypotheses. *Psychological Bulletin*, 84(4), pp. 800-816.
- Chabert, C. (2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Chabert, C. (2003). *O Rorschach na clínica do adulto - Interpretação psicanalítica* (2 ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Claes, L., Van den Eynde, F., Guillaume, S., Vogels, C., & Audenaert, K. (2012). Executive functioning in borderline personality disorder with and without self-harming behaviors.

- In A. M. Columbus, *Advances in Psychology Research (Vol 89)* (pp. 177-184). Hauppauge, NY: Nova Science Publishers.
- Clarke, L., & Whittaker, M. (1998). Self-mutilation: Culture, contexts and nursing responses. *Journal of Clinical Nursing*, 7, pp. 129-137.
- Cukier, R. (1998). *Sobrevivência emocional: as dores da infância revividas no drama do adulto*. São Paulo: Ágora.
- Cunha, I., & Marques, M. E. (2009). A construção do Eu adolescente na relação com o(s) Outro(s): O igual, o diferente e o complementar através do Rorschach. *Análise Psicológica*, 27(3), pp. 247-257.
- Davies, J., & Frawley, M. (1994). *Treating the Adult Survivor of Childhood Sexual Abuse: A Psychoanalytic Perspective*. New York: Basic Books.
- de Young, M. (1982). Self-injurious behavior in incest victims: a research note. *Child Welfare*, 61(8), pp. 577-584.
- Delgado, L. (2009). Para um racional bioniano de interpretação dos dados projectivos. *Análise Psicológica*, 1(27), pp. 109-113.
- Delgado, L. (2011). *T.A.T. e a Criatividade: Estudo Psicodinâmico*. Lisboa: Edições ISPA.
- Demarest, A. (2005). *Ancient Maya: The Rise and Fall of a Rainforest Civilization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Diamond, D., Kaslow, N., Coonerty, S., & Blatt, S. (1990). Changes in Separation - Individuation and Intersubjectivity in Long-Term Treatment. *Psychoanalytic Psychology*, 7(3), pp. 362-397.
- Dias, H. Z., Rubin, R., Dias, A. V., & Gauer, G. J. (2007). Relações visíveis entre pele e psiquismo: Um entendimento psicanalítico. *Psicologia Clínica*, 19(2), pp. 23-34.
- Doctors, S. R. (1981). The symptom of delicate self-cutting in adolescent females: A developmental view. *Adolescent Psychiatry*, 9, pp. 443-460.
- Doctors, S. R. (1999). Further Thoughts on "Self-Cutting": The Intersubjective Context of Self-Experience and the Vulnerability to Self-Loss. *Psychoanalytic Review*, 86(5), pp. 733-744.
- Dorey, R. (1986). The Relationship of Mastery. *International Review of Psycho-Analysis*, 13, pp. 323-333.
- Drury, N. (2004). *The New Age: Searching for the Spiritual Self*. London, England, UK: Thames and Hudson.
- Eliade, M. (1995). *Rites and Symbols of Initiation*. Woodstock, CT: Spring Publications.
- Farber, S. K. (2000). *When the Body Is the Target: Self-Harm, Pain, and Traumatic Attachments* (1 ed.). Northvale, NJ: Jason Aronson, Inc.

- Favazza, A. (2004). *PsychoBible: Behavior, Religion and the Holy Book*. Charlottesville, VA: Pitchstone Publishing.
- Favazza, A. (2011). *Bodies under Siege: Self-mutilation, Nonsuicidal Self-injury, and Body Modification in Culture and Psychiatry* (3 ed.). Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press.
- Favazza, A., & Rosenthal, R. J. (1990). Varieties of pathological self-mutilation. *Clinical Behavioural Neurology*, 3, pp. 77–85.
- Featherstone, M. (1999). Body Modification: An Introduction. *Body & Society*, 5 (2-3), pp. 1-13.
- Feldman, M. D. (1988). The challenge of self-mutilation: a review. *Comprehensive Psychiatry*, 29(3), pp. 252-269.
- Fernandes, I. B. (1994). Rorschach e Psicopatologia. *Análise Psicológica*, 4(12), pp. 463-468.
- Ferraz, F. C. (2007). A tortuosa trajetória do corpo na psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(4), pp. 66-76.
- Fliess, R. (1961). *Ego and Body Ego: Contributions to Their Psychoanalytic Psychology*. New York: International Universities Press.
- Fortune, S., Seymour, F., & Lambie, I. (2005). Suicide behavior in a clinical sample of children and adolescents in New Zealand. *New Zealand Journal of Psychology*, 34(3), pp. 164-170.
- Fowler, J. C., & Hilsenroth, M. J. (1999). Some Reflections on Self-Mutilation. *Psychoanalytic Review*, 20(2), pp. 12-19.
- Fraiberg, S. (1969). Libidinal object constancy and mental representation. *Psychoanalytic Study of the Child*, 24, pp. 9-47.
- Freud, S. (1923/1981). The Ego and the Id. In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. XIX). London: Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis.
- Freud, S. (1924/1981). The Economic Problem of Masochism. In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. XIX). London: Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis.
- Freud, S. (1937/1981). Constructions in Analysis. In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. XXIII). London: Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis.
- Gaddini, E. (1987). Notes on the Mind-Body Question. *International Journal of Psycho-Analysis*, 68, pp. 315-329.
- Gardner, F. (2001). *Self-harm: a psychotherapeutic approach*. New York: Routledge.
- Glasser, M. (1992). Problems in the psychoanalysis of certain narcissistic disorders. *International Journal of Psychoanalysis*, 73, pp. 493-504.

- Godinho, M. Q., Marques, M. E., & Pinheiro, C. B. (2009). A expressão no Rorschach dos fenómenos transitivos e do espaço potencial na personalidade borderline. *Análise Psicológica*, 27(3), pp. 349-363.
- Grotstein, J. S. (1997). Integrating One-Person And Two-Person Psychologies: Autochthony And Alterity In Counterpoint. *Psychoanalytic Quarterly*, 66, pp. 403-431.
- Haag, G. (2000). In the footsteps of Frances Tustin: further reflections on the construction of the body ego. *International Journal of Infant Observation*, 3, pp. 7-22.
- Herman, J. (1992). *Trauma and Recovery*. New York: Basic Books.
- Hibbard, S. K. (1994). The Mechanisms and Meanings of Self-Cutting. *Modern Psychoanalysis*, 19(1), pp. 45-54.
- Hicinbothem, J., Gonsalves, S., & Lester, D. (2006). Body modification and suicidal behavior. *Death Studies*, 30, pp. 351-363.
- Hicks, K., & Hinck, S. (2008). Concept analysis of self-mutilation. *Journal of Advanced Nursing*, 64(4), pp. 408-413.
- Hollway, W. (2003). Psychoanalytic Methods. In A. E. Bryman, A. Bryman, & T. F. Liao, *The SAGE Encyclopedia of Social Science Research Methods* (pp. 879-880). London: Sage Publications.
- Hollway, W. (2004). An appropriate research paradigm for evaluating psychoanalytically-informed practices. *International Journal of Infant Observation and its Applications*, 7, pp. 26-42.
- Hollway, W. (2007). Afterword. *Infant Observation*, 10(3), pp. 331-336.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2000). *Doing Qualitative Research Differently: Free Association, Narrative and the Interview Method*. London: Sage.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2001). Narrative, discourse and the unconscious: a case study of Tommy. In M. Andrews, S. D. Slater, C. Squire, & A. Treacher, *Lines of Narrative: Psychosocial Perspectives* (pp. 136-149). London: Routledge.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2008). The free association narrative interview method. In L. Given, *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods* (pp. 296-315). California: Sage Publications.
- Jung, C. G. (1927/31). The Structure of the Psyche. In *Collected Works 8*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Kahan, J., & Pattison, E. M. (1984). Proposal for a distinctive diagnosis: the deliberate self-harm syndrome (DSH). *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 14(1), pp. 17-35.
- Kernberg, O. F. (1976). Technical considerations in the treatment of borderline personality organization. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 24, pp. 795-829.

- Kernberg, O. F. (1988). Clinical dimensions of masochism. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 36(4), pp. 1005-1029.
- Klonsky, E. D. (2007). Non-suicidal self-injury: An introduction. *Journal of Clinical Psychology*, 63(11), pp. 1039-1043.
- Klonsky, E. D., Oltmanns, T. F., & Turkheimer, E. (2003). Deliberate self-harm in a nonclinical population: prevalence and psychological correlates. *The American Journal of Psychiatry*, 160(8), pp. 1501-1508.
- Kluft, R. (2000). The psychoanalytic psychotherapy of dissociative identity disorder in the context of trauma therapy. *Psychoanalytic Inquiry*, 20, pp. 259-287.
- Kochinski, S., Smith, S., Baity, M., & Hilsenroth, M. (2008). Rorschach correlates of adolescent self-mutilation. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 72(1), pp. 54-77.
- Kris, A. O. (1996). *Free Association: Methods and Process*. London: Routledge.
- Le Breton, D. (1999). *L'Adieu au Corps*. Paris: Métailié.
- Le Breton, D. (2004). *Sinais de Identidade: Tatuagens, piercings e outras marcas corporais*. Lisboa: Miosótis.
- Leeming, D. (1994). *A Dictionary of Creation Myths*. New York: Oxford University Press.
- Leibluft, E., Gardner, D. L., & Cowdry, R. W. (1987). The inner experience of the borderline self-mutilator. *Journal of Personality Disorders*, pp. 1317-1324.
- Levinas, E. (2000). *Alterity and Transcendence*. New York: Columbia University Press.
- Linhares, M. B., & Pinheiro, C. B. (2009). O Eu-pele no Rorschach: A sua expressão em adolescentes toxicodependentes. *Análise Psicológica*, 27(3), pp. 307-318.
- Low, G., Jones, D., MacLeod, A., Power, M., & Duggan, C. (2000). Childhood trauma, dissociation and self-harming behaviour: A pilot study. *British Journal of Medical Psychology*, 73, pp. 269-278.
- Mahler, M. S., Pine, F., & Bergman, A. (1975). *The Psychological Birth of the Human Infant: Symbiosis and Individuation*. New York: Basic Books.
- Maranga, A. R. (2002). Organizações borderline: Aspectos psicodinâmicos. *Análise Psicológica*, 20(2), pp. 219-223.
- Marques, M. E. (1996). Feminino, fecundo e finito: expressões nos Rorschach de adolescentes. *Análise Psicológica*, 14(1), pp. 45-52.
- Marques, M. E. (2001). *A Psicologia Clínica e o Rorschach* (2 ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Marques, M. E. (2005). Avaliação Psicológica do Adolescente e do Risco. *Análise Psicológica*, 1(23), pp. 19-26.

- Mavundla, T. R., Netswera, F. G., Bottoman, B., & Toth, F. (2009). Rationalization of indigenous male circumcision as a sacred religious custom: Health beliefs of Xhosa men in South Africa. *Journal of Transcultural Nursing, 20*(4), pp. 395-404.
- McCarthy, D. J. (1969). The Symbolism of Blood and Sacrifice. *Journal of Biblical Literature, 88*(2), pp. 166-176.
- McDougall, J. (1986). *Theaters of the Mind: Illusion and Truth on the Psychoanalytic Stage*. New York: Basic Books.
- McLane, J. (1996). The Voice on the Skin: Self-Mutilation and Merleau-Ponty's Theory of Language. *Hypatia, 11*(4), pp. 107-118.
- Meissner, W. W. (1997). The Self and the Body: I. The Body Self and the Body Image. *Psychoanalysis & Contemporary Thought, 20*(4), pp. 419-430.
- Menninger, K. (1935). A Psychoanalytic Study of the Significance of Self-Mutilation. *Psychoanalysis Quarterly, 4*, pp. 408-459.
- Menninger, K. (1985). *Man Against Himself*. USA: Harcourt Brace International.
- Miller, F., & Bashkin, E. A. (1974). Depersonalization and Self-Mutilation. *Psychoanalytic Quarterly, 43*, pp. 638-649.
- Moita, V. (1983). A angústia como conceito operatório na técnica projectiva de Rorschach. *Análise Psicológica, 1*(4), pp. 6-16.
- Motz, A. (2008). *The Psychology of Female Violence: Crimes Against the Body*. Madison Avenue, NY: Routledge.
- Nock, M. (2009). Why do People Hurt Themselves? New Insights Into the Nature and Functions of Self-Injury. *Current Directions in Psychological Science, 18*(2), pp. 78-83.
- Oneto, M. M., Marques, M. E., & Pinheiro, C. B. (2009). A natureza e especificidade do espaço mental através do Rorschach. Um espaço potencial? - Análise de um protocolo de uma paciente limite. *Análise Psicológica, 27*(3), pp. 331-347.
- Orbach, I. (1994). Dissociation, physical pain, and suicide: a hypothesis. *Suicide and Life-Threatening Behavior, 24*(1), pp. 68-79.
- Otto, W. (1981). *Dionysus: Myth and Cult*. New York: Spring Publications.
- Oumaya, M., Friedman, S., Pham, A., Abou Abdallah, T., Guelfi, J. D., & Rouillon, F. (2008). Personnalité borderline, automutilations et suicide: Revue de la littérature. *L'Encéphale: Revue de psychiatrie clinique biologique et thérapeutique, 34*(5), pp. 452-458.
- Pao, P. (1969). The syndrome of delicate self-cutting. *British Journal of Medical Psychology, 42*, pp. 195-205.

- Pattison, M. E., & Kahan, J. (1983). The deliberate self harm syndrome. *American Journal of Psychiatry*, 140, pp. 867–872.
- Pieri, P. F. (2003). *Introdução a Carl Gustav Jung*. Lisboa: Edições 70.
- Podvoll, E. (1969). Self-mutilation within a hospital setting: a study of identity and social compliance. *British Journal of Medical Psychology*, 42, pp. 213-221.
- Polk, E., & Liss, M. (2009). Exploring the motivations behind self-injury. *Counselling Psychology Quarterly*, 22(2), pp. 233-241.
- Purucker, G. (1996). *Occult Glossary: A Compendium of Oriental and Theosophical Terms*. London: Theosophical University Press.
- Putnam, F. W. (1985). Dissociation as a response to extreme trauma. In R. P. Kraft, *Clinical Antecedents of Multiple Personality*. Washington, D.C.: American Psychiatric Press .
- Rao, K. N., Sudarshan, C. Y., & Begum, S. (2008). Self-injurious behavior: A clinical appraisal. *Indian Journal of Psychiatry*, 50(4), pp. 288–297.
- Rausch de Traubenberg, N. (1970). *La Pratique du Rorschach*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Rorschach, H. (1951). *Psychodiagnostics: A Diagnostic Test Based On Perception*. Berne: Verlag Hans Huber.
- Rosenthal, R. J., Rinzler, C., Wallsh, R., & Klausner, E. (1972). Wrist cutting syndrome: The meaning of the gesture. *American Journal of Psychiatry*, 128, pp. 1363–1368.
- Ross, R. R., & McKay, H. B. (1979). *Self-Mutilation*. Lexington, MA: Lexington Books.
- Sainz, F. J., & Gorospe, L. (1994). *El test de Rorschach y su aplicación en la psicología de las organizaciones*. Barcelona: Ediciones Paidós Iberica.
- Scott, A. (1998). Trauma, skin: memory, speech. In V. Sinason, *Memory in Dispute*. London: Karnac.
- Scott, J., & Marshall, G. (1998). *A Dictionary of Sociology*. Oxford University Press.
- Sim, L., Adrian, M., Zeman, J., Cassano, M., & Friedrich, W. N. (2009). Adolescent Deliberate Self-Harm: Linkages to Emotion Regulation and Family Emotional Climate. *Journal of Research on Adolescence*, 19(1), pp. 75-91.
- Simpson, C. A., & Porter, G. L. (1981). Self-mutilation in children and adolescents. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 45(5), pp. 428-438.
- Simpson, M. A. (1976). Self-mutilation and suicide. In E. S. Shneidman, *Suicidology: Contemporary Developments*. New-York: Grune & Stratton.
- Simpson, M. A. (1980). Self mutilation as indirect self destructive behavior. In N. Farberew, *The many faces of suicide* (pp. 257–283). New York: McGraw-Hill.

- Stern, D. (1985). *The interpersonal world of the infant*. New York: Basic Books.
- Straker, G. (2006). Signing with a Scar: Understanding Self-Harm. *Psychoanalytic Dialogues*, 16(1), pp. 93-112.
- Strong, M. (2009). *A Bright Red Scream: Self.mutilation and the Language of Pain*. NY: Penguin Books.
- Suyemoto, K. (1998). The functions of Self-Mutilation. *Clinical Psychology Review*, 18(5), pp. 531-554.
- Teixeira, V., & Marques, M. E. (2009). O buraco negro na patologia limite: Um contributo da/para a técnica Rorschach. *Análise Psicológica*, 27(3), pp. 281-293.
- Tröger, N., & Pinheiro, C. B. (2009). O Rorschach e a função materna no sujeito transexual. *Análise Psicológica*, 27(3), pp. 319-330.
- van der Kolk, B. A., Perry, J. C., & Herman, J. L. (1991). Childhood origins of self-destructive behavior. *American Journal of Psychiatry*, 148(12), pp. 1665-1671.
- van Gennep, A. (1909). *The Rites of Passage*. Chicago: University of Chicago Press.
- Viegas, J. C., & Marques, M. E. (2009). O Rorschach e o agir na patologia borderline: A alucinação negativa e a simbolização. *Análise Psicológica*, 3(27), pp. 295-306.
- Viegas, J., & Marques, M. E. (2009). O Rorschach e o agir na patologia borderline: A alucinação negativa e a simbolização. *Análise Psicológica*, 27(3), pp. 295-306.
- Walsh, B. W. (2005). *Treating Self-Injury: A Practical Guide*. New York: The Guilford Press.
- Walsh, B. W., & Rosen, P. M. (1988). *Self-mutilation: Theory, research and treatment*. New York: Guilford Press.
- Warm, A., Murray, C., & Fox, J. (2003). Why do people self-harm? *Psychology, Health & MEDicine*, 8(1), pp. 71-79.
- Westermarck, E. (1906). *The Origin and Development of the Moral Ideas*. Michigan: University of Michigan Library.
- White Kress, V. (2003). Self-injurious behaviors: Assesment and diagnosis. *Journal of Counseling and Development*, 81, pp. 490-496.
- Wohlrab, S., Stahl, J., & Kappeler, P. M. (2007). Modifying the body: Motivations for getting tattooed and pierced. *Body Image*, 4, pp. 87-95.
- Young, W. C. (1988). Psychodynamics and Dissociation: All that Switches Is Not Split. *Dissociation*, 1(1), pp. 033-038.

ANEXOS

ANEXO A – Protocolo Rorschach, Sandra 21 anos

T.T. 30'

I		
3” (recusa em pegar no cartão)		Eq. Choque D F+ A
1) Um sapo.	D central superior. “Isto aqui parece-me um sapo.”	
(pega no cartão)		
2) Um morcego.	“Mesmo com os buraquinhos parece-me um morcego (Gbl). Parece as patinhas dele (D centrais superiores), e isto parece a cauda (D central inferior). Aqui tipo os bracinhos (D laterais)...”	Gbl F+ A Ban
3) Uma abóbora de Halloween.	“Se tirares estas partes de lado e em baixo, parece-me o sorriso de uma abóbora de Halloween (D central) e os olhinhos (Dbl intramacular).”	D bl F+ Masc
4) Faz-me lembrar outro bicho... aqueles... aquelas preguiças que não são bem preguiças, que têm tipo pele extra aqui (patágio), que se esticam, e planam (esquilo?) Exacto! Isso, um esquilo. É um esquilo... nem me lembrava...	“Está aqui o bichinho (G). Ele está a esticar os braços. E isto é a pele (patágio) e as patas (D laterais). Isto até parecem manchinhas no pêlo (Dbl intramacular).”	Gbl F- A → E
5) Parece-me um cão também.	“Se cortares esta parte aqui (D superiores laterais), parece-me um cão, com as orelhas para baixo.”	D F- A → E
Parecem-me vários animais até.”	“Sim. Se olhar para isto faz-me lembrar coelho... não sei... não sei... Faz-me lembrar vários animais...”	
Nada mais... pelo menos não me vem nada à cabeça...	R.A.: Se olhar para isto faz-me lembrar o meu coelho (G). Olhando para isto, faz-me vir à cabeça o coelho... Quando ele mete as orelhas para baixo fica assim, simplesmente.	
1’45”	G F- A	
II		
5”		
6) Faz-me lembrar um coração... humano...	Vermelho inferior sem o Dd inferior (“linhas”)	G FC Anat
7) Faz-me lembrar pulmões.	“Vermelho superior”	D FC Anat
8) E... bacia.	“Tudo o que é preto”	D F- Anat
9) Crime... não sei se se pode aplicar...	“Tudo.” (?) “Eu não sei explicar... Faz-me lembrar... isto parecem-me várias manchas de sangue também (vermelho intramacular)... não sei explicar...”	G F+- Abst → Sg
10) Estas duas pessoas parecem que estão a bater palmas... não sei se se aplica Uhm...	“Tipo... estes são pessoas. Aqui estão as mãos, e estão a bater palmas. Isto é uma pessoa e isto é outra pessoa (D laterais + vermelhos laterais superiores)”	D bl K A
11) Borboleta.	“Se contares com estes risquinhos cá em baixo, isto faz lembrar uma borboleta (vermelho inferior).”	D F+ A
“Segredo... não sei se isto faz sentido... parece	“As pessoas estão a bater palmas, mas ao mesmo tempo parecem que estão a esconder algo. Não sei... como se	

simplesmente... porque estão aqui estas manchas escondidas... a esconder algo.”	estivessem a contar um segredo, mas ao mesmo tempo não contam. Parece-me isso, devido às manchas vermelhas e estarem a bater palmas.”	
∨		
12) Uhm... as máscaras que se usavam em Veneza... no sec. XVIII... séc. XVII, XVII... especialmente no carnaval... faz-me lembrar isso... Faz-me lembrar penas, também...	“Tudo (Gbl). Isto parecem as penas (vermelho inferior), os olhos (vermelho intramacular), o nariz (D negro superior central). Se olhares aqui parece que tem manchinhas para os olhos.”	Gbl F- Masc
13) E... faz-me lembrar baratas... é só isso... Aliás, são duas baratas numa.	“Ah... exacto. Parecem duas baratas coladas com as cabeças juntas. Aqui está uma barata, aqui está uma barata, que juntas parece fazer uma barata horrível com duas cabeças (vermelho inferior).”	D F- A
Uhm... não me faz lembrar mais nada... Peço desculpa se isto não está a fazer muito sentido. 3’20”	“Eu não sei a minha pancada com as baratas...”	Crítica Subj.
III		
5”		
Oh... okay... er...		Eq. Choque
14) Laço... laço...	Vermelho central.	D F+ Obj
15) Mães com bebés... ou cestas.	Negro.	G K H Ban
16) Faz-me lembrar macacos, também.	Negro lateral. “se tirares o cesto, parecem macacos”	D F+ A
17) Aborto	“Se tirares os cestos e o laço, e associares estas duas imagens, parece-me um aborto. Isto parece-me um feto morto (vermelho lateral), estas duas coisas parecem-me sangue ou um feto morto. É associado às mães (D negros laterais)... não sei...”	D CF Sg
∨		
18) Ou simplesmente sangue...	Vermelho lateral.	D C Sg
^		
19) Ramo de árvore...	D negros inferiores laterais.	D F+ Bot
20) Eu diria que isto, este pelo menos, no seu conjunto, parece-me tipo uma espécie de representação do sistema reprodutor feminino, ponto... o útero aqui... consigo ver perfeitamente aqui as trompas, o útero, e etc....	D bl central inferior (½ metade). - Útero (Dbl inferior extramacular); - Trompas (D negros laterais inferiores); - Ovários (D central inferior).	D bl F- Anat
∨		
Eu virei o cartão		
21) Sapo.	Negro inferior central.	D F- A
22) Ou morcego... aliás... não é bem morcego...	Negro + vermelho central “Aqui com as asas recolhidas”	D bl F- A
23) Uhm... há uns animaizinhos que têm os olhos, que são parentes das preguiças, que têm os olhos muito esbugalhados aqui de lado... uhm suricatas... acho que são suricatas...	D + branco intramacular	D bl F- A

24) Também parece um boxer deitado... um cão.	Cabeça (D inferior central), fendas que tem na cabeça (Ddbl) e as rugas (Dd).	Gbl F- A
25) Também vejo chifres.	“Chifres gordinhos, tipo bodes (D negro inferior central).”	D F- Ad
26) Ah! Vejo rins. Mãos ^ v ^ v >	Vermelhos laterais “Vai pegar em alguma coisa (Dd inferior lateral).”	D FC Anat
27) Uma pistola... ou algo assim...	D lateral inferior	D F- Obj
28) Um almofariz, tipo... com a coisa... 3’30”	“Parece-me a taça (Dbl inferior extramacular), com aquela coisa... (pilão?) Sim! (D inferior lateral)”	D bl F- Obj
IV		
5”		
29) Cão... definitivamente.	D central inferior	D F- A
30) Isto também me faz lembrar... faz-me lembrar uma personagem que havia numa série – Yu-Gi-Oh... chamava-se Exodia... Era tipo um monstro enorme, onde só conseguias fazer o monstro se tivesses reunido os quatro membros e a cabeça... Faz-me lembrar isso...	“É tudo. Sem esta parte aqui em baixo (D central inferior)”	D FClob (A)
31) Faz-me lembrar uma árvore morta.	“Não vejo propriamente uma árvore... vejo mais o tronco (D negro superior)”	DG FC’ Bot
32) Faz-me lembrar uma boca de peixe.	“Um peixinho a saltar para cima e a mostrar a boca (Dd central superior). Esta coisinha é a boquinha.”	Dd kan Ad
33) Faz-me lembrar uma marioneta.	“Isto tudo parece-me. Aqui os braços caídos (D laterais superiores) e os pés flectidos (D laterais inferiores); dá uma sensação que é uma pessoa manipulada.”	D K (H)
34) Panos... não sei porquê...	“O facto de estar caído... e... esta dimensãozinha aqui... Isto aqui parece que está a passar vento (E). Os panos estão aqui (D negros inferiores laterais). Parece que está a passar vento. Movimento... Tipo uma capa. Ar a passar, a mexer...”	D F- Obj →E
35) ... ou vento...		D kob Elem
v		
36) Faz-me lembrar um cavalo.	D inferior central	D F- A
37) Asas.	D laterais superiores	D F- Ad
38) Espinhos.	Dd inferiores	Dd F+ Bot
39) Ganchos... er... ganchos tipo piratas.	D laterais superiores	D F- Obj
Faz-me lembrar dualidade, tipo Céu/Inferno, ou coisa assim... Bem/Mal... de um lado temos uma imagem quase celestial, e do outro lado parece que... temos tipo o Inferno, ou qualquer coisa assim.	R.A.: Se vires... isto é um cavalo alado (D inferior)... Para mim representa o Céu. Estes corninhos, chifrinhos (D inferior), fez-me lembrar tipo... não posso dizer o Diabo... mas são coisas representativas... tipo... faz-me lembrar um bode. Aqui um bode e aqui um cavalo alado; a dualidade céu/inferno. G kan (A)	

<p>“Já disse árvore morta?” <</p> <p>40) Faz-me lembrar um pé... cortado... não sei se isso tem destaque... mas cortado, definitivamente, tipo... com as “tripas” a caírem...</p>	<p>“Aqui está o pé... e aqui estão as entranhas a sair do pé.” (D lateral inferior).</p>	<p>Do F+ Hd</p>
<p>Não me faz lembrar mais nada... Estou a ver cenas um bocado horríveis...” (ri-se) 3’55”</p>		<p>Crítica Sub.</p>
V		
<p>3” Okay...</p> <p>41) Um morcego... definitivamente</p>		<p>G F+ A Ban</p>
<p>v</p> <p>42) Uhm... Também me faz lembrar uma borboleta, se virar ao contrário, portanto...</p>		<p>G F+ A</p>
<p>^</p> <p>43) Faz-me lembrar outra vez as máscaras... não de Veneza, mas máscaras, ponto, que só tapam... os olhos...</p>	<p>“Isto parece uma máscara (G). Estas são as coisinhas que se prendem (lateral) e este é o nariz (inferior)”</p>	<p>G F+ Masc</p>
<p>v</p> <p>44) Faz-me lembrar abraços...</p>	<p>“Parece que estão de braços abertos para te abraçar.”</p>	<p>G kp Hd</p>
<p>Uhm... estou a tentar lembrar-me...</p> <p>45) Folhos... como se chamam... Okay, há aqui qualquer coisa que me faz lembrar algo que não me lembro do nome... mas que é tipo... nos cachecóis... aquelas “ripinhas”... no fim... Folhos de cachecol, ou assim...</p>	<p>D inferior central</p>	<p>D F- Obj</p>
<p>46) Faz-me lembrar uma traqueia.</p>	<p>“Aqui esta linha (eixo central)”</p>	<p>D F- Anat</p>
<p>47) Parece o assento de um baloiço...</p>	<p>D central e lateral</p>	<p>D F- Obj</p>
<p>48) Ou uma alcofa...</p>	<p>D central e lateral</p>	<p>D F- Obj</p>
<p>Uhm... não me lembro de mais... Isto fez muito pouco sentido para mim. Não me lembro de mais</p>		<p>Crítica Subj.</p>
<p>^</p> <p>49) Faz-me lembrar um pássaro... (“afinal lembro-me”) um pássaro pronto a comer, ou a caçar... sim, caçar... ou coisa assim... 3’15”</p>	<p>“Estes são as patinhas do pássaro. Estes são as asas do pássaro. É um pássaro a descer pronto para matar, okay? Portanto ele está com o bico aberto. Mas está com a cabeça torcida para apanhar de lado.”</p>	<p>G kan A</p>

VI

4”		
Okay... er...		Eq. Choque
50) Flor	“Esta coisinha aqui na pontinha da pontinha parece-me uma flor (Dd superior)... na pontinha da pontinha... Só.”	Dd F- Bot
51) Cruz	D superior	D F+ Obj
52) Insecto... repugnante.	D negro superior central	D ClobF A
Uhm... esqueci-me do nome		
53) Faz-me lembrar aqueles... não é casacos... tipo quando se caçam os animais e depois arranca-se-lhe a pele... e mete-se tipo no chão... como se fosse um tapete... faz-me lembrar isso.		G F+ A Ban
54) Faz-me lembrar uma manta... manta: animal...		G F+ A
v		
55) Faz-me lembrar um casaco... ou uma camisola.	“Está aqui o decote, estão aqui os ombros, estão aqui os braços, está aqui o resto... Mas isto não é (D superior)”	D F+ Vest
56) Faz-me lembrar baratas outra vez.	“Este detalhezinho aqui... parece-me uma barata... parece a traseira de uma barata (Dd inferior central), este espigãozinho.”	Dd F- A
>		
Urgh... não sei...		
57) Faz-me lembrar... sujidade... tipo... repugnante... não sei... seja lá o que o meu cérebro associa... não define nada que goste... não que tenha gostado de alguma coisa até agora, mas pronto... não sei...	“Não sei do que é... mas sei que é de lado e que não gosto.”	G E Suj
^		
Urgh... Nojo, pronto... Pode-se indicar sensações, certo?... Nojo... isso... Só me vem à cabeça nojo...		
58) ... e bichinhos... bichinhos daqueles maus.	“Todas estas porcariazinhas aqui (Dd central E) ... aqui... estas coisinhas aqui... parecem bichinhos a empilharemse... What the hell? Como se chamam? Tipo... Bicha solitária.”	Dd F+- A
	R.A.: Eu sei que é estúpido, mas isto parece-me... tipo o esófago ou não sei quê; parece que tens aqui um bichinho... urgh... vai comendo... parece isso.	
	Dd/D F- A	
59) Sei lá... na minha cabeça aparece tipo um monstro com várias cabeças, e não sei quê... (ri-se) o que não faz sentido nenhum.	“Estas são as cabeças do monstro (D superior lateral), e isto é o monstro (D superior central). É como se os pequenos insectos se juntassem todos e fizessem um mega monstro com várias cabeças. Juro que vejo aqui cabeças... ergh... como se nas pontas tivessem olhinhos, ou uma boquinha, ou...”	D FClob (A)
Mais nada...		
60) Ah! Um gafanhoto! É isso que eu estava a tentar achar...	“Aqui (D superior). Estas são as asas do gafanhoto; mas só mesmo com estas partes de cima. Estas são as asinhas do	D F- A

gafanhoto...	gafanhoto (D superior lateral), estas são as perninhas do gafanhoto (Dd superior lateral), esta é a cabeça do gafanhoto (D superior), este é o corpo do gafanhoto (D superior)... horrível.”	
E tirando isso não vejo mesmo mais nada. 3’25”		

VII

3” “Okay.”		
61) Asas... Liberdade.	3º terço	D F- Ad
62) Nuvens.	D (3º e 2º terço) “Sem estas partes de cima fazem lembrar aquelas nuvens altas de trovoadas”	D EF Nat
63) Ar.	Dbl central	Dbl F+- Elem
64) Polegares.	D superior (2º e 1º terço) “Estes estão deitados e estes estão em pé”	D kp Hd
65) Porta. ... Equilíbrio. v	D inferior (3º terço) “Parece-me estar perfeitamente equilibrado.”	D F- Obj
66) Pilar.	D lateral superior (1º terço)	D F- Arq
67) Entrada. ... Detalhes... Ah! Já me lembrei	Dbl central Dd/G “Detalhes mesmo... Como se tivesse alguma coisa escrito. Como se fosse uma escultura e tivesse vários detalhes.”	Dbl F+- Abst
68) Capacete... capacete de guerra. Não me lembro mais nada. 2’15”	“Tudo isto. Tipo... Samurais, onde os capacetes deles tinham os corninhos pequeninos. Está aqui a cabeça da pessoa dentro, e isto é o capacete.”	Gbl F- Obj

VIII

18” (riso nervoso) Er... okay... er... Em vez de estar a dizer... tenho de dizer tudo aquilo que me faz lembrar, ou posso generalizar?”		Choque Cor (tempo lat.)
69) Genericamente isto parece-me o... toda a parte torácica do ser humano... Depois vejo também uma bacia... Um cérebro.	“Aqui... se vires tudo de uma só vez parece-me a parte torácica (D centrais)”; D inferior (bacia), D superior central (cérebro)	D F- Anat
70) Duas doninhas.	D laterais	D kan A Ban
71) Redes.	Dd central “Aqui. Só aqui esta parte.”	Dd F- Obj
72) Uhm... rasgões... não sei... nos órgãos... pelo menos num deles... aliás... em todos... sim, em todos... parece que estão a rasgar, tipo a separá-los, ou desfazê-los... tipo isso. v Uhm... isto é interessante...	Dd E “Quando olhas para isto, incluindo esta parte verde aqui (verde central), parece que estão a rasgar. Aqui também (laranja), aqui também (rosa), aqui também (verde). O facto de estarem assim meio abertos, parece que estão a esticar, e que está a rasgar. Está tipo pendurado.”	Dd F- Anat
73) Quando virei o cartão, pareceu-me, novamente, o	D laterais + D superior central “Trompas, ovários, útero...”	D F- Anat

sistema reprodutor da mulher... por acaso...			
74) E uma borboleta.	D inferior central		D F- A
Eu nem sequer gosto de borboletas...	“Não sei que pancada tenho com animais...”		Crítica Subj.
... E faz-me lembrar, tipo, gelatina...			
75) Lembraste quando eramos pequenos tínhamos aqueles “pega-monstros”? Faz-me lembrar isso.	D central inferior + D laterais		D F- Obj
Desculpa, mas é mesmo aquela «nhenha»... De resto não me faz lembrar mais nada...”			
76) Ah! Uhm... Mocas! Aquelas... aquelas de dar na cabeça... (ri-se)	D laterais “Se cortares as pernas à lontra, e a cauda, parece uma moca.”		D F- Obj
Isto... isto é absolutamente... isto é... tipo... é... é estimulante, para a minha imaginação... entre aspas. Não me faz lembrar muito mais...			Crítica Obj.
77) Faz-me lembrar, tipo, ah... Como se chamam? Corpetes! Faz-me lembrar isso. Tipo algo que prenda firmemente... é isso.	Verde central “Toda a cena verdinha. Parece que vai dar a volta, tipo... a esticar”		D F- Vest
E faz-me lembrar cicatrizes, também. Cicatrizes... parece que tem em todos os órgãos...	Linha central + E		
De resto não me faz lembrar mais nada.			
<			
Que engraçado, parece que as doninhas estão a comer o cérebro... Comer não. Segurar o cérebro, tipo a estica-lo, e que isso está a causar rasgões... Não sei...	“Tipo... estão a agarrar e...”		
Mais nada. 3’45”			
IX			
3”			
78) Veado.	Laranja, D lateral direito “Deste lado não parece, só deste.”		D F- A
79) Lobo.	D central e superior “Não faço a mínima ideia porquê. Isto parece-me as orelhas... Aliás não me parece tanto o lobo, mas... um lince... aqueles lince ibéricos.”		DG F- A
80) Floresta.	D laranja escuro		D F- Geol
81) Caranguejo.	Rosa + Dd + E “É a parte rosa toda, mais estas coisinhas, faz-		D F- A

	me lembrar um caranguejo. Não faço a mínima ideia porquê. É que a sobra disto – eu sei que é um grande detalhe – mas a sobra disto, parece que há aqui um espacinho, parece que são pinças... Parece-me...”	
82) Er... Lula. Vejo uma lula aqui.	D bl Central “Isto é uma lula a comer algo. Esta é a língua da lula. Esta é a boca da lula. Estes são os olhos da lula. E esta é a lula... Parece uma lula furiosa.”	D kan A
83) Barata.	Rosa central (menos as rosas laterais) “Se cortares as pinças ao caranguejo, parece uma barata.”	D F- A
84) Er... Eu não sei se isto é relevante... mas também parece-me aqui o formato dos países escandinavos.	Laranja (menos os “corninhos”)	D F- Geog
85) Traqueia ou esófago... uhm... parece-me até ambos, para ser sincera... porque depois tem altos assim aqui e continua...	Central “Esta coisa toda bué longa.”	D F- Anat
86) Espigões... espinhos, espigões... v	Verde Dd inferior “Esta parte do verde”	Dd F- Obj
87) Okay. Isto parece uma barata gigante... Não me lembro de mais nada... Não me lembro de mesmo mais nada... E aqui faz-me lembrar só mesmo uma barata gigante a comer qualquer coisa... Horrível... ^ v ^ v		D kan (A)
88) Ou então uma mosca! Se calhar andava a dizer barata, mas é uma mosca! Agora faz-me mesmo lembrar uma mosca... com aqueles olhos esbugalhados... Uma mosca... Ya! É uma mosca! É mesmo uma mosca... tem aquela boquinha e tudo... Enfim. 2’40”	Rosa + rosa E central “Estão aqui os olhos esbugalhados da mosca (rosa). Está aqui o focinho da mosca. Está aqui a boca da mosca. E isto é aquela coisinha que as mosquinhas têm... Sem o verde; o melhor... sem estas partes... Ainda por cima tem aqui os espigões que parecem os bigodes da mosca – não sei se as moscas têm bigodes, mas suponho que sim.”	D F- A
X		
4” Okay...		
89) Aranhas.	Azul lateral	D F+ A Ban
“Eu até vejo coisas que nem sequer existem... er... tipo... 90) ... há aqui coisas que eu vejo que me faz lembrar... parecem ratinhos pequenos, com antenas, e... florzinhas no topo das antenas...	Cinzento superior “Parece que estão a fazer uma dança qualquer.”	D kan (A)
91) Pássaros.	Amarelo “Eu vi em duas ocasiões diferentes. Eu vi aqui	D CF A

	pássaros, e depois aqui pássaros, mas depois voltei a olhar e aqui pareceram-me flores.”	
92) Folhas.	Verde superior	D CF Bot
93) Cavalos marinhos.	Amarelo lateral direito “Lá está... à primeira pareceram-me... pássaros... depois olhei a olhar, pareceram-me flores, e depois voltei a olhar e este, este apenas, pareceu-me um cavalo marinho. Este não (esquerdo), este continua a parecer um passarinho.” R.A.: É engraçado que aqui também me parecem cavalos marinhos, agora que estou a olhar melhor (azul lateral). D F+- A	D F- A
94) Flores.	Amarelo e verde “Estas duas.”	D CF Bot
95) Faz-me lembrar traqueia	Cinzento superior “Este tubinho”	D F- Anat
96) ... e corpo humano, pelo meio.	D centrais “Tudo isto menos os «borrões»”	D bl F- Anat
97) Um anjo.	Verde inferior “Aqui. Pessoa. Asinhas. Pronto”	D F+ (H)
98) Asas.	Rosa lateral	D F- Ad
99) Água.	Azul lateral “Uma poça... poças... charcos... gotas.”	D CF Elem
100) Folhas a cair.	Laranja lateral inferior	D kob Bot
101) Máscara.	D centrais	D bl F+- Masc
102) Uhm... Cálice.	Cinzento superior	D bl F- Obj
103) Chamas.	Laranja central + rosa lateral “Aqui o cálice, e as chamas. Chamas a saírem o cálice.”	D kob Elem
104) Velas.	“Eu disse velas? Oh my god, no idea why... Oh my god, no idea why... Eu acho que sei onde estão... Oh my god... Ah! Já me lembrei... eu quando era pequena tinha uma... não eram velas... um castiçal. É diferente. Pelo menos para mim é diferente. Tinha um que eram daqueles antigos. Isto faz-me lembrar castiçais (laranja), para pôr velas. Desculpa... Foi odd.”	D F+- Obj
105) Coruja... coruja ou mocho.	“Estás a ver a máscara? Pronto... Isto é aquelas penas que as corujas têm na testa (verde inferior), estes são os olhos da coruja (amarelo central), isto é o focinho da coruja (azul central), isto é o bico da coruja (laranja central superior).	D bl F- A
106) Bamboo.	D superior central	D F+ Bot

De resto... não vejo mais nada...
3’35”

ANEXO B – Psicograma Rorschach, Sandra 21 anos

R	106	G	10	16%	ΣF	77	H	1	F%	72%
Rec.	0	[Gbl	5]		[+	19]	Hd	3	F+%	29%
		[DG	2]		[–	52]	(H)	2	F–%	71%
T.T.	30'				[±	6]	A	34		
T/R	17"	D	69	75%	C	1	Ad	5	Fa%	86%
T/Lm	5,3"	[D bl	10]		CF	5	(A)	4	F+a%	30%
					FC	3	Obj.	18		
		Dd	8	8%	FC'	1	Abst.	2	A%	36%
					E	1	Masc.	4	H%	4%
		Dbl	2	2%	EF	1	Anat.	12	Ban	6
					K	3	Sg.	3		
					kan	6	Bot.	8		
					kob	3	Elem.	4		
					kp	2	Vest.	2		
							Suj.	1		
					ClobF	1	Arq.	1		
					FClob	2	Geol.	1		
							Nat.	1		
							Geo.	1		

Tipo de Sucessão: Incoerente

Tipo de Apreensão: $\overline{G} - \underline{D} - Dd - \overline{Dbl}$

T.R.I.: 3 K / 8,5 Σ C Tipo Extroversivo Misto

F.C.: 11 k / 2,5 Σ E Tipo Introversivo Misto

RC%: 35%

IA%: 17%

Prova das Escolhas

++ I, V, VII

-- II, III, VI

Elementos Qualitativos

- **Equivalente de Choque:**

- o **Cartão I:** Recusa a pegar no cartão.
- o **Cartão III:** “Oh... okay... er...”; fâcias de surpresa.
- o **Cartão VI:** “Okay... er...”; fâcias de surpresa.

- **Choque Cor:**

- o **Cartão VIII:** Aumento significativo to tempo de latência aquando apresentado o cartão; comentário (“Er... okay... er...”).

- **Crítica Subjectiva:**

- o **Cartão II:** “Peço desculpa se isto não está a fazer muito sentido.”
- o **Cartão IV:** “Estou a ver cenas um bocado horríveis...”
- o **Cartão V:** “Isto fez muito pouco sentido para mim.”
- o **Cartão VIII:** “Eu nem sequer gosto de borboletas...”

- **Crítica Objectiva:**

- o **Cartão VIII:** “Isto... isto é absolutamente... isto é... tipo... é... é estimulante, para a minha imaginação.”

Prova das Escolhas

+ +

I: “Sempre que olho para este, assim à primeira, eu lembrei-me do meu coelho, mas especificamente do meu coelho. Meu. Não pensei num coelho, pensei no meu coelho. (...) E este porque faz-me lembrar... não sei... Por um lado faz-me lembrar coisas boas, por outro faz-me lembrar coisas más... Mas... as boas acabam por ser mais fortes que as más, portanto... este parece... ter um senso de equilíbrio... pelo menos para mim (ri-se)... às tantas sou mesmo psicopata...”

V + VII: “Estes dois porque me fazem lembrar liberdade, de alguma maneira. Libertação... Liberdade... libertação... Voar, e ter asas... não sei... Não sei... Não me fazem sentir mal...”

--

II: “Er... dá-me náuseas... Não sei porquê, mas... não sei. Alguma coisa não está bem com... com... com isto! Não... não faz sentido, para mim e faz-me... Aliás, não é só não fazer sentido: faz-me confusão. Obviamente que nada disto faz sentido, propriamente, mas faz-me confusão. Não sei. Não gosto daquilo que vejo. Simplesmente... faz-me sentir desconfortável.”

III: “Este, porque... também... não sei... As sensações são extremamente parecidas. Enquanto que nestes (**II** e **VI**) há mais uma sensação de horror, de desconforto, de repugnância, er... este é mais de desconforto... náusea... É como se este tivesse um conteúdo explícito (**VI**), em termos dentro do horror e não sei quê, e este (**II**) parece que tem uma mensagem implícita... estes dois (**II** e **III**)... Para mim são exactamente... representam o mesmo... a nível de sensações; exactamente o mesmo, sem tirar nem pôr.”

VI: “Repugnante... Repugnante... Okay... falando em sensações: repugnância, horror, er... desconforto... er... não sei. Tudo o que possas imaginar de mau... de desagradável... Não gosto.”

ANEXO C – Protocolo Rorschach, Olívia 24 anos

T.T. 15'

I		
40"		Eq. Choque
1) Efeito borboleta... ... Sei lá... ^ v ^ v	“Uhm... é como no filme... Imagina que aqui és mais novo (D lateral esquerdo), e aqui és mais velho (D lateral direito), e as escolhas que fizeres aqui vão-se traduzir aqui (D central).”	G F+- Abst
2) Talvez um coelho... ...	“Foi o que me saltou logo à vista: as orelhas (D lateral superior), os olhos (Dbl laterais superiores), a boca (Dbl laterais inferiores), os dentes (D negro central inferior) ... no geral.”	Gbl F- A
3) Uhm... dois corpos em viagem astral... a centrar a si próprios...	Basicamente é o mesmo que no Efeito Borboleta... dois corpos (D laterais)... cada um a enviar o seu espírito (D central), ou assim... e estão à procura de qualquer coisa... Aqui os dois corpos, e o reflexo dos espíritos a sair.	(D)G K (H)
1'50"		
II		
40" ^ v ^		
4) ... dois corpos diferentes... em confronto. Como se fosse um espelho... em confronto.	“Parece que se estão a fitar um ao outro... sei lá, na tentativa de descobrir porque é que cada um está aí... Isto é a cabeça (vermelhos superiores). A olharem um para o outro... para descobrir o que um e o outro é... Tanto que está aqui a mãozinha e tal... (D central superior)”	Gbl K H
1'10"		
III		
30" ^ v ^ v		
Uhm... assim de cabeça para baixo... parece...		
5) ... o caminho para o desconhecido...	“Tu estás aqui (D vermelho central)... aqui é o teu espaço (Dbl central). Sabes o que tens, sabes o que não tens, com o que podes contar... mas indo mais para a frente fica... fica tipo enublado (D central inferior) ... não sabes com o que hás de contar... não conheces... e talvez ter medo de continuar.”	D bl EF Abst
^ v ^ v		
(Guarda a o cartão)	I.L.: “Sim, por acaso consigo... (...) sei lá... Duas pessoas a interligarem-se... aqui... Estão aqui as pessoas (D laterais), e aqui (vermelho central) o... não é o coração, mas vá... o conhecimento das pessoas a... a ligar-se um ao outro...”	
1'10"	G K H Ban	
IV		
40"		Eq. Choque
Oooh... ^ v ^ v ^		
... Não sei porquê... parece-me...		
6) ... uma imagem autoritária... v ... de cabeça para baixo...	“Sim! Porque tem um aspecto muito carregado... parece quase opressivo, ou assim... uhm... (G) (...) Parece que está mesmo a olhar para ti (ti-se)... a sério...”	G ClobF Abst
7) ... parece uma flor que se acaba de abrir, a desabrochar...	“Uhm... sei lá... as pétalas (D laterais inferiores)... a flor assim (D central inferior)”	D kob Bot
(Guarda a cartão)		
1'35"		

V

30”

^ v ^ v ^

(aproxima e afasta da cara) ...

8) ... algo... libertador... a ver com liberdade...

“Porque aqui nestas coisas (**D laterais**)... pareceram-me... parece-me um animal (**G**) a bater as asas: lá vai ele despreocupado... despreocupado, livre, tudo...”

G F+- Abst

(Guarda a cartão)

1’10”

VI

45”

^ v ^ v ^

... é difícil... ou talvez não...

9) Uhm... o Sol a iluminar a Terra?

“É isso mesmo: o Sol a iluminar a terra. O Sol aqui (**D superior**)... em cima... e aqui está a luz a iluminar a Terra... talvez a iluminar uma terra que o... idolatra... (idolstrar?) É como se fosse Cristo a iluminar os cristãos (ri-se)... basicamente é uma coisa assim... O Sol é metaforicamente como Deus – não é que eu acredite em Deus, mas pronto – uhm... O Sol a Iluminar as pessoas que o adoram... cuidam dele... da terra e... sei lá... é tipo as pessoazinhas a dizer “oh, por favor faz crescer as nossas colheitas, nós adoramos-te e não sei quê...”

G kob Nat

“... Ou então...”

10) ... a expansão de algo a partir de um único ponto de origem...

“Tipo a teoria do Big Bang: de um pequeno pontinho (**D superior**)... jorra vida, vá... parte do mesmo princípio...”

G kob Abst

(Guarda a cartão)

1’45”

VII

50”

^ v ^

... não sei o que há para dizer nesta.

> <

v

11) ... um espaço aberto à espera de ser preenchido... de conhecimento ou de sentimento...

“Sim... epah, isto... virado para cima ou virado para baixo dá-me um significado contrário...”

“É como eu, quer sempre conhecer mais, saber mais... Isto é o que tu conseguiste até agora (**D lateral**), e para conseguir este (**Dbl central**) tens de conseguir mais”

Gbl F+- Abst

(vira e olha para trás do cartão)

< v ^ v ^

... mais parece um espaço... fora da confusão, onde possas... diminuir um pouco a tensão...

“A confusão está aqui (**Negro**) ... e aqui (**Dbl central**), pronto... o espaço branco é o espaço que tens para te reconfortares”

(Guarda a cartão)

2’15”

VIII

10”

“Uuuu... colorful!” (ri-se)

Choque Cor
(tempo lat.)

12) A multiplicidade... diferentes tipos de coisas... todas juntas... mas... todos diferentes e todos iguais...

“Tipos diferentes, cores diferentes, formas diferentes... só que estão todas interligadas, como se fossem uma só... Coisas diferentes... que se toleram e que vivem em... harmonia?”

G F+- Abst

(Guarda a cartão)

2’15”

IX

5”

^ v ^ v ^

Yey!

13) ... Uma explosão de energia!

... uhm... um pouco descabido...

“Explosão de energia...? (...) Em parte porque tem uma forma vibrante e... parece o libertar de qualquer coisa, o libertar de energia ou qualquer coisa... uma coisa assim (ri-se)... porque eu vejo as coisas mas muito muitas vezes não encontro a explicação para as coisas que vejo (ri-se)... Tipo, tu estás aqui no teu cantinho e não sei quê e, de repente... comesas a sentir qualquer coisa de novo e... e explodes e... estás contente pelo que sentes e... algo assim abstracto...”

G kob Abst

14) v ... Uma árvore um tanto ou quanto mística... aqui no interior... algo místico no interior...

(Guarda a cartão)

55”

“Eh pah... porque basicamente isto parece uma árvore (G) (ri-se). daquelas árvores que... dá para entrares pelo meio e... dá aquela sensação que há lá mais qualquer coisa, e tu não sabes o que é... Lá está... qualquer coisa, este sentimento de desconhecido, basicamente é esta coisinha aqui...”

G F+- Bot

X

2”

15) Uh! Parece a torre Eiffel! (ri-se) ... a torre Eiffel e à volta...

16) ... festa, energia, liberdade, movimentos, felicidade...

v ^

“Yal Isto é muito reconfortante!”

(ri-se)

(Guarda a cartão)

1’05”

“Formas (D central superior). A Torre Eiffel foi mais pela forma, mas...”

D F+ Arq

“... à volta da Torre Eiffel... mais uma vez as cores vibrantes, a disposição, em vez de estarem só numa parte do cartão, estão no cartão todo e... mais... (D C)”

D C Abst
→ kob

Crítica Subj.

ANEXO D – Psicograma Rorschach, Olívia 24 anos

R	16	G	8	75%	ΣF	7	H	1	F%	44%
Rec.	0	[Gbl	3]		[+	1]	(H)	1	F+%	50%
		[(D)G	1]		[-	1]	A	1	F-%	50%
T.T.	15'				[±	5]	Abst.	9		
T/R	56"	D	3	25%	C	1	Bot.	2	Fa%	56%
T/Lm	29,2"	[D bl	1]		EF	1	Nat.	1	F+a%	50%
					K	2	Arq.	1	A%	6%
					kob	4			H%	6%
					ClobF	1			Ban	0

Tipo de Sucessão: Incoerente

Tipo de Apreensão: G – D

T.R.I.: 2 K / 1,5 Σ C

Tipo Introversivo Misto

F.C.: 4 k / 1 Σ E

Tipo Introversivo Misto

RC%: 31%

IA%: 0%

Prova das Escolhas

++ VII, X

-- I, IV

Elementos Qualitativos

• **Equivalente de Choque:**

- o **Cartão I:** Apresenta fâcias de surpresa perante a apresentação do Cartão.
- o **Cartão IV:** “Ooooh...”.

• **Choque Cor:**

- o Redução significativa to tempo de latência aquando apresentados os cartões pastel (**VIII, IX, X**).

• **Crítica Subjectiva:**

- o **Cartão X:** “Ya! Isto é muito reconfortante!”

Prova das Escolhas

++

VII: “Identifiquei-me com ela, seja na parte do conhecimento, seja na da confusão.”

X: “Vibrei com as cores a as suas formas, fizeram-me correr a mente e, acredites ou não, aliviaram-me. É reconfortante porque estás a exprimir-te e não estás inibida por nada; estás aí para deixar sair o que tens cá dentro.”

--

I: “Deu-me a entender algo que não é bom, do tipo o que fazes hoje pode lixar-te amanhã. Assim sendo, mesmo que faças o bem hoje, amanhã podem-te retribuir com o mal.”

III: “Baseei-me mais na imagem autoritária porque nunca soube lidar com ela, embora leve com ela todos os dias, por assim dizer. Autoridade, opressão, rigidez, pressão psicológica, foi o que me fez sentir. Estes sentimentos fazem-me sentir revoltada e fora de mim.”

ANEXO E – Entrevista Narrativa em Associação Livre, Sandra 21 anos

Psicólogo) Boa tarde. Apesar de já saberes qual o foco do estudo [i.e. auto-mutilação], gostaria de conhecer melhor quem é a Sandra. Então aqui pedia-te que me falasses de ti. Quem é a Sandra?

Sandra) Er... okay... Eu não sou muito boa a falar de mim mesma... não encontro propriamente as palavras exactas, só mesmo aquilo que os outros me dizem, a maior parte das vezes... Eu... neste momento tenho 21 anos... er... sou estudante de psicologia... e... bem... na maior parte do tempo sou uma pessoa razoavelmente feliz, só que sou um bocadinho condicionada porque tenho agorafobia, que... aliás, síndrome de pânico com agorafobia... er... de resto, não sei exactamente o que há para dizer... Gosto de animais... gosto de muita coisa... demasiada coisa... gosto de muita coisa que gostava de fazer, principalmente... e isso acho que é o pior... uhm... não há muito por dizer (ri-se)... Eu não sei...

P.) Estás à vontade. Vamos ao teu ritmo.

S.) Não... só não sei mesmo o que dizer sobre mim... Sei lá... Desde criança que não sei, portanto...

P.) Desde criança...

S.) Sim, eu desde criança que... haviam aquelas composições na escola de... o que achas que és, ou como é que achas que és, e... okay... “o que é que eu vou escrever?”. Nunca... nunca soube muito bem o que havia de escrever ou dizer, porque... eu não sei exactamente dizer como sou, ou quem sou, ou... não sei... parece-me sempre tudo muito... abstracto... no sentido de... não sei. Simplesmente para mim não faz muito sentido. Portanto, não há uma definição muito exacta de quem tu és, portanto... há sempre um conjunto de... de factores que modelam a pessoa depois. Portanto dizeres que és uma coisa... vista de outro ponto de vista é sempre algo relativo em relação aos outros... pelo menos na minha perspectiva. Porque... os outros não... não... não sei... vives em sociedade, talvez seja mais por isso... Não que eu goste muito da sociedade... Portanto, eu definir-me não é exactamente uma coisa muito... fácil... acho que a palavra é “fácil”. Portanto, eu defino-me por aquilo que eu sei que os outros conhecem... basicamente... a agorafobia... Sou um bocadinho introvertida, mas depende das pessoas... há pessoas com quem eu sou extremamente extrovertida, e... é irónico que causa que por vezes até sou extrovertida mais com as pessoas que não me conhecem do que propriamente com as pessoas que... que... conheço... mas também não sou assim muito extrovertida... sim... Sei lá.

Não sou... tenho 21 anos mas não sou muito dentro do meu género... de... ou melhor... não sou muito dentro da minha geração... quase toda a gente da minha geração já fumou, bebeu e se drogou, e eu... fiquei-me pelo fumar, e mesmo assim... pouco tempo... muito pouco tempo... dois meses... nada de mais... socialmente... Nunca fui muito pessoa de sair, também, à noite... er... não só por causa da agorafobia, por acaso não... não... inicialmente não era por causa da agorafobia... por causa da minha mãe... e do meu pai, que não me deixavam sair de casa à noite... não me deixavam sair de casa, ponto. Er... agora... tem haver com a agorafobia... mas antes não... Por isso não... não sei. Não tenho muitos amigos... não me considero como uma pessoa com muitos amigos... mesmo os poucos amigos que tenho, sou bastante distante... Às vezes não é... não é bem por opção... não é uma opção, pelo menos... neste momento... não é uma opção... simplesmente acho que não devo interferir na vida dos outros... tem mais haver com isso... portanto... As pessoas, em princípio, sabem que eu gosto delas e... se precisarem... eu estou aqui (ri-se)... Além disso é complicado... er... é complicado manter amigos quando não... quando não posso sair com eles... ou quando não posso estar com eles... ou... ou qualquer coisa assim... eu tenho perfeita noção que: “okay, se calhar daqui a uns anos isso é uma... isso é uma... quando tivermos todos filhos, e...” (ri-se)... eventualmente... e afins... se calhar isso... isso se calhar é uma opção viável, mas... agora, em que as pessoas querem é focar na vida, e divertir, e sair, e etc. etc. etc., é muito complicado manter uma relação social com alguém, porque... não há muita gente que compreenda... e... mesmo as pessoas que eu tinha... que eram... até... os meus melhores amigos... que inicialmente diziam “ah sim, eu compreendo, eu compreendo”, depois... acabaram por não compreender e é... e não aceitam, ou aceitam, ou dizem que aceitam e não aceitam na verdade, e depois acabam por... espetar uma... uma espécie de faca nas costas... er... portanto... uhm... é complicado... não ter amigos quando se tem... agorafobia... a um nível... mais avançado... porque... não dá... simplesmente... As pessoas... afastam-se... eventualmente, ou fartam-se... convidam, convidam e convidam, e depois deixam de convidar porque... e eu compreendo! Mas não... não tenho ressentimentos contra isso... Até é o melhor. Eu não quero estar com uma pessoa para ter um ataque de pânico... não quero... portanto... Er... as poucas vezes que saio, saio com o meu namorado... especificamente... e... praticamente só com ele, se for com outra pessoa já me sinto bastante desconfortável... a não ser que seja com uma pessoa da minha confiança... o que é raro... Pronto... Mas pronto.

ANEXO F – Entrevista Narrativa em Associação Livre, Olívia 24 anos

Psicólogo) Boa tarde. Apesar de sabermos porque estamos aqui [i.e. auto-mutilação], eu quero, basicamente, perguntar-te quem és tu – que me falasses sobre a Olívia. Quem é a Olívia?

Olívia) Então... sou a Olívia. Er... Tenho 24 anos. E sou uma rapariga basicamente extrovertida, um bocado maluca (ri-se), por assim dizer. Uhm... gosto de ter uma mente aberta... aceitar tudo... o que me aparece à frente, e processar: a ver se é bom, se não é bom. Depois, vai mais pela via dos princípios a partir daí. Uhm... gosto... sei lá... gosto de me dar com as pessoas, conhecer gente... acho que sou uma boa amiga... acho que sou uma pessoa com quem os outros podem contar... uhm... mais... sei lá! Gosto de conhecer; gosto de conhecer coisas novas todos os dias... er... Não sei! Gosto muito... gosto de ir por aí, descobrir coisas e... interiorizar, pensar um bocado, e a razão das coisas, e... mas também tenho o meu lado mais depressivo, que é estar sempre a bater na mesma tecla, e... quando vou abaixo esquece... mas, er, nada como uma noite de sono bom... que possa curar. Às vezes gosto de estar no meu espaço: estou a fazer o que quero, penso no que quero... sou livre no meu espaço, vá... er... não tenho ninguém a apontar o meu aspecto, ou o meu pensar, ou o que sou, ou o caraças... e... mas também, lá está, só faço as coisas conforme os meus princípios; não vou por aí a desbastar caminho até... até... até haver alguma coisa que já não possa voltar atrás... er... falo de tudo abertamente, não tenho tabus – não tenho preconceitos... er... basicamente é assim... Que eu saiba não sou hipócrita, não sou... não sou manipuladora, não tenho essa... não tenho muitas coisas más; tenho os meus defeitos e admito que os tenho mas... não... não julgo pessoas, porque sei que posso, qualquer dia vir a fazer o mesmo, mesmo que inconscientemente... er... erm... sei lá! Sou um bocado espiritual, ou assim... basicamente acho que é isto... acho que está... (ri-se).

P.) Okay. Tens mais alguma coisa que queiras falar, ou explorar?

O.) Erm... acho que não... também estava a dar-me uma branca...

P.) Estás à vontade, tens o tempo que quiseres.

O.) (ri-se) Erm... pah, não sei... eh pah, pronto, normalmente não saio muito, mas quando saio... é basicamente para estar com pessoas e para ter um bocadinho de paz de alma, porque... ‘tou-me a rir, ‘tou a conversar, ‘tou a dizer maluqueiras, ‘tou... e de vez em quando, quando saio é mesmo, eh pah, é só para isso porque... normalmente... ‘tou... eh pah, em casa não se aprende nada basicamente (ri-se). É sempre a mesma coisa! E é para fugir à rotina! Pa tirar o stress – também tenho muito stress e essas coisas. Uhm... e... muitas vezes... escondo aquilo

que estou a sentir... tanto que hoje, quando 'tô com determinadas pessoas... er... eh pah, tipo os meus pais, o meu namorado, e assim... eu nunca falo muito, porque não sei como é que hei de dizer, porque nunca disse, nunca exteriorizei... basicamente... mais por isso... Talvez também por ter às vezes medo daquilo que eu diga, que possa não... estar de acordo... não é ter medo daquilo que eles pensem, é ter medo de... sei lá... quando 'tô a dizer uma brincadeira qualquer, ou de ofender ou qualquer coisa assim, então... só faço isso com gente que 'tô mesmo, mesmo, mesmo, mesmo à vontade... er... porque senão não... fica cá dentro e não sai... e... coisas más... interiorizo tudo, nunca digo nada, praticamente a ninguém...

P.) Coisas más...

O.) Coisas más. Sei lá... coisas que me afligem, coisas que me acontecem, coisas assim... uhm... no tempo do secundário, pronto... não guardava tanto porque... tinha... tinha amigos que já tinham passado pela mesma coisa e... e ajudavam-me e não sei quê, e ajudaram e... tanto que eu hoje já não faço nada disso (ri-se). E... uhm... devo... devo dizer... com muito respeito pelos meus pais... que foi mais os meus amigos que me ajudaram nessas coisas más, do que... do que, propriamente, eles, porque sendo uma casa muito conservadora falar de certas coisas aqui dentro de casa... desencadeavam uma explosão nuclear (ri-se), metaforicamente falando! Uhm... então virava-me para os meus amigos... e... a relação que eu queria ter mais próxima com os meus pais nunca chegou a acontecer... pode vir a acontecer – eu espero que sim –, porque não era, não era neles que eu... como é que eu hei-de explicar? Não era neles que eu via protecção... protecção? Sim: protecção. Para umas coisas sim, mas... para coisas cá de dentro não. E então virava-me mais, mesmo, para os meus amigos, única e exclusivamente... tanto que hoje sou o que sou, e... faço muitas piadas e não sei quê, e sou uma maluca do caraças, mesmo porque eles me ajudaram, porque senão nem sei onde é que andava agora. E ainda bem que eles me abriram os olhos, só posso dizer isso...

P.) Abriram os olhos?

O.) ... Certas perspectivas da vida, e... companhias e... coisas... coisas que me podiam ter levado por maus caminhos... er... claro que tenho muita coisa a agradecer aos meus pais, tipo: posso ter pouco mas gosto do que tenho, não tenho invejas de ninguém. Foi uma das coisas que os meus pais ensinaram: nunca ter inveja de ninguém, e não tenho... como tu estás a ver, não tenho assim grande coisa mas... tenho o que me satisfaz, basicamente. E se tenho o que me satisfaz, já... já faz de mim uma pessoa feliz, porque há pessoas bem piores... têm mais necessidades e isso assim, mas... pah... no geral gosto de me dar bem com toda a gente... o pior é quando descubro que há outra cara que não conhecia... (ri-se) e aí é para o lado e 'ta... 'ta arrumado... bate-me durante uns tempos, mas depois passa... E pronto... basicamente, acho que é isso.

ANEXO G – Valores normativos na prova Rorschach

VALORES NORMATIVOS NA PROVA RORSHACH

Escola Francesa	
Total de respostas	20-30
Tempo total	20'-30'
Tempo por resposta	45''-60''
G	20%-30%
D	60%-68%
Dd	6%-10%
Dbl	4%-6%
F%	50%-70%
F+%	70%-95%
F-%	<30%
A%	53%-50%
H%	12%-18%
Banalidades	5-7
Índice de Angústia	12%-15%
Índice Reacção à Cor	30%-40%

(Chabert, 2003; Rausch de Traubenberg, 1970)

NOTAS DE RODAPÉ

¹ Estrutura mental caracterizada por um conjunto de esquemas particulares de percepção duradouros, pensamentos e acções, sensibilidades, disposições e gostos, socialmente aprendidos pelas actividades e experiências diárias (Bourdieu, 1989; Scott & Marshall, 1998). Para Bourdieu (1989), este *habitus* trata-se de um processo dialético onde ocorre a interiorização da objectividade e exteriorização da interioridade, embora de forma subjectiva, sem pertencer somente à esfera individual, uma vez que o *habitus* de referência do grupo é garantido à proporção que estes indivíduos internalizam representações objectivas conforme as posições sociais que ocupam. Assim, o indivíduo desenvolve as suas disposições em resposta às condições sociais objectivas com que se depara, que por sua vez inoculam as experiências subjectivas, mentais, do sujeito.

² Movimento espiritual ocidental que se desenvolveu na segunda metade do século 20. Apresenta como preceitos centrais tanto as tradições espirituais e metafísicas orientais e ocidentais, infundindo-lhes com influências de auto-ajuda e psicologia motivacional, saúde holística, parapsicologia, pesquisa da consciência e física quântica (Drury, 2004).

³ O corpo subtil, conforme ensinamentos esotéricos, ocultos e místicos, é um corpo psico-espiritual constituinte dos seres vivos. Cada corpo subtil corresponde a um plano de existência subtil, numa hierarquia ou cadeia que chega a culminar na forma física do corpo (Purucker, 1996).

⁴ Acreditava-se que os antigos Deuses da Mesopotâmia teriam criado a humanidade a partir de barro infundido com sangue de um Deus morto por rebelião (McCarthy, 1969).

⁵ Cerimónias que marcam a mudança do estatuto de uma pessoa no seio da sua comunidade; esta representando mais que uma transição particular para o indivíduo, mas representa igualmente a sua progressiva aceitação e participação na sociedade na qual estava inserido, tendo, portanto, tanto o cunho individual quanto o coletivo. São frequentemente cerimónias em torno de eventos tais como marcos dentro puberdade, *coming of age*, o casamento e a morte (van Gennep, 1909).

⁶ O termo “masturbação” é utilizado como uma forma de auto-estimulação que envolve qualquer parte do corpo (Gardner, 2001).

⁷ Organização mental específica e consistente dominada por um afecto distintivo que une uma representação de si particular e uma representação de objecto característico (Young, 1988).

⁸ O termo “auto-erótico” é conotado geralmente como um comportamento sexual onde o sujeito possa adquirir satisfação pelo uso do seu próprio corpo, sem necessitar recorrer a outra pessoa (Gardner, 2001).

*"Bask in the light of all abominations for only when going
through the gates of the abyss you shall find your answer."*

- Liber Aeternus II.22

93, 93/93

